



INSTITUTO FEDERAL  
SUL-RIO-GRANDENSE

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE – CAMPUS PELOTAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA**

**ANA PAULA DE ARAÚJO CUNHA (ORIENTADORA/PESQUISADORA)**  
**JULIO MARIO DA SILVEIRA MARCHAND (PESQUISADOR)**

**TECNOLOGIA E IDENTIDADE DOCENTE:**  
**O PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA NA ERA DA CIBERCULTURA**

**Pelotas**  
**2014**

**JULIO MARIO DA SILVEIRA MARCHAND**

**TECNOLOGIA E IDENTIDADE DOCENTE:  
O PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA NA ERA DA CIBERCULTURA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSul.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula de Araújo Cunha

**Pelotas  
2014**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:**

Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881

M315t Marchand, Julio Mario da Silveira

Tecnologia e Identidade Docente: O professor de língua materna na era da cibercultura. / Julio Mario da Silveira Marchand; Orientadora : Ana Paula de Araújo Cunha. – Pelotas, 2014.

144f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSul.

1. Tecnologia. 2. Identidade. 3. Professor de língua materna. 4. Cibercultura. 5. Educação. I. Cunha, Ana Paula de Araújo; orient. II. Título.

CDD 370

**JULIO MARIO DA SILVEIRA MARCHAND**

**TECNOLOGIA E IDENTIDADE DOCENTE:  
O PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA NA ERA DA CIBERCULTURA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSul.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula de Araújo Cunha

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Paula de Araújo Cunha  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSul

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosária Ilgenfritz Sperotto  
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosália Procasko Lacerda  
Colégio de Aplicação da UFRGS - UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ângela Dillmann Nunes Bicca  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense - IFSul

Aprovado pela Banca Examinadora em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Pelotas  
2014**

## DEDICATÓRIA

Quando se ingressa em um curso de mestrado, carrega-se uma extensa expectativa, certo receio, muita vontade e o desejo de que tudo culmine com a aceitação e a aprovação da banca.

No entanto, até chegar-se à aprovação, um longo percurso é transposto, percurso no qual, muitas vezes, o mestrando necessita do apoio da família e dos amigos. Nesse sentido, a simples presença, um olhar solidário, o abraço que não precisa de palavras, ou o simples silêncio carregado de sentido contribuem para que se tenha a convicção de se estar trilhando o caminho certo.

Dessa forma, algumas pessoas precisam receber o devido reconhecimento neste momento tão decisivo. Sendo assim, com muito respeito e amor, dedico este trabalho:

Ao meu companheiro, Carlos Eduardo, pelo profundo apoio, dedicação e, principalmente, pela confiança e admiração demonstradas pelo trabalho que se instaura, por aceitar minhas ausências e entender minha necessidade de crescimento intelectual. Este trabalho também é teu.

À minha filha, Priscila, por não cobrar minha presença, por aceitar tê-la ouvido menos, pela ajuda com seu profundo senso estético na elaboração dos diversos trabalhos desenvolvidos ao longo das aulas, mas principalmente por incentivar os meus sonhos e, dessa forma, possibilitar a concretude deles. Este trabalho é para ti.

À minha colega/amiga, Patrícia Garcia, por partilhar de todos os momentos dessa longa jornada, por compartilhar ansiedades, por ouvir-me, por contribuir com o seu conhecimento de informática, pelos momentos de descontração e das boas risadas que demos juntos. Foste vital nesta jornada.

Aos meus irmãos, cunhado e sobrinhos, por sempre, desde o começo de minha graduação, acreditarem que posso ir adiante, que sou capaz. A visão positiva que vocês têm de mim é crucial para que eu siga.

Às professoras objeto da pesquisa que confiaram na seriedade deste trabalho e aceitaram revelar seu fazer, compartilhar suas ansiedades, mostrar-se diante de um assunto tão relevante e atual, mas que, de certa forma, ainda inquieta muitos profissionais. Muito obrigado!

Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo, respeito e leveza que demonstraram durante as aulas, ficarão para sempre em mim como uma marca agradável e alegre.

Aos queridos bolsistas, Daniele Piraine, Marcos Barbosa Estery e Bruno da Silva Teixeira pela dedicação e carinho demonstrados em todos os nossos encontros e também pela importante colaboração na execução deste trabalho.

Aos meus amigos, pelo amor incondicional, por aceitarem meu afastamento momentâneo.

## AGRADECIMENTOS

À professora Dr<sup>a</sup>. Rosária Ilgenfritz Sperotto, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, por, apesar de suas muitas tarefas diárias, dispensar algumas horas de seu tempo para examinar meu texto e, principalmente, pela forma carinhosa com que se prontificou a ajudar-me no momento da qualificação de meu projeto; espero ter feito jus aos seus conselhos.

À professora Dr<sup>a</sup>. Ângela Dillmann Nunes Bicca, pela dedicação demonstrada nas disciplinas ministradas que, certamente, ofereceram subsídios para o desenvolvimento do texto que se apresenta. Pelos muitos conselhos e dicas fornecidas no momento de minha qualificação e pela pronta disponibilidade em examinar com seu olhar científico e curioso a minha dissertação.

À professora Dr<sup>a</sup> Rosália Procasko Lacerda do Colégio de Aplicação da UFRGS – UFRGS por debruçar-se nas páginas deste trabalho e dedicar horas de seu tempo no intuito de colaborar com o pesquisador.

Ao professor Dr. Róger Albernaz de Araujo, pelas muitas vezes em que me instigou a pensar o processo de execução de meu trabalho, bem como por não se furtar a dividir seu conhecimento e olhar crítico no momento de minha qualificação, presença importante em minha trajetória.

À querida amiga, Vanessa Damasceno, por todo o apoio recebido quando da execução do projeto e pela amizade fraterna que sempre nos manterá próximos.

A todos os professores que constituem o qualificado grupo de docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE. Todos contribuíram para a construção e fomentação de meu pensamento científico.

À professora Dr<sup>a</sup>. Ana Paula de Araújo Cunha, querida orientadora, pela forma incansável com que se doou para a execução deste trabalho. Obrigado pela maneira como descortinou todo o seu conhecimento em prol da execução desta dissertação; por saber se impor quando preciso; pelo aconchego no momento necessário; pela defesa quando precisei dela; pelo sim e pelo não; por acreditar em minha capacidade e deixar-me navegar em meus momentos de devaneio; por não temer o elogio; pelo constante sorriso, mesmo após horas de orientação. Sempre haverá um espaço de gratidão e afeto em meu coração por sua vital participação na concretização de um sonho acalentado durante tanto tempo e, muitas vezes,

considerado distante. Sua capacidade e generosidade conseguiram incentivar sobremaneira a vontade de que este trabalho desse certo. Enfim, um simples “muito obrigado” não definiria o sentimento de gratidão, afeto e respeito que sinto, já com saudade de nossos encontros, em mais um apagar das luzes, mas que anuncia um novo amanhecer. Até breve!

*“O professor, desde que surgiu o livro, sempre teve um pouco de receio de que o aluno aprendesse outras versões além da dele. Só que hoje você tem muitas outras formas de informações em qualquer mídia, e a Internet agrava ainda mais a sensação de que o aluno pode encontrar informações que o professor não tem. Para o professor inseguro, é uma espécie de desafio encontrar uma prática que não seja a do controle. A tentação desse tipo de professor é fechar em cima de uma única versão. O professor mais maduro trabalha com múltiplas visões, tentando relativizar nosso conhecimento, mostrando que estamos construindo algo que é provisório. A nossa visão agora é esta: eu aprendo com o que o outro me traz. Essa visão é muito mais tranquila. É a aceitação de que eu não sou onipotente, que não tenho respostas para tudo, não sou enciclopédia. Eu aprendo melhor reconhecendo a minha ignorância.”*

José Manuel Moran

## RESUMO

MARCHAND, Julio Mario da Silveira. **Tecnologia e identidade docente: o professor de língua materna na era da cibercultura**. 2013. 144f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia. Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Pelotas.

O presente estudo traduz-se em uma pesquisa qualitativa que visa refletir acerca da crescente disseminação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) e suas possíveis implicações no que tange à constituição identitária do docente e aos reflexos observáveis em seu fazer pedagógico. Considerando-se a asserção de Hall (1998), segundo a qual *o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas*, esta investigação procurou identificar traços desse professor dotado de identidade(s) e dividido entre o fazer tradicional, que conforta e acomoda, e o fazer contemporâneo, que o arranca de sua zona de conforto, da posição de detentor único do saber. Mais especificamente, à luz de pressupostos concernentes a questões que envolvem o letramento do professor no universo virtual (SOARES, 2002), além de estudos que possam contribuir, em alguma extensão, para que se entenda o processo de formação da identidade do docente que vive em um contexto em que a cada dia eclodem novas formas de ferramentas tecnológicas (cf. HALL, 1998; DEMO, 2009; MORAN, 2009-10; GIDDENS, 2002; BAUMAN, 2001-05; LÉVY, 1999), investigaram-se indícios de mudanças identitárias de um grupo restrito de professores de língua portuguesa, de escolas das redes pública e privada de ensino, resultantes da crescente necessidade da inserção das NTIC no contexto de sala de aula. No intuito de se traçar o perfil identitário dos sujeitos alvos da pesquisa, procedeu-se a coleta de dados, a qual se deu por meio de entrevista, gravação e questionário, instrumentos esses elaborados de tal modo a suscitar nos professores a verbalização de aspectos pertinentes à sua formação e atuação profissional e à imagem que têm de si na era da cibercultura. A partir de tais elementos, emergiram as categorias fundamentais de análise que nortearam as reflexões articuladas. Percebeu-se, em síntese, que as professoras investigadas encontram-se divididas entre um discurso vigente (o professor precisa utilizar as NTIC em sala de aula) e uma realidade que dificulta essa prática pedagógica.

**Palavras-chave:** Tecnologia. Identidade. Professor de língua materna. Cibercultura. Educação.

## ABSTRACT

MARCHAND, Julio Mario da Silveira. **Tecnologia e identidade docente: o professor de língua materna na era da cibercultura**. 2013. 144f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia. Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Pelotas.

This study comprehends a qualitative research that aims to reflect on the increasing spread of the New Information and Communication Technologies of ( NICT) and its possible implications regarding the identity construction of in-service teachers, as well as the observable reflections in their pedagogical practice. Considering Hall's (1998 ) assertion, according to which the *subject, previously experienced as having a unified and stable identity, is becoming fragmented, composed not of a single, but of several, sometimes contradictory or unresolved, identities*, this research sought to identify the features of that teacher gifted with identity(s) and divided between the traditional practice, that comforts and accommodates, and the contemporary practice, that pushes him/her out of his/her comfort zone, that is, outside the position of unique knowledge holder . More specifically , in the light of assumptions concerning issues that comprehend literacy teacher in the virtual universe ( SOARES , 2002), in addition to studies which can contribute , to some extent , to understand the identity formation process of the teacher who lives in a context in which new forms of technological tools emerge every day ( cf. HALL , 1998; DEMO 2009 ; MORAN , 2009-10 ; Giddens , 2002; BAUMAN , 2001-05 ; Lévy , 1999) , we investigated some evidence of identity changes from a small group of Portuguese language teachers, from public and private school systems , resulting from the growing need of integration of NICT in the classroom context. In order to trace the identity profile of the target subjects of the research, we proceeded to the data collection, which occurred through interviews , recordings and questionnaires, instruments that have been elaborated as to elicit from such teachers the verbalization of relevant aspects concerning their formation and professional performance and the image they have of themselves within the cyberculture era. From these elements, emerged the fundamental categories of analysis that guided the articulated reflections. Summarizing, we noticed that the investigated teachers have been divided between a current discourse (it's necessary to use NICT in classroom) and a reality that stickles such a pedagogical practice.

**Keywords:** Technology; identity; Portuguese language teacher; cyberculture; Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 O TEMA.....	14
1.2 UM POUCO DE HISTÓRIA.....	15
<b>2 MOTIVAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO: UM ALUNO QUE SE TORNOU PROFESSOR EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE.....</b>	<b>19</b>
<b>3 JUSTIFICANDO A ESCOLHA, CARACTERIZANDO O PROBLEMA E ESTABELECENDO METAS.....</b>	<b>29</b>
3.1 JUSTIFICATIVA .....	30
3.2 PROBLEMA .....	30
3.3 OBJETIVO GERAL .....	32
3.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	33
<b>4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>34</b>
4.1 REVISÃO DA LITERATURA .....	47
4.2 IMAGENS QUE POVOAM O IMAGINÁRIO E SÃO SOLIDIFICADAS POR MEIO DA MÍDIA .....	57
<b>5 UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL? PROGRAMAS GOVERNAMENTAIS QUE INCENTIVAM A INCLUSÃO DIGITAL .....</b>	<b>63</b>
5.1 PROGRAMA BANDA LARGA NAS ESCOLAS.....	63
5.2 PROJETO CASA BRASIL.....	64
5.3 COMPUTADORES PARA INCLUSÃO.....	64
5.4 OFICINA PARA INCLUSÃO DIGITAL.....	65
5.5 ONID .....	66
5.6 PROJETO CIDADÃO CONECTADO – COMPUTADOR PARA TODOS.....	66
5.7 PROGRAMA GESAC.....	67
5.8 PROGRAMAS DE IMPLANTAÇÃO DE SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS .....	68
5.9 PROGRAMA DE INCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL.....	68
5.10 PROINFO INTEGRADO.....	68

<b>5.10.1 Cursos Ofertados .....</b>	<b>69</b>
5.11 PROGRAMA TELECENTROS COMUNITÁRIOS .....	70
5.12 TELECENTROS BR.....	71
5.13 TERRITÓRIOS DIGITAIS.....	71
5.14 UM COMPUTADOR POR ALUNO.....	72
<b>6 A PESQUISA E SUA METODOLOGIA .....</b>	<b>73</b>
6.1 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS.....	75
6.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS .....	76
6.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	76
<b>7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>79</b>
7.1 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	79
<b>7.1.1 Professoras de Escola Pública .....</b>	<b>79</b>
<b>7.1.2 Professores de Escola Particular .....</b>	<b>82</b>
7.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS.....	87
<b>8 CONCLUSÃO .....</b>	<b>95</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu de dúvidas e expectativas oriundas do pesquisador ao longo de sua vida acadêmica e profissional, ou mesmo antes, durante o período em que era aluno do Ensino Médio ou mesmo Fundamental.

Não se pode negar que, de um modo geral, a relação professor-aluno deixa profundas marcas que se manterão presentes ao longo de toda a existência, seja por exemplos admirados e muitas vezes imitados, seja por ações negativas que não serão reproduzidas, mas que podem causar sequelas as quais precisarão ser trabalhadas ou se manterão ao longo da vida.

Quais as maneiras de ensinar? Como o professor pode criar um programa de aula que atinja de maneira positiva o seu aluno? De que forma, em uma sociedade na qual crescem as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC), o professor poderá inserir esses instrumentos ao seu fazer pedagógico? Essas e outras questões fazem parte do cotidiano dos profissionais da Educação.

Nesta pesquisa, são considerados, especificamente, os professores que ministram Língua Portuguesa. Outras tantas disciplinas poderiam ser analisadas; optou-se, no entanto, pela língua materna no intuito de se uniformizar a pesquisa, tentar torná-la consideravelmente consistente, pois se tornará mais visível a relação de comparação entre as respostas e os posicionamentos dos sujeitos alvos da pesquisa, uma vez que todos trabalham a mesma disciplina, mesmo que previamente se esteja ciente de que isso não seja garantia de uniformização, já que os sujeitos analisados possuem experiências de vida e formações diferenciadas.

Os sujeitos alvos da pesquisa foram escolhidos, tendo-se como princípio o fato de que dois deveriam trabalhar em escolas públicas e dois em escolas privadas. Utilizou-se essa opção para que se tornasse possível a comparação entre os dois tipos de sistemas de ensino, uma vez que existe o pressuposto no senso comum de que as escolas particulares são sempre mais bem equipadas.

## 1.1 O TEMA

A instauração da cibercultura (Pierre Lévy) provocou (ou deveria pressupostamente provocar) inúmeras mudanças na atuação pedagógica do professor. Não se espera hoje que a preparação de uma aula esteja somente restrita ao uso de quadro-negro e giz. Nessa perspectiva, por meio do estudo proposto, estabelecem-se reflexões sobre as possíveis mudanças na identidade do professor resultantes da crescente necessidade da inserção da(s) Tecnologia(s) de Informação e Comunicação (TIC) no contexto de sala de aula de língua materna. Como afirma Bauman em *Capitalismo Parasitário* (2010, p.41):

A perspectiva de se ver restrito a uma única coisa a vida inteira é repulsiva e apavorante. O que não surpreende, pois todos sabem que até os objetos de desejo logo envelhecem, perdem o brilho num segundo e, de símbolos de honra, transformam-se em estigmas de infâmia.

E instiga a reflexão:

No turbilhão de mudanças, é muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas, o tipo de conhecimento prometido pelos programas de computador que entram e saem das prateleiras das lojas num ritmo cada vez mais acelerado (*op. cit.*, p.42).

Finalmente, sentenciamos:

Em todas as épocas, o conhecimento foi avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais “bem-informados”? (*op. cit.*, p.43).

Por meio das citações de Bauman, pode-se começar a pensar no quão difícil é encontrar-se indícios de uma identidade profissional do docente, ou, em âmbito geral, qualquer identidade profissional. Percebe-se, no entanto, a imposição de uma mudança no fazer, mudança essa impulsionada por todo o aparato tecnológico que invade a contemporaneidade num ritmo frenético, o qual não prevê a possibilidade de uma volta exclusiva aos meios tradicionais de ensino-aprendizagem.

## 1.2 UM POUCO DE HISTÓRIA

As Tecnologias da informação e comunicação (TIC) podem ser caracterizadas como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum. As TIC são utilizadas das mais diversas formas: na indústria, no comércio, no setor de investimentos e na educação.

A criação e o aperfeiçoamento de *hardwares* e *softwares* garante a operacionalização da comunicação e dos processos decorrentes em meios virtuais. Entretanto, foi a popularização da *Internet* que potencializou o uso das TIC em diversos campos. Por meio da *Internet*, novos sistemas de comunicação e informação foram criados, formando uma rede. Criações como o *e-mail*, o *chat*, os fóruns, a agenda de grupo online, comunidades virtuais, webcam, entre outros, revolucionaram os relacionamentos humanos.

Pela aplicação do trabalho colaborativo, profissionais, ainda que afastados geograficamente, conseguem efetuar um trabalho em equipe. A troca de informações proporciona novos conhecimentos e competências profissionais.

Conforme Thais Pacievitch (s.d.), novas formas de integração das TIC são criadas e não se pode desprezar o fato de que uma das áreas mais favorecidas com as TIC é a educação. Na educação presencial, as TIC são vislumbradas como elementos fortalecedores dos processos de ensino–aprendizagem.

Relevante o fato de as TIC representarem um avanço, bastante importante, na educação a distância. Com a criação de ambientes virtuais de aprendizagem, os alunos podem se relacionar, trocar informações e experiências. Os professores e/ou tutores conseguem realizar trabalhos em grupos, debates, fóruns, dentre outras formas de tornar a aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, a gestão do próprio conhecimento depende da infraestrutura e da vontade de cada indivíduo.

A popularização das tecnologias de informação, aliada a inclusão digital, pode se tornar um marco dessa civilização. É necessário, entretanto, que se diferencie informação de conhecimento. Sem dúvida, vive-se a Era da informação, ou, nos termos de Lévy, a Era da Cibercultura.

As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) apresentam aplicabilidade em todas as áreas da atividade humana e são capazes de ocasionar alterações em todas elas. Percebem-se inúmeras aplicações da Informática na indústria, na pesquisa científica, nas comunicações, nos transportes, entre outros. A

sua introdução, na sociedade em geral, revolucionou os métodos de gestão e de produção das grandes empresas e os processos de produção científica, e, atualmente, a Informática tornou-se indispensável, também, nos hospitais, nos bancos, nos escritórios, nas escolas e nos lares de milhares de pessoas. Tal é a disseminação das NTIC que a sua entrada na sociedade contemporânea já se tornou um fato inegável.

Pessoas de diferentes regiões têm a possibilidade de acompanhar os fatos mundiais mais recentes no mesmo momento em que ocorrem. Podem, de forma mais rápida e eficiente, obter informações, experiências e opiniões sobre lugares distantes e tempos diferentes. Também é possível adquirir conhecimentos sobre outras civilizações, da cultura dos nossos antepassados e dos valores, atitudes, costumes e crenças do mundo de hoje. Enfim, a ampliação e o aperfeiçoamento da comunicação podem romper as fronteiras geográficas existentes entre os homens e torná-los “cidadãos do mundo”.

A Era da Informação teve sua origem na busca da automatização pelo homem das tarefas repetitivas. O ábaco, instrumento para cálculos usado por volta de 1000 anos a.C. pelos chineses pode ser considerado como o parente mais distante do computador. Em 1938, foi produzido na Alemanha, o primeiro modelo Z1 usando a teoria binária. Com o apoio da IBM, o matemático americano Howard Aiken apresentou, em 1942, o Mark I, que media 15m x 2,5m e foi a primeira máquina capaz de efetuar cálculos complexos sem a interferência humana.

Em 1946, nos Estados Unidos, foi construído o Eniac, que era duas vezes maior que o Mark I, porém 1000 vezes mais rápido. Ainda na mesma época, John Von Neumann estabeleceu a arquitetura básica do computador usado até hoje: memória, unidade central de processamento, dispositivo de entrada e saída de dados. Chegaram ao mercado os primeiros modelos de computadores.

Em 1947, cientistas dos laboratórios BELL criaram o transistor, que faz as mesmas funções das válvulas a um custo bem menor. Em 1958, a Texas Instruments anunciou o circuito integrado, conjunto de transistores, resistores e capacitadores constituídos sobre uma base de silício (chip). Com ele, avançou a miniaturização dos equipamentos eletrônicos, permitindo o surgimento de computadores de menores dimensões, mais rápidos e mais baratos.

No início da década de 70, a Intel Corporation, uma pequena empresa norte-americana projetou o microprocessador, que reuniu num só circuito integrado todas as funções do processador central: a Unidade Central de Processamento.

Em 1974, o então estudante da Universidade de Harvard, Bill Gates, junto com o colega Paul Allen, desenvolveu um interpretador BASIC para o Altair, o primeiro modelo de microcomputador. Um ano depois, os dois fundaram a Microsoft, hoje a maior empresa de *softwares* do mundo.

Em 1976, criou-se o primeiro computador pessoal, o Apple I. O sucesso comercial da computação pessoal viria através da IBM, que em 1980 resolveu investir na produção de uma máquina de baixo custo lançando seu PC (Personal Computer) e contratando a Microsoft para desenvolver o sistema operacional, o MS-DOS.

As NTIC são tecnologias e métodos para comunicar surgidas no contexto da Revolução Informacional, "Revolução Telemática" ou Terceira Revolução Industrial, desenvolvidas gradativamente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 1990. A maioria delas se caracteriza por agilizar, horizontalizar e tornar menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações (texto, imagem, vídeo e som). Considera-se que o advento das novas tecnologias, bem como a maneira como foram utilizadas por governos, empresas, indivíduos e setores sociais, possibilitou o surgimento de uma sociedade conectada.

Alguns exemplos de NTIC: os computadores pessoais, as câmaras de vídeo e foto para computador ou webcams, a gravação doméstica de CDs e DVDs, os diversos suportes para guardar e portar dados como os disquetes, discos rígidos ou HDs, cartões de memória, a telefonia móvel, a TV por assinatura, a TV a cabo, a antena parabólica, o correio eletrônico, a *Internet*, a world wide web (WWW), os *websites* e home Page, o streaming (fluxo contínuo de áudio e vídeo via *Internet*), a wikipedia (enciclopédia possível devido à *Internet*, à WWW e à invenção do Wiki), a fotografia digital, o vídeo digital, o cinema digital (da captação à exibição), o som digital, a TV digital, o rádio digital, Wi-Fi, Bluetooth, RFID (do inglês "**R**adio-**F**requency **I**Dentification"), um método de identificação automática através de sinais de rádio, recuperando e armazenando dados remotamente através de dispositivos denominados **etiquetas**.

Apesar do impacto causado pela evolução tecnológica, parece que, infelizmente, a rapidez desse avanço não conseguiu atingir a educação, pelo menos não na mesma velocidade com que as ferramentas do ciberespaço evoluem. O ambiente escolar, em sua maioria, ainda parece preso às amarras de um passado que obsta qualquer movimento em direção a uma mudança efetiva, que se acomoda com a utilização de antigas ferramentas, ou utiliza timidamente o que se apresenta como novo no intuito de impor à comunidade escolar uma imagem de modernidade, de se estar incluso na “nova onda”.

No capítulo seguinte, anunciar-se-ão os motivos para o desenvolvimento do trabalho, ou seja, a motivação oriunda de um aluno que se tornou professor em busca de uma identidade, a partir das indagações advindas de observações desde as séries iniciais até o próprio fazer pedagógico. No referido capítulo, optou-se pelo uso da primeira pessoa em detrimento da terceira em função de tratar-se de um espaço que se abre para que o pesquisador narre de maneira pessoal, mesmo por não conseguir fazê-lo de outra forma, o relato de sua trajetória de vida que culminou na escolha do tema abordado no trabalho que se apresenta.

## **2 MOTIVAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO: UM ALUNO QUE SE TORNOU PROFESSOR EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE**

Cursei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escolas públicas, também minha formação universitária foi em uma instituição pública, sei o valor do ensino público, por isso quero contribuir para o seu desenvolvimento efetivo; acredito, sim, na possibilidade de um ensino gratuito de qualidade, quero isso para as crianças de minha família que estudam, em sua maioria, em escolas municipais e estaduais. Também sei da importância que o ensino particular adquiriu, muito pela estrutura física, que oferece quase todos os recursos tecnológicos de que o aluno possa necessitar para a construção do conhecimento.

Estudei durante o Ensino Fundamental na Escola Estadual Brigadeiro José da Silva Paes (1ª e 2ª séries), na Escola Fundamental Clemente Pinto (3ª, 4ª, 5ª séries), na Escola Estadual Mascaranhas de Moraes (6ª série) e concluí o Ensino Fundamental na Escola Genecista Nossa Senhora Medianeira (7ª e 8ª séries). Fui um aluno aplicado e interessado, embora precisasse estar sempre atento, estudando bastante para assimilar os conteúdos ensinados, que, na época (de 1973 a 1981), apresentavam outra estrutura; eram, muitas vezes, mais decorativos, dava-se mais atenção à quantidade de informações acumuladas.

Durante o Ensino Médio, transformei-me em um aluno mais atuante, menos tímido. Isso me tornou mais aplicado e popular, sendo que comecei o 1º ano na Escola Estadual Lemos Júnior no ano de 1982. Ao término do Ensino Médio, mudei totalmente o rumo que pretendia tomar, uma vez que pretendia cursar medicina. Não sei exatamente o que aconteceu, sei que foi algo interno, algo relacionado à minha concepção do que seria vida; uma necessidade de mudança, um descontentamento com a vida que estava tendo. Meio sem rumo, resolvi ingressar no mundo do trabalho, no qual permaneci durante algum tempo.

Tempos após, desmotivado com o tipo de trabalho que executava, que não oferecia perspectivas de uma vida profissional satisfatória e na busca por uma situação estável para o futuro, comecei a sonhar com o curso de Letras – sempre gostei de Língua Portuguesa – e a estudar para o vestibular. Na década de 90, realizei o tão sonhado vestibular e fui aprovado. Ingressei na universidade como alguém que está se afogando e encontra um único galho boiando no caminho. Prometi a mim que nada iria impedir um excelente desempenho acadêmico. Daquela

momento até a formatura, o curso de Letras seria minha prioridade. Assim aconteceu, já no primeiro semestre, houve problemas em conciliar o horário de saída do trabalho e o horário de ingresso na universidade. Foi-me sugerido, sutilmente, a necessidade de uma escolha. Sem vacilar, fiz a melhor escolha, optei pela graduação, saindo do emprego sem saber exatamente o que iria acontecer (o que alguns tacharam de irresponsabilidade, eu chamo de convicção, convicção de que eu poderia mudar o meu destino e mudei). Esse fato só concretizou a certeza do poder de transformação pela educação.

Hoje, mais uma vez, estou imbuído dessa necessidade e dessa convicção. Por isso candidatei-me a uma vaga no Mestrado em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. A aprovação deu-me, mais uma vez, a chance de ingresso no universo acadêmico, possibilitou-me o contato com autores, filósofos e pensadores que muito me acresceram e dos quais – devido à dura rotina de horas em sala de aula – estava afastado.

Além disso, atuando como professor de Língua Portuguesa e Redação há alguns anos, sentia profunda necessidade de aprimorar meus conhecimentos sobre teorias da educação, principalmente aquelas relacionadas à constituição da identidade docente, pois considero que nela esteja a essência do modo como nos construímos, construímos o outro e o mundo que nos cerca, elementos fundamentais para a leitura e produção de textos e da vida de alguém que pretenda contribuir para a formação de alunos conscientes e autossuficientes.

Além disso, estou ciente da relação intrínseca entre educação e prática social, da interferência do contexto na formação do indivíduo e da necessidade do respeito às diferenças, como, por exemplo, aquela que se relaciona diretamente à prática do ensino da nossa língua materna, ou seja, ao uso da linguagem. Como nas palavras de Paulo Freire em uma entrevista concedida ao jornal Folha de São Paulo, as quais, em muitos momentos, norteiam meu trabalho, servindo de alerta nas vezes em que, porventura, o preconceito tenta cegar minha visão quanto ao que seja produzir conhecimento (para mim, sinônimo de interação):

A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda sintaxe, mas sem desprezo pela sua. Oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a sua sintaxe, mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: 'Mas para tua própria vida tu precisas dizer a gente chegou em vez de a gente

cheguemos'. Isso é diferente, a abordagem é diferente. É assim que devemos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade.

Minha experiência como docente data de 1993, quando, no segundo semestre do curso de Letras da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), comecei a ministrar aulas de apoio a estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas e particulares de Rio Grande.

Paralelamente ao ingresso na vida docente e antes até, quando graduando do curso de Letras da FURG, surgiu-me uma inquietação e uma necessidade por saber mais sobre educação, sentimento o qual se transformou em certeza durante os seminários de educação e aulas de didática pela convicção de que somos sujeitos que nos criamos e recriamos da mesma forma que criamos e recriamos o mundo que nos cerca. Esta constatação faz que o educador passe a ter ciência do quanto é importante a observação do aluno, sabê-lo movido por ideologias, influenciado em seus princípios, no modo de pensar o mundo em que vive e no uso da linguagem pelo ambiente em que vive, pela interação com aqueles que o cercam e também pelos meios de comunicação e, mais do que nunca, pela tecnologia.

O primeiro curso em que atuei foi de significativa importância para minha carreira, uma vez que lá pude consolidar minha vocação pelo trabalho com educação, percebendo o quanto tal ofício exige, quer por meio de uma constante atualização, quer pela observação do aluno como um ser único, com características próprias, deficiências e aptidões individuais, indissociáveis.

Em 1997, comecei a atuar em cursos pré-vestibulares, ministrando aulas de Língua Portuguesa. A prática de sala de aula no curso pré-vestibular foi diferente e mostrou-me outras nuances do que seria ensinar. Após um conflito inicial, uma vez que discordava do modo como o conteúdo era trabalhado, consegui, a partir de uma forte intuição de qual seria a necessidade daquele aluno, desenvolver um trabalho de retomada dos conteúdos já apreendidos, pois um curso preparatório para o vestibular deveria ser um local que possibilitasse ao aluno rever/relembrar assuntos já vistos e adormecidos pela falta de aplicação.

Em 1998, desenvolvi, simultaneamente ao trabalho em pré-vestibular, um trabalho para a Federação dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação, grupo sindical de Porto Alegre, que engendrava um projeto em várias cidades do estado, entre elas, Rio Grande. Assim, a partir de março de 1999 incorporei-me ao "Projeto

Integrar” – projeto de parceria entre a Indústria da Alimentação e o Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

O Projeto Integrar apresentava uma proposta de fundo social que me seduziu desde o primeiro momento, uma vez que o público alvo seria constituído por funcionários da indústria da alimentação em vias de perderem o emprego por falta de uma escolaridade adequada. Nossa tarefa seria prepará-los para uma prova que serviria para a aquisição do título de conclusão do Ensino Fundamental e, principalmente, resgatar a autoestima perdida em longos anos de desprestígio profissional e na vivência de uma parca possibilidade cultural e intelectual. Sendo assim, precisaríamos mostrar que é possível trabalhar, manter-se, correr atrás do “pão nosso de cada dia” e pensar, ser crítico, introjetando e analisando questões que, queiramos ou não, estão presentes em nosso dia a dia, como saúde, política, economia, sexo, planejamento familiar etc.

Além da vivência com um aluno sentimentalmente rico, o Projeto Integrar propiciou-me um interessante desenvolvimento profissional, pois pude participar de algumas oficinas de aperfeiçoamento em Porto Alegre e obtive a possibilidade de produzir dois trabalhos que acabaram publicados: como coautor no texto “Projeto Integrar/RS-Alimentação: Uma Educação por Projetos de Trabalho”, apresentado no II Congresso Internacional Multidisciplinar sobre Aprendizagem em Passo Fundo/RS e como colaborador na execução da revista “Projeto Integrar/RS/Alimentação – O Resgate da Cidadania.

No ano de 1999, após concluída a primeira turma do Projeto Integrar e o início de um longo período de recesso do projeto, senti a necessidade de solidificar o meu trabalho e buscar novas experiências profissionais. Assim, desliguei-me do Projeto Integrar para atuar como professor substituto na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e professor de Língua Portuguesa no município de Capão do Leão. Isso se deveu ao fato de ter sido aprovado em 2º lugar no ano de 1999 na seleção para o preenchimento da vaga de Professor Substituto no Departamento de Letras do ILA/UFPel, na área de Língua Portuguesa e Linguística e em 1º lugar no concurso de provimento de vagas para Língua Portuguesa – Área II da Prefeitura Municipal de Capão do Leão.

Na UFPel, vivenciei a responsabilidade de formar educadores, pessoas que teriam na minha conduta em sala de aula um norte para seu trabalho, pessoas que, após quatro anos, estariam atuando. Minha maior preocupação foi a de não ser um

mero transmissor de conteúdo, nunca pretendi apresentar essa conduta, mas na universidade tal preocupação tornou-se mais acentuada.

Sendo assim, no ILA trabalhei com diversas disciplinas que me fizeram crescer profissionalmente e com diversas pessoas que me possibilitaram um crescimento pessoal. Dessa forma, trabalhei com os Cursos de Artes, Designer Gráfico, Letras e com o curso de Pós-graduação. Para os alunos de Artes e Designer Gráfico lecionei as disciplinas Técnicas de Leitura e Redação I e Técnicas de Leitura e Redação II; para o curso de Letras, as disciplinas Estrutura da Língua Portuguesa III, Linguística I, Linguística II, Técnicas de Leitura e Redação I e Técnicas de Leitura e Redação II; na turma de pós-graduação - constituída por pessoas graduadas em Arquitetura, Artes e História – desenvolvi a disciplina Produção Textual, a qual deveria servir de facilitador na tarefa de produzir a monografia de conclusão de curso.

Durante minha permanência na Universidade Federal de Pelotas e também em todos os momentos de reflexão sobre o meu trabalho, pude constatar o quão é importante o conhecimento de teorias que embasem a construção do encontro professor/aluno – teorias que não precisam ser explicitadas, mas servem para amenizar a expectativa do professor diante do processo de ensino.

Ao longo do trabalho desenvolvido no ano de 2000 na UFPel, obtive o privilégio de orientar o projeto idealizado pela professora Janie Gonçalves – que precisou ausentar-se do país. O projeto intitulado “Língua Portuguesa para Surdos” era vinculado à promoção de curso de extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e apresentava como público alvo alunos surdos que frequentavam escolas regulares de Pelotas e arredores.

O projeto “Língua Portuguesa para surdos” almejava facilitar o processo de inserção de alunos surdos em escolas regulares por meio de aulas de apoio que visavam à adequação do ensino de Língua Portuguesa ao contexto cultural e linguístico do aluno. Para isso, os professores e os alunos de Letras receberam aulas de apoio de LIBRAS dos seus alunos surdos proficientes na Língua Brasileira de Sinais, em caráter informal, uma vez que tal atividade não foi considerada como um curso oficial, mas fez parte das atividades pedagógicas do Projeto.

O Projeto para surdos me enriqueceu como profissional e como ser humano, pois precisei vencer uma série de obstáculos, entre eles a tentativa de domínio de uma linguagem, então, totalmente desconhecida.

Durante o período em que coordenei o Projeto, 14 alunos colaboravam na importante tarefa de facilitar a abertura da escola para a inserção de alunos portadores de necessidades especiais.

É importante observar que, novamente, senti, ao longo da execução do Projeto, o desejo incessante de saber mais, de conseguir compreender como o mundo e a linguagem se efetivavam naquele aluno com deficiência auditiva. Cabe salientar que foi um importante momento em que percebi como a tecnologia – embora não a usássemos como um método-base – poderia servir como um mecanismo de resgate daqueles alunos tão à margem de um ensino realmente eficiente, que culminasse numa formação de qualidade.

Enfim, posso afirmar que desenvolvi, na Universidade Federal de Pelotas, um trabalho que deixou profundas raízes, quer seja em mim, quer seja nos acadêmicos (hoje graduados). A partir das questões elencadas em sala de aula sobre o processo ensino/aprendizagem pude repensar minha própria atuação, conseguindo desconstruir a ideia do professor “sabe tudo”, a qual coloca o “mestre” num patamar muito elevado, ficando, muitas vezes, difícil a comunicação entre o professor (que sabe tudo) e o aluno (que não sabe nada). Dessa forma, mostrei-me um personagem da vida real, alguém que pode estar feliz ou triste, demonstrar atitudes boas ou ruins, possuir certezas ou dúvidas; mostrei-me, acima de tudo, como alguém disposto a acertar, a ajudar.

Acredito que meu desejo de construir caminhos juntamente com meus alunos tenha sido compreendido, uma vez que nossas aulas sempre foram encaminhadas com empatia e participação.

Em maio de 2000, após aprovação em 1º lugar no Concurso Público para preenchimento de vaga para o cargo de Professor de Língua Portuguesa/ Área II na Prefeitura Municipal de Capão do Leão, comecei a atuar no referido município. Lá, trabalhei na Escola Municipal de Ensino Fundamental Margarida Gastal, atuando no primeiro ano com turmas de 5ª e 6ª séries e no primeiro semestre do segundo ano com turmas de 7ª e 8ª séries.

Acredito que meu maior pagamento no baixo salário que recebia do município tenha sido o convívio com alunos tão ricos, pois eram, em grande maioria, filhos de sem-terra; exigiam, por conseguinte, fortes alicerces na educação para que conseguissem fugir da dura realidade em que se encontravam. Esse fato propiciou-me amplas possibilidades quanto à escolha de temas e textos que serviam como

mecanismos de explosão de ideias nas aulas que desenvolvia. Além disso, conseguia estabelecer vastas discussões acerca de questões políticas e sociais como distribuição de renda, reforma agrária etc.

Nessa realidade tão carente de recursos (aluno/escola), pois os alunos dispunham de nenhuma ou pouca renda e a escola ainda utilizava mimeógrafo, comecei a observar os diversos papéis que desempenhamos nesse processo tão fantástico que é a educação; da mesma maneira, sofri com a ausência de recursos tecnológicos, uma vez que não dispúnhamos sequer de um videocassete para desenvolver uma aula que fugisse aos padrões habituais com os quais os alunos mostravam-se conformados.

Compreendi que a escola deve dar ao aluno a possibilidade de aprender por si, dando oportunidades de investigação individual, possibilitando-lhes todas as tentativas e ensaios que uma atividade real lhes pressupõe. Assim, o professor assume o papel de investigador, pesquisador, orientador, levando o aluno a trabalhar de forma coletiva. A educação assume um processo de construção, trazendo a realidade do cotidiano, possibilitando que professor, aluno, escola e sociedade interajam.

Nesse processo, a aprendizagem se deu através da discussão, dos relatos, das experiências, da pesquisa, do trabalho em grupo. Os temas geradores surgiram da realidade e foram sistematizados para efeito da consolidação do conhecimento.

Tive a plena convicção de ter efetuado uma troca, assumindo um compromisso político, na tentativa da construção de uma sociedade comprometida com todas as classes e que constrói a sua própria história, participando, opinando, produzindo seus próprios textos, sabendo interpretá-los, enfim sendo agentes transformadores.

No ano de 2001, exonerei-me do cargo de professor da Prefeitura de Capão do Leão. Tomei tal atitude movido pelas dificuldades que encontrei: difícil locomoção, baixos salários, pouco estímulo ao aperfeiçoamento do profissional, falta de recursos tecnológicos que resulta, muitas vezes, em profissionais defasados, entristecidos, desestimulados.

Após exonerar-me do serviço público municipal e encerrar minhas atividades na UFPel, comecei a atuar na rede particular. Percebi outra realidade, a educação passa a ser, na minha concepção, como um grande polvo, cujos tentáculos podem a qualquer momento arremessar o professor para um vale de loucura. Muitas vezes,

na rede particular, a relação professor/aluno passa a ser intermediada por tantos profissionais – às vezes mais preocupados com a manutenção do emprego e de seu status – que passei a ter cada vez mais a convicção de que ensino precisa, essencialmente, de alunos, pedagogos e professores preparados, sendo que tal preparo implica adaptação às necessidades do período de atuação, do contexto de vida do aluno, das possibilidades tecnológicas oferecidas.

Além da escola Mário Quintana, atuei como professor de Língua Portuguesa e Redação em alguns cursos preparatórios para o vestibular em Rio Grande, Pelotas e Canguçu. Assim, trabalhei nos anos 2001 e 2002 no Michigan Pré-vestibular de Rio Grande preparando os alunos para a prova analítico-expositiva da UFPel e de compreensão de textos da FURG. Novamente percebi a importância de uma boa formação profissional e da observação da realidade do aluno, pois não se pode executar a compreensão de um texto desconsiderando o conhecimento de mundo de quem interpreta e o seu modo de pensar a vida. Da mesma forma, acredito que, sempre, no processo de compreensão de um texto, o leitor desempenha o papel de coprodutor, uma vez que dá significação ao texto elaborado pelo autor.

Durante algum tempo, por sentir necessidade de ampliar meus conhecimentos por meio da execução de uma especialização, diminuí bastante minha carga horária.

Nas aulas de gramática que desenvolvo, procuro não me tornar normativo, desenvolvendo o conteúdo da maneira mais prazerosa possível, possibilitando ao aluno visualizar o uso da linguagem no seu cotidiano, mostrando que a linguagem escrita é diferente da linguagem oral e a partir disso, tentando diminuir o preconceito que existe acerca do uso efetivo da língua materna: exterminando o conceito de certo e errado na fala, mostrando que fala serve para comunicação – sinônimo de interação – e reflete a influência de diversos fatores que são externos a nós, como, por exemplo, o meio em que fomos criados. Além disso, em um país com tantas crianças fora da escola ou com baixo nível de escolaridade é um absurdo ridicularizar alguém que utilize, por exemplo, a variante “menas”, tão presente na fala de pessoas menos favorecidas socialmente.

No Michigan, trabalhei com a preparação de alunos para a prova de 2ª fase (analítico-expositiva) das universidades de Pelotas e Rio Grande. Estabeleci esse trabalho por meio da leitura de variados textos, tentando criar um local onde os alunos vivenciassem o momento da leitura e da produção textual e eliminassem

dúvidas que pudessem não ter sido sanadas nas aulas do Ensino Médio. Considerava o trabalho satisfatório, uma vez que os elementos utilizados para a construção do conhecimento eram textos, gravuras, charges, tiras, histórias em quadrinho; enfim, textos que desafiavam os vestibulandos, fazendo-os pensar criticamente o mundo que os cercava. Importante destacar que o pré-vestibular não é um meio, em que ferramentas do ciberespaço estejam disponíveis ou sejam esperadas pelos coordenadores e pelos alunos como mecanismo de formação do conhecimento, uma vez que se trata de um espaço bastante conteudista.

Em 2003, ingressei, por meio de um concurso para professor substituto, no Centro Federal de Educação tecnológica de Pelotas, atual IFSUL. Naquele momento, fiz as pazes com o Ensino Médio, pois minha última experiência, na rede particular, havia sido traumatizante. No CEFET, trabalhei inicialmente com o 1º e o 3º ano e com alguns cursos técnicos, desenvolvendo um trabalho com Língua Portuguesa e Literatura com três turmas de 2º ano; atuei, também, em alguns cursos como Design de Móveis, Programação Visual, Mecânica, Química e Edificações.

Redescobri, graças ao trabalho desenvolvido, o prazer de trabalhar com Literatura, disciplina da qual estive um tempo afastado e que propicia, como nenhuma outra, momentos de puro deleite, principalmente quando se consegue mostrar ao aluno o prazer que o reino das palavras, das imagens pode propiciar. Naquele momento, pude, também, constatar a importância dos recursos tecnológicos no processo de formação discente. Verifiquei, da mesma maneira, a vital necessidade de que o professor, para que possa fazer uso efetivo da tecnologia, esteja inserido no universo tecnológico, ou seja, domine, mesmo que minimamente, as ferramentas ofertadas pela instituição.

Concluindo, tentei não somente elaborar um relatório de minha vida acadêmica e de minhas experiências profissionais, mas também demonstrar o modo como vivencio esta prática, como a escolha de um curso de licenciatura mudou a minha trajetória, mais que isso, mudou o modo de ver-me como pessoa no mundo em que vivo, uma vez que utilizo todas as experiências do meu dia a dia em minha prática pedagógica. Além disso, procurei demonstrar o porquê de meu interesse pela linha de pesquisa. Saliento que o interesse partiu de uma necessidade de minha própria formação identitária, dos duelos e medos que invadem todos os dias o meu fazer. Não sou, nem pretendo ser imune a todas as dúvidas que todos os dias surgem no trabalho de um professor em sala de aula, principalmente no momento

em que vivemos, no qual a informação é instantânea, chega em concomitância com o acontecimento, isso precisa ser inserido no contexto de sala de aula. Tentei mostrar, também, que comecei minha atuação num momento em que a imagem do professor detentor do saber não era questionada. Da mesma maneira, procurei evidenciar que minha atuação deu-se em um meio em que o conteúdo e o “conhecimento do professor” sobrepõem-se a qualquer iniciativa de construção do conhecimento em que o aluno também possa executar o papel de agente dessa formação. Daí a necessidade de trabalhar com “A identidade docente na era da cibercultura”, é um universo do qual, forçadamente, estive apartado, e do qual não pretendo mais me afastar, por considerá-lo necessário, vital para quem trate a educação com o respeito que ela precisa receber, não necessariamente pela necessidade, mas pela vontade de fazê-lo.

Muito se tem discutido a respeito da dificuldade encontrada pelos professores para que possam efetuar uma formação continuada e também do pouco estímulo para que se desenvolva uma efetiva incorporação dos meios tecnológicos ao seu trabalho cotidiano. Apesar da afirmação reiterada desse contexto, o capítulo seguinte demonstrará algumas tentativas de fomentação do uso das TIC e NTIC no ambiente escolar.

### 3 JUTIFICANDO A ESCOLHA, CARACTERIZANDO O PROBLEMA E ESTABELECENDO METAS

#### 3.1 JUSTIFICATIVA

O referido trabalho tem sua gênese no grupo de pesquisa GP-Linguagens Verbais, Visuais e Tecnologias, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, o qual se dedica a estudos pertinentes à grande área de Linguística, Letras e Artes, articulando-os ao campo da Educação, abarcando, em seu escopo, questões concernentes à linguagem e ao processo de ensino e aprendizagem mediado por tecnologias da Informação e Comunicação, bem como aspectos pertinentes à Educação a distância. Além disso, a necessidade da pesquisa partiu de um profundo interesse do pesquisador por questões pertinentes ao assunto tecnologia e trabalho docente, bem como a repercussão que um trabalho elaborado a partir da utilização do ciberespaço pode causar no aluno, hoje visitante habitual desse espaço.

Cotidianamente, no contexto escolar, observam-se impasses vivenciados por centenas de professores que ministram disciplinas que envolvem o ensino de língua materna, dos quais se sublinha o dilema de como associar todas as possibilidades tecnológicas oferecidas pelo universo tecnológico ao ensino, propiciando aos alunos – em sua maioria, habitantes do ciberespaço - condições para uma aprendizagem significativa. A escolha do tema-foco, que vem endossar a sua pertinência, partiu fundamentalmente do reconhecimento do dilema apontado e da conseqüente necessidade de se investigarem as suas implicações quanto à identidade de, pelo menos, parte do universo de tais professores e de seus possíveis reflexos em seu fazer pedagógico. Retomando Bauman em *Capitalismo Parasitário* (2010, p.60):

Em nenhum dos momentos decisivos da história humana os educadores enfrentaram um desafio comparável ao que representa este ponto limite. Nunca antes nos deparamos com situação semelhante. A arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi aprendida. E o mesmo vale também para a arte ainda mais difícil de preparar os homens para esse tipo de vida.

Vive-se um momento de impasse, sendo mister que se delimitem os papéis a serem desempenhados pelos sujeitos do processo de construção do

conhecimento. No mundo contemporâneo, não há lugar para muros. Derrubou-se o muro de Berlim, assim como a concretização do mundo da informação imediata derrubou o muro das escolas. O Panóptico (BENTHAM, 2008), estrutura arquitetônica planejada como forma de controle permanente em que se pode inserir a escola tradicional, tornou-se um fardo pesado demais para que alunos e professores carreguem ou tentem administrar. Vigiar, no meio escolar, tornou-se tão torturante quanto o ato de ser vigiado, embora, muitas vezes, os tradicionais muros tenham sido trocados por câmeras de vigilância. Vive-se um tempo em que nada pode ser escondido, tudo parece escancarado para a observação e julgamento do outro. Nas escolas, as maiores discussões nos conselhos de classe dizem respeito à falta de disciplina tão corrente hoje; o que acontece, entretanto, acredita-se, é que não se percebe que disciplina não apresenta necessária correspondência com aceitação passiva, com inércia. Não se pode uniformizar o andamento das aulas – uma aula de redação pode parecer bem mais caótica, quando se observa a disciplina, do que uma aula de matemática –, bem como não se pode uniformizar o comportamento de diferentes alunos. A disciplina não pode, numa sociedade desenvolvida tecnologicamente, ser vista como uma forma de vigilância, de manutenção do poder hierárquico.

A maneira como a disciplina é vista na contemporaneidade também precisa ser repensada. Os alunos não devem continuar, como acontece muitas vezes, sendo vigiados nos laboratórios de informática das escolas e punidos caso acessem qualquer outro *site* que não o recomendado pelo professor. A mente do jovem na era da cibercultura está constantemente sendo bombardeada por um número expressivo de informações, sua tela apresenta constantemente não uma, mas várias janelas abertas para o mundo ofertado pela rede; ele está preparado, portanto, para integrar mais de um espaço, sem que perca a atenção sobre um ou outro aspecto discutido ou desenvolvido.

### 3.2 PROBLEMA

Frente às variadas possibilidades de construção do conhecimento, docentes e discentes estão assumindo novas condutas, desempenhando novos papéis. Os professores precisam apresentar capacitação e formação continuada – a qual, cabe salientar, não aspira apenas à melhoria do profissional, mas também a do ensino – a

fim de obter conhecimento para apropriação das tecnologias no ensino, o que deveria acarretar uma nova postura do docente. Em função disso, é necessário que ele conheça os recursos que estão disponíveis, entenda como incorpora essas tecnologias à sua atuação e integre as atividades curriculares ao uso da tecnologia. Já aos alunos, é exigido o uso eficiente/consciente das tecnologias para fins educativos.

Diante dos novos papéis que precisam desempenhar educadores e alunos, surge um novo contexto de ensino e aprendizagem, no qual os métodos tradicionais – quadro-negro, giz, livro didático, professor - não atendem mais aos interesses e às expectativas dos discentes. Isso porque esses jovens estão inseridos e conectados ao mundo virtual, o qual lhes oferece uma gama de possibilidades de comunicação e interação permanentes. Dessa forma, é imprescindível o letramento digital dos professores; além do conhecimento da existência das novas tecnologias, os docentes precisam saber utilizá-las pedagogicamente de modo eficiente, não devem assumir somente o papel de reprodutores de antigos modelos didáticos. Repensar, pois, a prática docente, por meio do letramento digital, requer uma retomada de postura e engajamento desses profissionais com o mundo virtual. Estão os docentes prontos para assumir tais papéis? Recebem capacitação e oportunidades de atualização? (Conforme expresso na seção 5, o Governo Federal parece demonstrar interesse com a qualificação docente nesse sentido, por meio do fomento à implantação de cursos e programas de incentivo ao letramento digital). Qual é a identidade esperada para esse novo professor? Essas são questões que demandam reflexão.

Isso denota, inclusive, as dicotomias entre gerações diferentes que se confrontam diariamente nas salas normalmente lotadas das escolas. Os jovens de hoje, certamente, não serão como os adultos que os encaminham na odisseia que é viver. Quanto a essa diferença, em *Capitalismo Parasitário*, Bauman (2010, p.64) argumenta:

Não se espera mais, nem se presume, que os jovens “estão se preparando para ser adultos como nós”: eles são vistos como uma espécie muito diferente de pessoa, destinada a permanecer diferente “de nós” por toda a vida. As diferenças entre “nós” (os velhos) e “eles” (os jovens) não são mais um problema temporário que vai se resolver e evaporar quando os mais novos tiverem (inevitavelmente) que encarar as coisas da vida.

A educação, em qualquer âmbito, é um grande desafio, torna-se maior no caso de adolescentes, os quais enfrentam uma fase de transformação e solidificação da individualidade e lutam de forma veemente pela liberdade, muitas vezes por meio da rebeldia. É uma fase em que o embate dificilmente assusta. A toda essa realidade que, para o professor pode ser problemática, somam-se outras características da era digital como o acesso irrestrito a informações por meio da rede e o alcance do bullying, o qual ultrapassa as portas, grades e muros da escola e invade a *Internet*.

Caso se parta do princípio de que, de modo geral, ninguém chega à docência ou à paternidade sem ter vivido a adolescência, seria paradoxal dizer que o adulto não entende o jovem e que normalmente essa é uma relação conturbada. No entanto, como afirmou Bauman, existem diferenças significativas entre os adolescentes de hoje e os de qualquer outra geração anterior. Essa parece ser uma realidade difícil de ser vislumbrada, ainda que natural, uma vez que o mundo mudou, os avanços tecnológicos provocaram transformações significativas nos relacionamentos. Parece óbvio que todas as gerações enfrentaram suas mudanças, porém nunca foram tão marcantes como aquelas provocadas pelo avanço tecnológico, facilmente introjetadas pela maioria dos jovens, bem como como de crianças, adultos e idosos.

### 3.3 OBJETIVO GERAL

O trabalho objetiva buscar evidências da influência da crescente disseminação das Tecnologias da Informação e Comunicação na constituição de uma identidade profissional diferenciada e apontar perspectivas teórico-práticas de instrumentalização docente, que poderão contribuir para a formação dos professores de Língua Portuguesa requeridos atualmente. Constitui também intenção do estudo saber se os professores utilizam, como utilizam e se consideram importante a utilização das tecnologias em sala de aula.

### 3.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Identificar os traços apontados pelos professores de língua materna investigados como supostamente constitutivos de sua identidade docente na era da cibercultura;
- 2) verificar se os sujeitos do estudo apresentam letramento digital e qual a influência dessa habilidade no seu fazer pedagógico;
- 3) investigar junto aos sujeitos informantes a relevância do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no contexto de sala de aula;
- 4) observar em que extensão o avanço tecnológico acarretou | tenha acarretado mudança metodológica na prática dos professores de língua materna alvos deste estudo.

## 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os primeiros computadores foram desenvolvidos na Inglaterra e nos Estados Unidos, em 1945. Por um longo tempo, seu uso ficou restrito aos militares para cálculos científicos. Só a partir dos anos 1960, houve a disseminação civil desses equipamentos. Algumas alterações importantes já puderam ser observadas durante a década de 70, por meio de uma mudança tecnológica que levou o uso da computação para os meios acadêmicos e, um pouco mais tarde, para o uso pessoal. Durante os anos 1980, houve o surgimento da multimídia, período em que se verificou um aumento significativo na *performance* das ferramentas oferecidas, fato concomitante à baixa contínua e significativa dos preços, o que começou a popularizar o computador.

No Brasil, a *Internet* desenvolveu-se a partir de 1988 por iniciativa da comunidade acadêmica de São Paulo (FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e Rio de Janeiro, UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica). No ano de 1989, o Ministério de Ciência e Tecnologia criou a Rede Nacional de Computação Científica (RNP), instituição que objetivava o início e a coordenação da disponibilização de serviços de acesso à *Internet* no Brasil.

Inicialmente, foi criado um *backbone*, conhecido como o *backbone RNP*, que interligava instituições educacionais à *Internet*. Num primeiro momento, o *backbone* interligava 11 estados a partir dos chamados Pontos de Presença (POP – *Point of Presence*) nas capitais. Ligados a eles, foram criados alguns *backbones* regionais, a fim de incorporar instituições de outras cidades à *Internet*.

Começou-se a explorar comercialmente a *Internet* em 1994, a partir de um projeto piloto da Embratel, o qual permitia acesso à *Internet* inicialmente por meio de linhas discadas, e posteriormente (1995) utilizando acessos via RENPAC ou linhas E1.

A partir de 1995, iniciou-se pela RNP um processo para implantação comercial da *Internet* no Brasil, desenvolvido por meio de uma série de etapas, entre elas, a ampliação do *backbone RNP* quanto à velocidade e ao número de POPs, no intuito de que suportasse o fluxo comercial de futuras redes conectadas a eles. O *backbone* passou a se chamar *Internet/BR*.

As ferramentas tecnológicas adquiriram um patamar importante na educação brasileira e seu uso passou a ser incluído nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), um conjunto de regras que apresentam como meta a melhora do ensino brasileiro, como está estabelecido no próprio texto:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (PCNs, 1998, p.5).

Uma das partes da obra citada foi dedicada exclusivamente às Tecnologias da Informação e Comunicação. Para isso, o assunto foi debatido dividido em partes que demonstram o panorama desejado para o uso das TIC em sala de aula do Ensino Fundamental: importância dos recursos tecnológicos na sociedade contemporânea; importância dos recursos tecnológicos na educação; a tecnologia na vida e na escola; melhoria da qualidade dos meios eletrônicos; a televisão; o videocassete; a videogravadora; a câmera fotográfica; o rádio; o gravador; a calculadora; o computador e, finalmente, alguns mitos e verdades que permeiam a comunidade escolar.

Os PCNs (2000) para o Ensino Médio também preveem a presença das TIC na formação discente: Bases legais; Linguagens, Códigos e suas tecnologias; Ciências da natureza, Matemática e suas tecnologias e Ciências humanas e suas tecnologias.

Diante da influência das tecnologias, principalmente no que tange ao trabalho com linguagens, torna-se relevante que o educador assuma uma nova postura, alterando o modo como se relaciona consigo, com a escola, com os conteúdos que ensina e, principalmente, com seus alunos. Nesse sentido, segundo Moran (2012, p.23):

Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial.

O uso das tecnologias, para fins didáticos, exige vasto conhecimento de seus usuários, nessa perspectiva, os professores. Caso contrário, tais ferramentas

poderão obstar a prática docente, gerando frustração do professor e desinteresse dos alunos. O professor, ao fazer uso das diversas tecnologias existentes, deve se apropriar delas, numa atitude bastante consciente e coerente com os objetivos a serem atingidos. A renovação do trabalho do professor não acontece pelo simples uso do computador, ela vai além, quando e se essa ferramenta de acesso ao ciberespaço altera de maneira acentuada o olhar do docente frente ao seu trabalho, suas percepções do que seja educar e seus paradigmas de ensino-aprendizagem. Aos alunos cabe buscar, no meio virtual e nas tecnologias digitais, outras possibilidades de interação e promoção do conhecimento, de forma autônoma, dinâmica e, somente assim, prazerosa.

A apropriação pelos professores das novas tecnologias implica identificação e reconhecimento de suas propriedades pedagógicas. Segundo Demo (2009), a contribuição das ferramentas da *Web*<sup>1</sup> só é válida na medida em que promove uma aprendizagem satisfatória para docentes e discentes. Conforme afirma o próprio autor:

[...] embora seja um pouco apressado dizer que pedagogia vem antes da tecnologia (...), é certo que o desafio formativo é a razão maior de ser. Nesse sentido, sem pedagogia, nada feito. Na verdade, trata-se de envolver os estudantes no processo de aprendizagem, fomentar habilidades de aprendizagem autônoma, embora preferencialmente coletiva, desenvolver habilidade de construção de conhecimento, motivar aprendizagem sem fim. (p.37)

Assim, fica evidente que, embora o uso das novas tecnologias no ensino seja importante tanto para professores quanto para alunos, a intencionalidade pedagógica ou, segundo Demo (2009, p.37), o “desafio formativo” é fundamental para uma aprendizagem efetiva. As ferramentas da *Web* são recursos importantes e cada vez mais necessários para o desenvolvimento da autonomia, motivação e dinamicidade durante a aprendizagem, mas não são garantia de aprendizagem.

Cabe ao professor, por conseguinte, utilizar esses recursos de forma ponderada, considerando principalmente o contexto onde atua e os objetivos mais imediatos dos seus alunos. Nessa perspectiva, Moran (2011, p.13) esclarece que:

A educação é como um caleidoscópio. Podemos enxergar diferentes realidades; podemos escolher mais de uma perspectiva de análise e cada

---

<sup>1</sup> A **World Wide Web** (que em português significa, "**Rede de alcance mundial**"; também conhecida como **Web** e **WWW**) é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na *Internet*.

uma terá sua lógica, seu fundamento, sua defesa, porque projetamos na educação nosso olhar parcial, nossas escolhas, nossa experiência.

Variadas são as ferramentas da *Web* que podem ser utilizadas para fins pedagógicos. Cada ferramenta pode ser explorada de modo particular para o ensino. A escolha por determinada ferramenta está ligada aos objetivos do professor ao ensinar uma habilidade específica e ao contexto onde atua, em especial, o nível de conhecimento e os objetivos dos discentes.

Atualmente, diversas instituições de ensino objetivam a inserção da tecnologia na sala de aula. O que a maior parte delas faz, no entanto, é colocar os alunos em contato com a *Internet* em laboratórios (MORAN, 2010). A inserção das novas tecnologias na sala de aula exige, obrigatoriamente, conhecimento dos docentes ao utilizá-las. Conduzir os alunos para o laboratório de informática e solicitar-lhes que pesquisem sobre determinado assunto ou que escrevam uma redação, descompromissadamente, não significa fazer uso efetivo da tecnologia para fins de aprendizagem. Se o professor não estiver eficientemente preparado para essas novas ferramentas de ensino, suas atividades serão, na maioria das vezes, destituídas de qualquer sucesso pedagógico, acrescentando pouco ou nada à formação discente. Destaca-se, por isso, a importância de que tanto o professor busque meios de aperfeiçoar seu conhecimento virtual como também a escola propicie a formação e o desenvolvimento de tais habilidades. A esse respeito pronuncia-se Antonio Carlos Xavier (2008, p.8), professor da UFPE:

O grande desafio que a escola começa a enfrentar é o de ensinar os aprendizes a interpretar, filtrar, selecionar, avaliar para transformar tantas informações em capital cultural que possa ser utilizado de modo prudente e decente, ético e estético dentro e fora da instituição de ensino.

Torna-se relevante observar que a necessidade de uma nova postura pedagógica desacomoda, provoca ansiedade e desconforto. Entretanto, o pior medo, acredita-se, ainda é o medo de se tornar obsoleto, ultrapassado. Quanto a isso, no capítulo *A sociedade do medo*, em *Capitalismo Parasitário* (2010, p.73), Bauman afirma:

Estamos em uma época em que as medidas de segurança que adotamos só geram mais insegurança. Somos diariamente perseguidos pelos mais diferentes tipos de medo. Entre as ameaças, está a de ficar para trás, ser substituído, não acompanhar o ritmo das mudanças.

Além da importância das interações identitárias, revela-se imprescindível que se tenha em consideração o conceito do termo “letramento”, o qual é considerado por Soares (2002, p. 51) como “(...) estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita”. No campo da cultura digital, o letramento define-se, de maneira especial, pela mesma autora, como certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferentemente do estado ou condição (do letramento) dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

O letramento digital implica tanto a apropriação de uma tecnologia quanto o exercício efetivo das práticas de escrita que circulam no meio digital. Cada aluno que chega à escola ou acessa um ambiente virtual de aprendizagem traz consigo a sua vivência. É relevante, pois, que os docentes entendam que cada um tem sua própria gramática, sua própria competência linguística, por conseguinte, sua própria maneira de se comunicar.

Nesse sentido, entende-se letramento como uma prática social e não apenas como conhecimento do código de uma língua. Sob essa perspectiva, a concepção de letramento nos contextos virtuais vai se construindo a partir de práticas de letramento digital, como também na relação com o conhecimento tratado nas aulas e na forma de lidar com o próprio ambiente.

O aumento da utilização de recursos tecnológicos, sobretudo o computador e a *Internet* na vida das pessoas, requer novas maneiras de agir. Em função disso, é necessário pensar sobre o letramento digital no contexto escolar. Letramento exige que alunos e professores dominem um conjunto de informações e habilidades que devem ser trabalhadas na escola, para que seja possível a inserção digital no contexto atual. Segundo Xavier (s.d., p. 02),

[...] o *Letramento digital* implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser *letrado digital* pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Essa nova perspectiva permite que os alunos, desde que suficientemente letrados, insiram-se em diferentes práticas sociais como sujeitos dessas práticas. Ao se apoderarem dessas habilidades, participam efetivamente dos processos de

construção do conhecimento, numa atitude de empoderamento (FAIRCLOUGH, 2001). Considerando, pois, que o discente assume um novo papel no contexto de aprendizagem, que o torna mais responsável pela construção conjunta do conhecimento, é preciso que os docentes assumam outra postura pedagógica, construindo modelos de ensino diferenciados e buscando ferramentas digitais inovadoras. Caberá ao professor não apenas buscar novas possibilidades, mas saber executá-las de modo eficiente no intuito de que atinja uma aprendizagem significativa, que considere os aprendizes como sujeitos da construção do conhecimento. Na sociedade em que se vive, um dos grandes problemas enfrentados é o da exclusão digital ou do analfabetismo digital; frente a tal problema, a escola não estaria cumprindo seu papel se deixasse de perceber que formar cidadãos é considerar-se todos os requisitos para uma vida consciente numa sociedade cada vez mais repleta de informação e tecnologia. Sobre esse assunto, argumenta João Thomaz Pereira (2011, p.13):

Formar cidadãos preparados para o mundo contemporâneo é um grande desafio para quem dimensiona e promove a educação. Em plena era do conhecimento, na qual inclusão digital e Sociedade da Informação são termos cada vez mais frequentes, o ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cotidiano.

Salienta-se, no entanto, que letramento digital não pode ficar restrito somente à habilidade de digitar, é relevante que se conheça grande parte das ferramentas oferecidas pelo computador e pela rede para que se possa considerar alguém um letrado digital. Quanto à questão do letramento pensado como um apoderamento em relação ao uso das possibilidades ofertadas pela tecnologia digital, assevera Pereira (2011, p.15):

O termo alfabetização, sempre entendido como uma forma restrita de aprendizagem do sistema da escrita foi ampliado. Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização. No caso do letramento digital não é diferente. É preciso ir muito além do aprender a digitar em um computador. Quando pessoas em situação de exclusão social passam a ter acesso ao computador e a seus recursos, pode-se falar em popularização ou mesmo em democratização da informática, mas não necessariamente em inclusão digital.

Ainda sobre a questão do letramento digital, Octacílio José Ribeiro, em *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, faz uma

interessante alusão à Alice, personagem de Lewis Carroll, para ilustrar a fobia às ferramentas do universo virtual:

A literatura de Lewis Carroll mostra um bosque onde todos os viventes são iguais. Ali a personagem Alice devaneia e se perde; perde, inclusive, sua identidade.

A história de Alice suscita uma reflexão sobre a tecnologia enquanto instrumento de domesticação do homem. Como em Alice, com a tecnologia, há uma modificação do conceito de identidade pessoal: o sujeito hoje não é mais do que um número, representado por documentos e senhas. Não há mais necessidade da pessoa humana, que é substituída por códigos e sequências alfanuméricas. Modifica-se, com o avanço tecnológico, o conceito de calendários, datas, tempos e horários; não há limites. Diminuem-se as distâncias, alteram-se as relações espaço-temporais, independentemente da língua. A linguagem visual e simbólica permite a integração com outras culturas que não utilizam o alfabeto ou calendário ocidental – como em Alice, lá no bosque, no fundo do espelho (RAMOS, 2011, p.92-93).

E, por meio de uma analogia, remete o leitor à tecnologia:

No bosque da tecnologia, a educação deve garantir o resgate da identidade e da autoestima do homem, convertendo-se num instrumento de libertação. Hoje, como a personagem de Carroll, hesita-se em entrar no bosque da tecnologia por medo do desconhecido, do novo, do não poder voltar. Entrar no bosque requer coragem e persistência para se caminhar pelas veredas às vezes anônimas, frias, sombrias e úmidas (*ibdem*, p.93).

Para, finalmente, aconselhar:

A relação do homem com a máquina, aqui entendida como produto das novas tecnologias, não pode restringir-se à produtividade, nem a sua utilização, nem a um saber ou saber fazer. A relação deve-se pautar por uma atitude reflexiva, de conscientização do homem, que vive com e para a tecnologia (*ibdem*, p.93).

O letramento digital capacita o professor para que possa atuar de forma eficiente no processo de construção do conhecimento a partir do uso das ferramentas tecnológicas. Isso independe, por mais incoerente que pareça, do tipo de abordagem escolhida pelo professor, qual seja o intuito a ser alcançado, certamente o computador tornará o caminho mais interessante. Segundo esclarece Coscarelli (2011, p.26):

Podemos usar o computador para ajudar os alunos a decorarem listas e listas de tabuada, regras, datas, dados, etc. Podemos usar o computador para apresentar de forma bonita e animada um monte de conteúdos que os alunos têm de saber.

Quanto ao tipo de abordagem, a autora faz refletir:

[...] Se a concepção de aprendizagem for conteudista e baseada na memorização, o computador atenderá muito bem. Programas de apresentação de slides (como o Power Point) podem transformar o computador em um lindo quadro que não é mais de giz nem é negro, mas que vai funcionar em sala de aula da mesma forma que as tão conhecidas lousas, que servem de suporte para o professor apresentar todo o saber. (*ibidem*, p.26).

Por outro lado, algumas escolas argumentam que não possuem equipamentos suficientes, ou que não possuem espaço físico em seus laboratórios, fato que encarcera os alunos em sala de aula. Quanto a essa necessidade do uso do computador para a realização de trabalhos diferenciados, Coscarelli (2011, p.27) argumenta:

Outro ponto que precisa ficar claro é que usar a informática como recurso para auxiliar a aprendizagem não significa que os alunos vão ficar o tempo todo na tela do computador, ou nos laboratórios de informática. Em muitos projetos, grande parte das atividades podem ser feitas sem o uso do computador. A parte de planejamento, organização e delineamento dos projetos, análise de dados, discussão dos resultados, normalmente não carecem de computadores para sua realização. Em outros momentos, o computador é muito útil, como na busca de informações, na formatação dos dados, na apresentação dos resultados e do produto final.

A autora defende ainda a inclusão da informática em sala de aula, bem como o letramento digital como forma de minimizar a exclusão de indivíduos que já se encontram à margem da sociedade, uma vez que não possuem acesso a teatro, a cinema, ou a outras formas que contribuam para a formação cultural. Sobre isso, Coscarelli (*ibidem*, p.27) afirma:

Já sabemos que a informática precisa entrar na escola porque ela pode ser um recurso que pode ajudar a minimizar a exclusão de muitos sujeitos já excluídos em muitas outras situações. Muitos brasileiros não vão ao teatro, nem ao cinema, não frequentam bares e restaurantes, nunca visitaram uma galeria de arte nem sabem ao certo o que é uma ópera ou um concerto. É muito difícil uma escola conseguir preencher todas essas lacunas e dar a seus alunos acesso a esse universo cultural. Assim também como é difícil uma escola manter uma biblioteca atualizada com jornais diários e revistas semanais ou quinzenais. Jornais de outros estados e importados, então, nem se fala.

O letramento digital implica o domínio da tecnologia da informação: computadores, softwares, *Internet*, *e-mail*, conhecimentos que vão além do processo de digitar; apenas digitar seria equivalente a alguém que reconhece as letras, lê placas, revistas; não consegue, porém, identificar o sentido implícito em um texto ou em um problema matemático. A noção de alfabetização precisa ser pensada em sua amplitude, principalmente em um país onde grande parte de seus alunos e principalmente de seus professores são excluídos digitais. Conforme analisa Pereira (2011, p.17):

No Brasil, de maneira geral, principalmente no que se refere ao ensino público de base, podemos dizer que instituições, educadores, professores e alunos são digitalmente excluídos. Porém, esse não é um problema apenas do Brasil. O mundo inteiro está se movendo no sentido de eliminar a exclusão digital da sociedade organizada. É claro que o problema tende a ser mais grave em países de terceiro mundo, cujas economias e diferenças sociais são mais extremas do que nos chamados países de primeiro mundo.

Na continuidade do referencial teórico a ser utilizado, extremamente relevante para o efetivo desenvolvimento do trabalho é pensar a questão da identidade. Questão instigadora de reflexão, uma vez que todos possuem uma identidade e parecem acreditar nisso. A problemática torna-se complexa quando se percebe que essa identidade pode ser multifacetada, pois mutável. Nesse sentido, argumenta Hall (1998, p.12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

É nessa perspectiva que se procurará identificar, se possível, traços de um professor dotado de identidade(s) e dividido entre o fazer tradicional, que conforta e acomoda, e o fazer contemporâneo, que o arranca de sua zona de conforto, da posição de detentor único do saber, uma vez que, hoje, alunos muito jovens, em sua maioria, dominam o uso do computador e de suas ferramentas.

Um novo modelo de professor se apresenta e é preciso segui-lo; não há espaço para o ultrapassado, ainda que continue a existir e contribua para dificultar o processo de evolução da educação. Para muitos, é desgastante pensar-se

acomodado e esses precisam ser estimulados a mudar; são esses docentes que provavelmente estejam engendrando uma luta interna no intuito de aperfeiçoar o seu trabalho. Sobre a obrigatoriedade do fazer, declara Giddens (2002, p.79):

(...) nas condições da alta modernidade, não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo – não temos escolha senão escolher. Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque forma material a uma narrativa particular da auto-identidade.

Assim, não se pode deixar de cogitar que, ainda que rompa com a identidade antiga, o professor pode fazê-lo por coerção do meio, e, se coagido a mudar, pode sempre readquirir a identidade abandonada, conforme relato de Zygmunt Bauman (1998, p.30):

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme oposição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma exuberante e sólida identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo.

E continua:

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de ‘ir às compras’ no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias da identidade. Com essa capacidade somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece (*idem*, 2001, p.98).

E provoca o leitor com o seu conceito de identidade:

Identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar, no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos (*idem*, 2003, p.21).

A identidade é, pois, um componente importante para a formação do ser humano, uma vez que é relevante para a formulação do pensamento, a existência no mundo só é percebida a partir da construção de uma identidade. A identidade é

importante para que se possa criar definições e para que os elementos possam ser reconhecidos a partir dessas definições. Apesar disso, não se nasce com a percepção de uma identidade, ou seja, a consciência de que se possui uma parte da percepção de pertencimento no mundo. Sobre esse tema, esclarece Bauman (2005, p. 17-18):

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.

Outro aspecto importante no que tange ao assunto identidade e que pode relacionar-se com o fazer docente é a questão de que a formação de uma identidade prevê o encontro com o outro, ou seja, uma identidade vai sendo forjada a partir de impressões as quais podem ser impulsionadas pelo contato com o outro: admiração, desprezo, repulsa, respeito. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a identidade docente vai sendo formada desde os primeiros contatos em sala de aula – pela observação dos professores – até o momento em que realiza seu trabalho a partir da observação de seus colegas. Conforme nos indica Bauman (2005, p.19) “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.”

Muitas vezes, as pessoas nem chegam a perceber determinada identidade, pelo menos no que tange às diversas possibilidades oferecidas por ela. Bauman (2005, p.10), por exemplo, relata em sua obra *Identidade* que não se recordava de dar muita atenção à sua identidade, do ponto de vista da nacionalidade, antes do que ele chama “brutal despertar de março de 1968”, data em que o autor, por apoiar o movimento dos estudantes poloneses, passou a ter seus trabalhos proibidos pelo Partido Comunista, “quando o anti-semitismo foi usado para reprimir estudantes e professores universitários que exigiam o fim do sistema unipartidário em nome de ‘liberdade, justiça e igualdade’.”

Esse confronto revelador de identidade também é defendido por Kathryn Woodward em seu artigo *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual* (2012), por meio de uma ilustração: uma história do escritor e radialista Michael Ignatieff, história que apresenta como espaço a antiga Iugoslávia devastada pela guerra:

São quatro horas da manhã. Estou no posto de comando da milícia sérvia local, em uma casa de fazenda abandonada, a 250 metros da linha de frente croata...não na Bósnia, mas nas zonas de guerra da Croácia central. O mundo não está mais olhando, mas toda noite as milícias croatas e sérvias trocam tiros e, às vezes, pesados ataques de bazuca.

Esta é uma guerra de cidade pequena. Todo mundo conhece todo mundo: eles foram, todos, à escola juntos; antes da guerra, alguns deles trabalhavam na mesma oficina: namoravam as mesmas garotas. Toda noite, eles se comunicam pelo rádio “faixa do cidadão” e trocam insultos – tratando-se por seus respectivos nomes. Depois saem dali para tentar se matar uns aos outros.

Estou falando com soldados sérvios – reservistas cansados, de meia-idade, que preferiam estar em casa, na cama. Estou tentando compreender por que vizinhos começam a se matar uns aos outros. Digo, primeiramente, que não consigo distinguir entre sérvios e croatas. “O que faz vocês pensarem que são diferentes?”

O homem com quem estou falando pega um maço de cigarros do bolso de sua jaqueta cáqui. “Vê isto? São cigarros sérvios. Do outro lado, eles fumam cigarros croatas.”

“Mas eles são, ambos, cigarros, certo?”

“Vocês estrangeiros não entendem nada” – ele dá de ombros e começa a limpar a metralhadora Zastovo.

Mas a pergunta que eu fiz incomoda-o, de forma que, alguns minutos mais tarde, ele joga a arma no banco ao lado e diz: “Olha, a coisa é assim. Aqueles croatas pensam que são melhores que nós. Eles pensam que são europeus finos e tudo o mais. Vou lhe dizer uma coisa. Somos todos lixo dos Bálcãs (IGNATIEFF, 1994, p.1-2. *apud* WOODWARD, 2012).

Woodward estabelece uma interessante análise sobre identidades que são forjadas a partir de duas posições nacionais diferentes, e que essa dicotomia seria a maneira como, em meio à guerra, as personagens percebiam em si a presença de uma identidade nacional e, por consequência, uma oposição à identidade rival. Como argumenta a autora:

Trata-se de uma história sobre a guerra e o conflito, desenrolada em um cenário de turbulência social e política. Trata-se também de uma história sobre identidades. Nesse cenário mostram-se duas identidades diferentes, dependentes de duas posições nacionais separadas, a dos sérvios e a dos croatas, que são vistos, aqui, como dois povos claramente identificáveis, aos quais os homens envolvidos supostamente pertencem – pelo menos é assim que eles se vêem. Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. (IGNATIEFF, 1994, p. 7-8).

Embora não ocorra em meio a uma guerra entre nações, hoje, o docente enfrenta, no seu dia a dia, uma série de conflitos quanto ao seu modo de atuação. Há, de um lado, a cobrança de que seja urgente o uso das tecnologias na preparação das aulas como maneira que irá solucionar a falta de interesse dos alunos quanto aos temas trabalhados. Por outro lado, ainda existe uma mentalidade vigente de que o conteúdo precisa ser vencido; ainda se escuta a antiga frase “Professor bom é professor que dá matéria”. Os pais medem isso por meio dos cadernos de seus filhos, cheios de conteúdos, sem muitas vezes se perguntarem qual a relevância daquela determinada matéria para o momento que seus filhos estão vivendo. Cada vez mais se debate o problema da educação; pouco, entretanto, tem-se visto em prol de uma melhoria efetiva. Em meio a todos esses debates está o professor, sendo bombardeado com uma série de conceitos com os quais, muitas vezes, nem sabe se concorda, mas que são defendidos por autores conceituados, por profissionais cuja reputação já está consolidada no meio acadêmico:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2011, p.7).

Por fim, fecha-se a base norteadora do trabalho: as questões que envolvem o letramento do professor no universo virtual (Soares, Cascarelli, Ribeiro) e autores que possam contribuir, efetivamente, para que se entenda o processo de formação da identidade do docente que vive num contexto em que a cada dia eclodem novas formas de ferramentas tecnológicas (Hall, Giddens, Bauman, Lévy). Como fechamento dessa seção, reflete Lévy (2011):

Proponho, juntamente com outros, aproveitar esse momento raro em que se anuncia uma cultura nova para orientar deliberadamente a evolução em curso. Raciocinar em termos de impacto é condenar-se a padecer. De novo, a técnica propõe, mas o homem dispõe. Cessemos de demonizar o virtual (como se fosse o contrário do real!). A escolha não é entre a nostalgia de um real datado e um virtual ameaçador ou excitante, mas entre diferentes concepções do virtual. A alternativa é simples. Ou o ciberespaço reproduzirá o midiático, o espetacular, o consumo de informação mercantil e a exclusão numa escala ainda mais gigantesca que hoje. Esta é, a grosso modo, a tendência natural das “supervias de informação” ou da “televisão interativa”.

Ou acompanhamos as tendências mais positivas da evolução em curso e criamos um projeto de civilização centrado sobre os coletivos inteligentes.

Não se poderia deixar de mencionar no trabalho Lévy, uma vez que é o responsável pela cunhagem da expressão ciberespaço que hoje comanda este trabalho. É este espaço virtual, bem como as possibilidades oferecidas por ele e principalmente como docentes e discentes estão navegando nesse espaço que são encontrados os patamares que alicerçam esta pesquisa.

#### 4.1 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo traça um panorama do que se tem trabalhado quanto à formação docente e a sua efetiva aplicação em sala de aula no que se refere ao trabalho com as TIC e NTIC. Enseja-se, assim, demonstrar a relevância da escolha do tema desenvolvido, uma vez que não se trata de uma mera especulação, antes, faz parte de um conjunto de pesquisas que almejam analisar o universo da Educação na esfera digital.

Torna-se imprescindível a análise da importância de uma formação continuada que propicie aos professores contato com as linguagens utilizadas no ambiente virtual, no intuito de que possam, dessa forma, transformarem-se em usuários destemidos desse universo que muitas vezes assusta por sua amplitude e pelas dificuldades que oferece, principalmente, para os profissionais que não aportaram na era digital.

Nesse sentido, relevante citar-se o estudo desenvolvido por Ilda Basso (2009), para quem as transformações aceleradas, oriundas de uma sociedade que apresenta como eixo principal a busca constante do conhecimento, informação e comunicação desafiam as universidades a buscarem novas propostas para a formação inicial e a continuada. Para ela, “as tendências do mundo globalizado demandam um repensar não só sobre os currículos, mas principalmente sobre as novas maneiras de ensinar e aprender” (BASSO, 2009, p. 17).

A inacessibilidade de uma camada da população ao ciberespaço não pode continuar sendo um empecilho para que se instrumentalizem os futuros docentes com ferramentas que propiciem o uso efetivo das TIC e NTIC no ambiente de sala de aula. Quanto a isso, mais uma vez, defende Ilda Basso que, embora existam avanços, pode-se perceber que ocorre uma lacuna entre os que possuem acesso às

tecnologias da informação e os que não possuem tal privilégio. Essas seriam marcas da desigualdade e da exclusão social em uma relação conflituosa que parece estender o espaço entre as promessas de uma sociedade da informação e o contexto em que se encontra imersa grande parte da população mundial. Para a autora, ainda assim é difícil que se possa negar a influência das tecnologias na constituição da sociedade atual.

Assim como o docente deseja que seus alunos apreendam os conteúdos trabalhados em sala de aula, é importante que ele forneça possibilidade para que isso ocorra, fato que se tornará viável a partir da apreensão pelo professor dos mecanismos ofertados pelo ciberespaço que poderão servir como elementos facilitadores de um processo que dinamize o ambiente escolar, que o torne tão atrativo quanto o mundo fora dos muros escolares.

Indiscutivelmente, a cada dia, o excesso de informação, por vezes, obsta as possíveis escolhas dos professores, aprisiona-os frente a tantas possibilidades, principalmente caso se considere a excessiva carga horária com a qual os professores estão comprometidos, mas é preciso saber escolher, isso só será possível por meio de um efetivo processo de aperfeiçoamento docente. Conforme menciona Moran (2007, p.40), “Caminhamos para a sociedade do conhecimento e este é tão complexo, frágil, instável! Nunca tivemos tanta informação disponível e, ao mesmo tempo, nunca foi tão difícil conhecer.”

Dominar as TIC e NTIC parece, para muitos, fundamental para um bom trabalho em sala de aula; ensinar a partir delas, o grande desafio do docente frente à realidade que se apresenta. Para Kenski (2007, p.41), em um período de informação “comportamentos, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade”. Para a autora, um saber que se caracteriza por ser ampliado e mutante “caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade”. Nessa perspectiva, isso transparece nas estratificadas maneiras de se refletir sobre a educação: “Abrir-se para as novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica é o desafio a ser assumido por toda a sociedade” (KENSKI, 2007, p.41).

Não se pode desprezar, entretanto, o fato de que a construção de uma formação docente passa pela construção da identidade. Para Silva (2000, p. 81-84), “Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal

como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência, ao mesmo tempo, uma impossibilidade”.

Outra questão que apresenta forte influência no processo de uso das TIC e NTIC é a importância determinante que elas representam no processo de letramento digital, elemento determinante para a inclusão. Exemplo da relevância estabelecida ao assunto é o trabalho apresentado por Viviane Raposo Pimenta e Leonardo Moreira Pereira no SIED – Simpósio de Educação a Distância promovido pela UFSCar, em 2012 – cujo título é *Ltramento Digital Como Requisito Para a Inclusão Digital e o Exercício da Cidadania*. No que tange à questão da importância, os autores resumem que, quanto à LDB, o direito à educação ocorre como um múltiplo processo de formação, inclusive para a cidadania. Para eles, as questões relacionadas à inclusão digital e aos multiletramentos ocorrem no contexto citado anteriormente. Além disso, com o surgimento das NTIC, os excluídos socialmente se tornaram, de alguma maneira, excluídos social e digitalmente, não abastecendo a demanda social que envolve a utilização dos recursos oferecidos pela tecnologia.

Os autores também discorrem sobre a influência das Tecnologias da Informação e da Comunicação no desenvolvimento, seja no âmbito social ou educacional, afirmando que, em pouco mais de dez anos, a *Internet* fomentou novas maneiras de interatividade entre as pessoas e tornou-se um mecanismo necessário à aquisição e troca de conhecimentos. A informática fixou-se nas residências a partir da proliferação dos computadores e a antiga combinação entre escola e computador adquiriu uma nova dimensão, bem como a televisão adquiriu um oponente de peso: o computador. Os autores afirmam, também, que a partir das NTIC houve uma revolução nas velhas práticas de ensino firmadas basicamente no uso do giz e do papel.

Ainda sobre a questão da identidade docente, o professor Carlos Marcelo (Professor Catedrático de Didática e Organização Escolar da Universidade de Sevilha, na Espanha) escreveu na *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente* que a melhora na qualidade do ensino necessita de bons professores, os quais se comprometam com a tarefa de ensinar. Para ele (2009), a identidade profissional docente é constituída pela interação “entre a pessoa e suas experiências individuais e profissionais”

O professor também discute a fugacidade das informações num contexto de liquidez. Para o docente, uma das facetas da sociedade atual relaciona-se com o

fato de o conhecimento ser um dos principais valores de seus componentes, sendo que as sociedades atuais são valoradas pela relação com o nível de formação de seus indivíduos, além da capacidade de inovação e empreendimento que eles apresentem. O professor Carlos afirma que, na atualidade, os conhecimentos apresentam data de validade e esse fato nos obriga a oferecer maneiras de os cidadãos e profissionais atualizarem constantemente sua competência. Para ele, “Ingressamos numa sociedade que exige dos profissionais uma permanente atividade de formação e aprendizagem” (2009, p.110).

Apesar de o estudo sobre o uso das TIC e NTIC pelos professores de Língua Portuguesa apresentar como foco a realidade de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul, relevante torna-se a percepção de que essa não é uma questão que apresenta controvérsias apenas no Brasil, ela também é discutida e encontra obstáculos, bem como é alvo de estudos em outros países, como comprovam duas dissertações de mestrado desenvolvidas na Universidade do Minho, em Portugal. As teses são de Cidália de Lurdes Pereira Neto e de Álvaro António Teixeira da Silva.

A dissertação de Cidália, intitulada *O papel da Internet no processo de construção do conhecimento: Uma perspectiva crítica sobre a relação dos alunos*, objetivou verificar a representação que professores e alunos têm acerca da *Internet*, bem como caracterizar a utilização que fazem deste meio de aceder à informação. Segundo a autora, a realidade que se apresenta exige uma necessidade de “mudanças rápidas e constantes”, argumentando que a escola não pode declinar dessa tarefa, uma vez que a inclusão das TIC e das NTIC provém de uma necessidade de preparação do “indivíduo para uma sociedade em constante devir”.

Para Cidália Neto, seu trabalho almejava “contribuir para uma reflexão sobre as potencialidades educativas da *Internet*, ou seja, pensar a sua utilização numa vertente pedagógica”. Ainda sobre a questão do uso efetivo da *Internet* em sala de aula, normalmente se tem uma visão negativa, não dos resultados, mas da forma como se pode capacitar o professor para um uso significativo. Tal realidade aponta também para a pesquisa desenvolvida em Portugal, pois, segundo a conclusão da dissertação, a análise dos resultados demonstra que o efetivo uso da *Internet* é inferior às possibilidades ofertadas por ela. Neto mostra-se convicta de que é imprescindível o desenvolvimento de estudos que propiciem pensar a introdução da *Internet* na escola numa ótica pedagógica, criando oportunidades e experiências de

aprendizagem que possibilitem a construção do conhecimento, capacitando os alunos com ferramentas que lhes permitam utilizar de forma efetiva as NTIC.

Já Álvaro António Teixeira da Silva, em seu texto *Ensinar e Aprender com as Tecnologias*, analisou a realidade da rede escolar relativa ao equipamento das escolas em Tecnologias da Informação e Comunicação. Deteve-se, ainda, na utilização pelos professores e na avaliação de seu comportamento frente às TIC, na importância que atribuem à formação, além das condições propiciadas pelas escolas para que o docente desenvolvesse um trabalho com o uso das tecnologias.

Nessa perspectiva, o autor inicia estabelecendo uma relação entre sociedade do conhecimento, sociedade da informação e a escola, centrando-se na utilização das tecnologias nas áreas curriculares, privilegiando o universo do discente. Para a obtenção de dados, António utilizou questionário, um destinado aos diretores; outro, aos professores das 39 escolas pesquisadas.

Quanto à obtenção dos resultados, o autor foi mais otimista em suas conclusões, uma vez que admitiu que os dados evidenciaram que as escolas sofreram um “choque tecnológico”, o qual resultou numa melhora significativa em quantidade e diversidade de equipamentos, ainda que esses equipamentos não fossem suficientes para uma eficaz utilização pelos docentes. Por outro lado, afirmou que o interesse dos professores em se apoderarem de conhecimentos sobre as TIC demonstrou disponibilidade para efetuarem a integração delas em suas práticas pedagógicas. Partindo desse princípio, ele defendeu maior cuidado na formação inicial, bem como o aumento de oferta da formação continuada, mas uma formação “de qualidade” (grifo meu), a qual possibilitasse a elevação do nível de conhecimento dos docentes.

Ainda sobre o tema, pode-se citar a dissertação de Maurílio de Carvalho, intitulada *Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa – Implicações na Formação do Professor*, de 2012. A dissertação foi apresentada na Universidade de Taubaté, no Programa de Mestrado em Linguística Aplicada.

O trabalho centrou-se no uso das TIC no contexto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa e suas implicações na formação docente. A justificativa vislumbrou a relevância social e educacional do tema e a carência de estudos na área.

Ao longo da pesquisa, foram coletados dados com 5 gestores, 6 professores de Língua Portuguesa e 30 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Taubaté/SP. O trabalho partiu da hipótese de, apesar de existirem equipamentos disponíveis nas escolas pesquisadas, eles não comporiam um número expressivo, além de não serem utilizados como um mecanismo de auxílio no ensino de Língua Portuguesa.

Dados foram coletados no intuito de averiguar a hipótese inicial, responder às perguntas de pesquisa e propor alternativas de uso das tecnologias. A respeito da formação docente, analisaram-se as grades curriculares dos cursos de Letras de três universidades do Estado analisado.

A fundamentação teórica utilizada apresentou como foco o contexto da contemporaneidade, das TIC e dos estudos de linguagem. Segundo o autor, os resultados obtidos confirmaram a hipótese inicial. “A aplicação de sequências didáticas também forneceu dados que apontaram o uso das TIC como um mobilizador da atenção e interesse dos alunos” – asseverou Maurílio. Ao final do trabalho, o autor concluiu que “o uso das TIC demanda mudança de paradigma na formação inicial dos professores”.

Outro trabalho cuja descrição se faz pertinente é a tese de doutorado de autoria de Roberta Varginha Ramos Caiado, intitulada *Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e o Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa*. O referido trabalho foi apresentado na Universidade Federal de Pernambuco, em fevereiro de 2011.

O trabalho de Caiado investigou, a partir de três estudos, o processo pedagógico que envolve o discurso e as práticas dos professores de Língua Portuguesa, ambicionando descobrir a maneira como eles utilizavam as Novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) considerando os processos de ensino e de aprendizagem nos livros didáticos de Língua Portuguesa, no intuito de verificar se os conteúdos digitais eram ministrados pelos professores. Além disso, a então doutoranda tencionava conhecer a formação e as concepções de professores de Língua Portuguesa relacionadas às novas TDIC. Por fim, o trabalho pretendia observar a concretização ou não desses discursos, sendo que, para isso, utilizou o processo de observação das aulas de três professores participantes. A pesquisadora utilizou categorias de análise nos três estudos (BARDIN, 1979). Dessa maneira, o estudo foi assim constituído por uma análise

categorial temática 32 LDP, oito coleções, aprovadas pelo PNLD 2005 e 2008, aplicação de questionários e entrevistas com seis professores que ensinavam em turmas de Ensino Fundamental II que pertenciam às redes federal, estadual e privada. Quanto ao referencial teórico, a autora apoiou-se nos estudos sobre transposição didática, transposição informática, letramento escolar, letramento digital, linguagem em sua natureza social e dialógica “produzida enquanto ação humana”.

Os resultados demonstraram “a baixa representatividade da realidade digital nos LDP, pouca ou falta de formação dos professores de língua portuguesa para a utilização das novas TDIC nas dimensões de uso pessoal e profissional e na prática pedagógica”.

Caiado percebeu também que só na turma de uma professora as NTDI pareciam relacionar-se com o processo de ensino e de aprendizagem da língua materna e constatou, por fim, a importância de as instituições escolares mudarem seus currículos de Língua Portuguesa, assumindo em seu projeto político-pedagógico “as NTDI enquanto elementos estruturantes de novos processos educativos”.

Outro trabalho de relevância para o assunto em questão é o desenvolvido por Deise Maria Marques Choti, dissertação de mestrado defendida na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com o título *Paradigma inovador da formação para docência na sociedade em rede: o ambiente virtual de aprendizagem como recurso pedagógico*.

Para a autora, os avanços ocorridos nas TIC fomentam uma realidade da qual não se pode fugir, uma vez que afetam toda a sociedade e geram influências no ambiente escolar. Dessa forma, salientou a importância de os professores alinharem-se com as transformações decorrentes das tecnologias na sociedade tida como do conhecimento. Para ela, os docentes precisam manter-se informados, por meio do estudo e da análise das novas ferramentas tecnológicas.

Nessa perspectiva, a pesquisa buscou realizar uma intervenção nos grupos de professores, na tentativa de elencar contribuições quanto ao uso das tecnologias com modelo inovador, uma vez que, para a autora, o tema trabalhado diversifica e amplia os compromissos dos docentes no que se refere à prática de ensinar e de aprender.

Na busca por uma resposta, a autora investigou o problema da formação pedagógica do professor no *lato sensu*, com a utilização de AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem).

Quanto ao referencial teórico, a pesquisa orientou-se em trabalhos de pesquisadores como Kenski (2007), Moran (2008), Masetto (2003), Behrens (2006), Silva (2003), Sancho (2006), Gadotti (2008), Freire (2005), entre outros teóricos que debatem o uso da tecnologia na educação, a formação docente e os paradigmas educacionais na prática pedagógica.

Choti utilizou estudo de caso, que envolveu a análise da prática pedagógica de professores em formação continuada no *lato sensu*. A pesquisa foi realizada em uma instituição privada de grande porte, no estado do Paraná. A investigação começou com a oferta a 100 professores de um curso de formação para a docência que vislumbrou a reflexão sobre o paradigma inovador na ação docente e a apropriação das modalidades e ferramentas disponíveis *online*.

Como resultado, a autora concluiu que a pesquisa propiciou a observação de que grande parte dos educadores envolvidos no estudo, asseverando acreditar que “a sua formação pedagógica no *lato sensu* (...) leva-os a se posicionar positivamente por um paradigma inovador em relação ao uso de recursos digitais na sua prática docente” (CHOTI, 2012, p. 4).

Corroborando também para que se vislumbre a importância do tema o fato de ele veicular em significativas revistas cujo assunto é educação, como é o caso da entrevista com a professora da PUC-SP, Maria Elisabeth Bianconcini de Almeida, estabelecida pela revista Nova Escola, em 08/02/2011.

Na entrevista, a pesquisadora aponta a impossibilidade de o currículo ficar dissociado das novas tecnologias. Alerta, também, para o fato de que a tecnologia precisa estar disponível para o aluno no momento em que surge a necessidade, não só naqueles momentos em que ele é levado para o laboratório de informática.

A professora defende o uso das TIC em sala de aula e afirma que a tecnologia não é um enfeite, apontando a necessidade de que o professor observe as situações em que o seu uso ajudará no processo de aprendizagem. Almeida também discorre sobre o webcurrículo, instrumento que se desenvolve, segundo a pesquisadora, por meio das TIC, sendo mediado pela *Internet*. Um dos argumentos relevantes sobre o uso do webcurrículo é o fato de ele estar a favor do projeto

pedagógico, não admitindo o uso eventual da tecnologia; é, antes, uma maneira de integrá-la com as atividades em sala de aula.

Um dos pontos importantes da entrevista, o qual se pensa, atinge potencialmente a pesquisa que ora se delinea, é a opinião defendida pela professora no que se refere à disponibilidade da tecnologia em sala de aula. Para ela, os meios tecnológicos precisam estar disponíveis, sendo difícil um resultado satisfatório quando há apenas um laboratório de informática para toda a escola, fato bastante comum nas escolas cujos professores foram entrevistados para a elaboração desta pesquisa. A professora argumenta sobre a importância de que se tenha um pequeno laboratório de informática em cada sala de aula ou que se utilize um computador por aluno. Ela também destaca o fato de não se referir apenas ao uso do computador, mas das diversas tecnologias digitais.

Numa época em que se reverencia tanto o uso do computador, Almeida diz que a ideia dessa ferramenta como o único acesso às TIC é ultrapassada, argumentando que o laboratório deveria ser utilizado para uma atividade mais sofisticada. Questionada sobre o alto custo e a incompatibilidade de sua ideia com a infraestrutura de diversas escolas, a pesquisadora argumenta que o percentual de alunos em escolas muito precárias é pequeno e alerta para a acessibilidade, hoje, dos telefones celulares, instrumentos que, segundo ela, oferecem inúmeras possibilidades didáticas, como trabalho com fotos, filmagens, mensagens e mesmo com a *Internet* e alerta para a proibição do uso desses aparelhos imposta por grande parte das escolas, classificando tal atitude como um incentivo para o uso do aparelho de forma dissimulada, como embaixo das carteiras ou no banheiro, o que favorece a desatenção em sala de aula.

Outra questão abordada que se relaciona diretamente com o tema desta pesquisa é o fato de as graduações não estarem formando professores com aptidão para lidar com a tecnologia. Quanto a isso, Almeida defende que a formação inicial não está atingindo sucesso, cita estudos em que professores reconhecem a importância da tecnologia e querem utilizá-la; aponta, porém, para uma questão bastante difícil, qual seja, o fato de não ser apenas o pouco domínio um obstáculo para que se empreguem as TIC em sala de aula. A entrevistada culpa a pouca quantidade de laboratórios de informática como um fator que desestimula os docentes, que acabam levando seus alunos poucas vezes ao laboratório, não se

criando, assim, uma cultura de mudança e de integração da tecnologia com o currículo.

Outra discussão importante, pois polêmica, retratada na entrevista é sobre a falência do modelo tradicional de ensinar, ou seja, o professor, diante de um quadro, falando para vários alunos sentados, ouvindo e anotando em seus cadernos. Outro ponto relevante é a imagem que mais vem à mente quando se pensa o trabalho do professor em sala de aula. Para a entrevistada, esse posicionamento não será abandonado, pois o professor detém um conhecimento científico e ela considera normal que ele o exponha em uma aula. Finaliza, afirmando que isso, porém, não pode se tornar uma prática cotidiana e que diferentes dinâmicas devem ser utilizadas de acordo com o projeto pedagógico vigente.

Outro exemplo de entrevista bastante interessante para servir de elemento inspirador para esta pesquisa é a desenvolvida com o antropólogo e pesquisador Tião Rocha. O pesquisador defende ideias bastante inovadoras sobre o ato de ensinar. Como exemplo, pode-se citar o fato de Rocha defender a ideia de que a escola aprisiona e uma educação de qualidade não precisa de salas ou muros, conforme entrevista<sup>2</sup> concedida em 18 de março de 2013.

Para o antropólogo, a escola do futuro não existirá, será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para que se aprenda. Segundo ele, educação é feita com bons educadores, não se precisa de sala, mas de gente; não se precisa de prédios, mas de espaços de aprendizado; não se precisa de livros, mas de todos os instrumentos que levem os discentes a aprenderem.

O revolucionário pesquisador tem trabalhado dessa maneira há 30 anos, desde que deixou o emprego de professor na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e fundou o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, organização não-governamental sem fins lucrativos, criada em 1984, em Belo Horizonte (MG). Na cidade de Curvelo, no sertão mineiro, Rocha iniciou um projeto pedagógico com base no uso da cultura local como matéria-prima do ensino e na proposta de que a educação acontece em qualquer lugar.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/e-possivel-fazer-educacao-de-qualidade-sem-escola-diz-educador,ccec132363e7d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 02/05/2013.

Sobre as tecnologias, o entrevistado defende o ponto de vista de que seriam meios e que, portanto, estariam a serviço e teriam de atender uma causa. Para ele, há TIC demais e, para cada TIC deveria haver uma Tecnologia de Aprendizado e Convivência. Além disso, o professor, na contramão da questão, argumenta que se está fazendo desigualdade de acesso às TIC, uma vez que não são utilizadas de forma igualitária nas zonas rurais e urbanas.

A posição de Tião Rocha faz pensar, pois foge do senso comum vigente hoje, ou seja, o de que as TIC são imprescindíveis para o bom andamento de qualquer processo efetivo de aprendizagem. Pode-se dizer que muitas das ideias defendidas pelo antropólogo vão de encontro às defendidas por grande parte dos pesquisadores contemporâneos.

No capítulo seguinte, desenvolver-se-á uma reflexão a partir de imagens que comumente povoam o imaginário coletivo e que são construídas ou solidificadas, muitas vezes, por intermédio da mídia. Muitas imagens foram encontradas no intuito de fortalecer essa ideia, porém optou-se pela utilização daquelas que se harmonizassem com a proposta deste estudo.

#### 4.2 IMAGENS QUE POVOAM O IMAGINÁRIO E SÃO SOLIDIFICADAS POR MEIO DA MÍDIA

Sempre que o assunto é tecnologia, algumas imagens perpassam o imaginário coletivo, com a difusão de algumas ideias que surgem da observação do cotidiano, como o fato de que as crianças já nascem em meio a um universo repleto de tecnologia, situação que gera alunos munidos de profundo conhecimento tecnológico; os professores oriundos de outras gerações ainda sentem bastante dificuldade para utilizarem efetivamente as possibilidades ofertadas pelas TIC e NTIC. Além disso, não se pode desprezar o fato do interesse de idosos pelo domínio do computador, estimulados muitas vezes pelos mais novos, ou simplesmente pelo desafio de agregar novos conhecimentos num momento em que isso poderia ser considerado desnecessário ou, muitas vezes, impossível. As imagens que seguem, capturadas em *site* de domínio público<sup>3</sup>, ilustram, de maneira relevante, o que foi

<sup>3</sup> Disponível em: [www.Google.com.br/search?q=tecnologia+imagem&rlz=1C2KMZB\\_enBR5442&tbm=isch&tbo=u&source=univ&as=X&ei=tfExUsqWOImM9ASwxoCABQ&ved=0CCwQsAQ&biwq=tecnologia+imagem&rlz=1C2KMZB\\_enBR542BR542&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=tfExUsqWOImM9AS=1440&bih=799&dpr=1](http://www.Google.com.br/search?q=tecnologia+imagem&rlz=1C2KMZB_enBR5442&tbm=isch&tbo=u&source=univ&as=X&ei=tfExUsqWOImM9ASwxoCABQ&ved=0CCwQsAQ&biwq=tecnologia+imagem&rlz=1C2KMZB_enBR542BR542&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=tfExUsqWOImM9AS=1440&bih=799&dpr=1). Acesso em 04/06/2013.

abordado neste parágrafo e servem de motivo de reflexão para a instauração do tema escolhido.



É fato que as novas gerações entram em contato com as TIC cada vez mais precocemente; não se pode desprezar, no entanto, o interesse que elas despertam, também, nos indivíduos de faixa etária mais avançada, quer como forma de se sentirem partícipes do mundo contemporâneo – que muitas vezes – excluem-nos, quer como meio de comunicação com filhos e netos que não estão próximos fisicamente. Importante, nesse processo, acredita-se, seja a possível interação que pode ser gerada a partir da troca que se propiciará entre as diferentes gerações. Além disso, abre-se um espaço interessante de aprendizagem que não dissocia diferentes gerações, ao contrário, aproxima-as, fato que pode repercutir, também, na relação entre alunos e professores.

Quanto à questão do idoso frente à aprendizagem por meio das TIC, pode-se citar um interessante trabalho apresentado no II Congresso Internacional TIC e Educação (2012), intitulado *O Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação pela Terceira Idade*, de autoria de Rozane da Silveira Alves, Josias Pereira, Marley Maria Tedesco Radin e Rosária Ilgenfritz Sperotto, pela Universidade Federal de Pelotas.

O referido trabalho é resultado de uma pesquisa sobre a inclusão da terceira idade no universo digital e a forma como o uso das TIC está alterando suas vidas. Os pesquisadores entrevistaram pessoas acima de 60 anos que frequentavam cursos ou oficinas de formação que os habilitassem a usar as TIC em três instituições de Pelotas. Segundo os autores, esse tipo de formação exige dos

---

professores muita dedicação e paciência no intuito de que sejam vencidas as barreiras encontradas durante o processo de aprendizagem: dificuldade no manuseio do mouse, devido a dificuldades de coordenação motora e leitura dos textos pela redução da visão. Em contrapartida, como elemento de estímulo para os professores, demonstram grande curiosidade e interesse em aprender.

Ainda segundo a pesquisa, os idosos procuravam os cursos orientados por familiares mais jovens, como filhos, sobrinhos e netos, residentes em cidades distantes de Pelotas. Os dados obtidos contribuem significativamente para que se tenha uma visão positiva do uso das TIC no processo de recuperação da autoestima, pois os autores concluíram que ocorreu um acréscimo da autoestima dos idosos ao se sentirem incluídos na sociedade midiática e também por se sentirem competentes na utilização das ferramentas tecnológicas. Ao adquirirem uma competência com a qual os jovens possuem tamanha intimidade, os idosos conquistaram também uma melhora em suas relações e a fuga do isolamento.

Outra imagem impactante é a que segue, na qual se tem a representação do alcance que a *Internet* apresenta na sociedade contemporânea.



Além disso, a imagem, de certa forma, corrobora a ideia defendida no item anterior pelo antropólogo Tião Rocha (2013) quando argumenta que a aprendizagem pode acontecer em qualquer lugar, mesmo fora dos muros das escolas que, segundo ele, aprisionam e cerceiam o conhecimento. A figura apresentada retrata a abrangência da tecnologia, que, de um modo geral, ultrapassa fronteira, etnia ou condição social.

Dando prosseguimento às reflexões ora propostas, observem-se as imagens a seguir:



No final do século XIX, surgiram os sistemas de ensino que se guiavam no dogma de que a educação é Direito de todos e dever do Estado. O papel da escola passou a ser o de fazer que o aluno cresça pelo próprio mérito a partir do professor, o qual desempenha o papel de repassar ao discente todo o conhecimento adquirido; o problema, porém, é que isso ocorre, por vezes, de forma mecânica, sendo que as particularidades nem sempre são respeitadas, o professor é o dono do conhecimento e o aluno mero depositário, conforme afirma Gôndora (1985, p.23):

O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde que se esforcem. Assim, os menos capazes devem lutar para superar as dificuldades e conquistar um lugar junto aos mais capazes. Caso não consigam, devem procurar um ensino mais profissionalizante.

Nota-se, pela citação, que a maior preocupação era a posição onipresente do professor que detinha o conhecimento e, para os alunos menos capazes, restava apenas a busca por um ensino profissionalizante, ou seja, um ensino que não exigisse um estudo futuro.

Não se trata, porém, de rechaçar o conhecimento do professor ou o próprio ensino tradicional, uma vez que ele, apesar das críticas recebidas, também apresentava pontos relativamente positivos, ainda que questionáveis, como o estímulo à memorização ou a necessidade de uma maior organização do aluno no intuito de que os conteúdos vistos nas diversas disciplinas fossem armazenados.

Enfim, a dicotomia entre a educação que incorpora as NTIC em suas metodologias de ensino e a tradicional não é mera questão de movimento em torno de progresso e de atraso, trata-se de receber o novo sem que se despreze a

trajetória do professor; este pode utilizar a tecnologia como uma ferramenta que favoreça a construção de conhecimentos e de aprendizagens, o que supostamente se dá no contexto abaixo ilustrado.



A figura retrata o que seria o novo perfil desejado para o trabalho em sala de aula, o professor que, aparentemente, domina estrategicamente as ferramentas ofertadas pelos meios tecnológicos, no caso a lousa digital. O novo lema da relação professor-aluno passou a ser aprendendo a aprender, a fazer, a estruturar, a conviver, a metamorfosear-se em alguém mais informado e autônomo, além de apto para a avaliação de seu fazer pedagógico.

Os alunos pertencem a uma geração tecnológica e isso significa apresentar um diferencial na forma de apreender o conhecimento. Conforme Masetto (2003, p.82):

A oportunidade de alunos e professores, pessoalmente e por interesse e motivação própria, poderem entrar em contato imediato com as mais novas e recentes informações, pesquisas e produções científicas do mundo todo, em todas as áreas; a oportunidade de desenvolver a auto-aprendizagem e a interaprendizagem pelos microcomputadores das bibliotecas, das residências, dos escritórios, dos locais de trabalho faz com que tais recursos sejam incorporados ao processo de aprendizagem, uma nova forma de se contactar com a realidade ou fazer simulações facilitadoras de aprendizagem.

A educação pode, nesse sentido, tornar possível a formação de jovens com senso crítico de realidade, capazes de efetuarem pesquisas e formularem resultados.

Enfim, o modelo de ensino que se apresenta propõe que o professor abandone o papel de transmissor de conteúdos para tornar-se um pesquisador; teoria e prática não devem ser dicotomizadas, pois o relacionamento com a prática

ocorre por meio de inferências teóricas. No entanto, isso não quer dizer que somente uma ou outra pode valer por si só. Além disso, o professor vale-se do conhecimento teórico para lidar com os obstáculos nos limites da comunidade escolar. Dessa forma, esse conhecimento sustentará o seu fazer pedagógico.

## 5 UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL? PROGRAMAS GOVERNAMENTAIS QUE INCENTIVAM A INCLUSÃO DIGITAL: UM POUCO DE HISTÓRIA

Muito se tem discutido sobre a falta de conhecimento de docentes, pouco ou nada habituados ao ciberespaço. Fato que preocupa, uma vez que emperra a possibilidade de uma realização efetiva da inclusão digital. Vários são os argumentos, entre eles está o parco desempenho do governo no que se refere a essa área. Esse argumento torna-se aparentemente incongruente, entretanto, quando se pesquisa os programas que foram ou que têm sido desenvolvidos pelo Governo Federal. Como ainda são encontradas tantas deficiências, mesmo que o número e a intencionalidade prometida pelos governos ao lançarem planos de inclusão digital deveria levar a um resultado realmente surpreendente. Nessa perspectiva, fica o questionamento e a ideia de que em algum momento tais procedimentos não estão sedimentando o conhecimento a que se destinam. Para que se reflita sobre o assunto, serão elencados alguns projetos com propostas interessantes no intuito de se resolver o problema dos muitos excluídos digitais que ainda habitam o espaço da educação. Além disso, nos anexos foram elencados alguns Decretos que fomentam a inclusão digital. Os dados sobre os projetos foram retirados e estão disponíveis em <<http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/acesso-a-bibliotecas-publicas-na-rede>>. Os Decretos Federais são encontrado em <[www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-1/decretos1](http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-1/decretos1)>. Acesso em 19/12/2012.

### 5.1 PROGRAMA BANDA LARGA NAS ESCOLAS

O Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE) tem como objetivo conectar todas as escolas públicas urbanas à *Internet*, rede mundial de computadores, por meio de tecnologias que propiciem qualidade, velocidade e serviços para incrementar o ensino público no País. O Programa Banda Larga nas Escolas foi lançado no dia 04 de abril de 2008 pelo Governo Federal, por meio do Decreto nº 6.424 que altera o Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Telefônico Fixo Computado Prestado no Regime Público – PGMU (Decreto nº 4.769). Com a assinatura do Termo Aditivo ao Termo de Autorização de exploração da Telefonia Fixa, as operadoras autorizadas trocam a obrigação de instalarem postos de serviços telefônicos (PST) nos municípios pela instalação de infraestrutura

de rede para suporte da conexão à *Internet* em alta velocidade em todos os municípios brasileiros e conexão de todas as escolas públicas urbanas com manutenção dos serviços sem ônus até o ano de 2025. A gestão do Programa é feita em conjunto pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), em parceria com o Ministério das Comunicações (MCOM), o Ministério do Planejamento (MPOG) e com as Secretarias de Educação Estaduais e Municipais.

## 5.2 PROJETO CASA BRASIL

O projeto Casa Brasil leva às comunidades localizadas em áreas de baixo índice de desenvolvimento humano computadores e conectividade, priorizando ações em tecnologias livres aliadas à cultura, arte, entretenimento, articulação comunitária e participação popular.

As atividades desenvolvidas estimulam a apropriação autônoma e crítica das tecnologias, como, por exemplo, o Software livre, a democratização das comunicações e o desenvolvimento local orientado pelos princípios da economia solidária.

O Casa Brasil é um Programa de Inclusão Digital da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social do Ministério da Ciência e Tecnologia (SECIS – MCT). A Equipe Casa Brasil, vinculada à SECIS/MCT e com o apoio da UnB e do CNPq, oferece suporte administrativo a distância por meio das listas de *e-mail*, *site* e ambientes destinados às unidades.

## 5.3 COMPUTADORES PARA INCLUSÃO

É uma rede nacional de reaproveitamento de equipamentos de informática, formação profissional e inclusão digital. É uma ação do Governo Federal e parceiros para colocar mais tecnologia a serviço da cidadania. Órgãos públicos, empresas e cidadãos podem doar seus equipamentos usados aos Centros de Recondicionamento de Computadores (CRCs). Esses centros são instalados em periferias de grandes cidades.

Os jovens aprendem na prática a testar, consertar, limpar, configurar e embalar as máquinas. Os computadores prontos são doados a telecentros,

bibliotecas e escolas públicas de todo o país. Em seu primeiro ano, o Computadores para Inclusão ofereceu 3.320 equipamentos completos a 252 projetos de inclusão digital.

#### 5.4 OFICINA PARA INCLUSÃO DIGITAL

Espaço anual de discussão e proposição de estratégias, políticas públicas e diretrizes de acesso e uso das Tecnologias de Informação e da Comunicação (TIC). Tem como eixo fundamental a promoção de ações concretas de inclusão digital, com o objetivo de avaliar e mapear mecanismos voltados ao desenvolvimento do país aproximando pessoas que trabalham diretamente na implementação, formação e áreas técnicas relacionadas ao tema da inclusão digital.

Organizada a cada ano em uma região diferente do país, a Oficina se realizou pela primeira vez em Vitória (ES), no período de 5 a 7 de dezembro de 2011.

O município de Vitória é considerado exemplo de cidade digital no Brasil, além de se consistir em importante parceiro do Governo Federal em ações de inclusão digital voltadas à população. O Estado do Espírito Santo abriga, ainda, outras experiências pioneiras para expansão do acesso à banda larga nas áreas urbana e rural.

Em 2011, o Governo Federal, em conjunto com a Prefeitura de Vitória, o Governo do Estado do Espírito Santo e seus parceiros organizaram a 10ª Oficina para Inclusão Digital, oportunidade em que atores regionais e de todo o país puderam debater, compartilhar experiências e boas práticas, e contribuir com proposições para o avanço das políticas públicas de inclusão digital no Brasil.

As atividades objetivaram reafirmar o compromisso do evento com agentes que atuam diretamente junto à população em telecentros, escolas públicas, comunidades e projetos de inclusão digital em todo o país, aproximando gestores, implementadores, formadores e técnicos dos grandes temas da atualidade no campo da Inclusão Digital.

## 5.5 ONID

O Observatório Nacional de Inclusão Digital - ONID é uma iniciativa do Governo Federal, em conjunto com a sociedade civil organizada, que atua na coleta, sistematização e disponibilização de informações para o acompanhamento e a avaliação das ações de inclusão digital no Brasil.

Além de ser uma importante ferramenta para os gestores de políticas públicas e iniciativas nessa temática, o ONID disponibiliza à sociedade informações detalhadas sobre os telecentros existentes em todo o país. Em conjunto com o Portal de Inclusão Digital do Governo Federal, também divulga notícias, eventos e materiais de referência.

## 5.6 PROJETO CIDADÃO CONECTADO – COMPUTADOR PARA TODOS

O Governo Federal, em articulação com a iniciativa privada, facilita a aquisição de computadores por meio do Projeto Computador para Todos. O objetivo principal do projeto é possibilitar para a população que não tem acesso ao computador a obtenção de um equipamento de qualidade, com sistema operacional e aplicativos em *software* livre, que atenda ao máximo às demandas do usuário, além de permitir acesso à *Internet*.

Decreto assinado pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva institui o Projeto Cidadão Conectado - Computador para Todos, e estabelece que as definições, especificações e características técnicas mínimas das soluções de informática serão definidas em ato do Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia. O Projeto tem como principal objetivo promover a inclusão digital, oferecendo ao consumidor a possibilidade de aquisição, em condições facilitadas, de produtos de informática constituídos de computadores, programas de computador (*software*) neles instalados e de suporte e assistência técnica necessários ao seu funcionamento. De acordo com as informações que antecederam a publicação desse decreto, as indústrias credenciadas deverão se comprometer a fornecer um equipamento com memória de 128 MB, disco rígido com capacidade de 40 GB e o uso de sistema operacional não proprietário, ou seja, livre e preço máximo para venda de R\$ 1.400,00 para pagamento à vista. Existe, também, a possibilidade do uso das linhas de crédito especiais oferecidas ao consumidor pela Caixa Econômica Federal e pelo Banco do

Brasil. O dinheiro desse financiamento foi contingenciado por uma linha especial de crédito do FAT, no valor de R\$ 250 milhões, no chamado linha FAT/inclusão digital. Os bancos habilitados fornecerão ao consumidor linha de financiamento e juros mensais de 2%, sendo que o valor de um Computador Para Todos de até R\$ 1.400,00 poderá ser pago em até 24 vezes. Estima-se que a quantia mensal a ser desembolsada pelo consumidor não ultrapasse R\$ 70,00, ratificando a intenção do Governo de que os favorecidos pelo programa estejam inseridos em uma faixa salarial de 3 a 7 salários mínimos/mês. Além de todos os benefícios que o Computador Para Todos oferece, o setor está sendo menos taxado, com a isenção do PIS/Cofins para a venda de computadores de até R\$ 2.500,00, graças à publicação da chamada MP do Bem, que proporcionou a redução do preço final do produto. Fonte: Assessoria de Comunicação do Serpro.

## 5.7 PROGRAMA GESAC

Coordenado pelo Ministério das Comunicações, o Programa GESAC busca disseminar meios que permitam a universalização do acesso às informações e serviços de governo eletrônico, oferecendo pontos de conexão para a *Internet* em banda larga, ferramentas de Tecnologias da Informação e Comunicação, recursos digitais e capacitação para promover a inclusão digital em todo o território nacional por meio de uma plataforma de rede, serviços e aplicações.

O Programa oferece conexão de *Internet* via satélite e terrestre a telecentros, com o objetivo de promover a inclusão digital em todo o território brasileiro.

O Programa é direcionado, prioritariamente, para comunidades em estado de vulnerabilidade social, em todos os estados brasileiros, privilegiando as cidades do interior, sem telefonia fixa e de difícil acesso. Por meio dele, é disponibilizada a infraestrutura fundamental para a expansão de uma rede.

Desde 2002, milhares de brasileiros passaram a dispor do acesso à *Internet* por meio do Programa, que proporciona oportunidades de inserção no mundo das Tecnologias de Informação e Comunicação por meio de uma iniciativa governamental pública, gratuita e democrática.

## 5.8 PROGRAMA DE IMPLANTAÇÃO DE SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

O programa tem como objetivo apoiar os sistemas públicos de ensino na organização e na oferta do atendimento educacional especializado, além de contribuir para o fortalecimento do processo de inclusão educacional nas classes comuns de ensino.

As salas são equipadas com televisão, DVD's, equipamentos de informática, ajudas técnicas, materiais pedagógicos e mobiliários adaptados para o atendimento às necessidades especiais dos alunos.

O programa ambiciona disponibilizar aos sistemas públicos de ensino equipamentos de informática, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade.

De 2005 a 2006 foram disponibilizadas 626 salas; em 2007, 625 salas; em 2008, 4300 salas de recursos multifuncionais.

## 5.9 PROGRAMA DE INCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL

O Ministério da Ciência e Tecnologia tem promovido a inclusão digital com foco no social, proporcionando o desenvolvimento de competências nos municípios brasileiros, o acesso à tecnologia e o incentivo à pesquisa em ciência e tecnologia, permitindo o desenvolvimento local e social a partir da inclusão digital de uma forma completa e multidisciplinar, causando impacto nas realidades mais carentes e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população.

## 5.10 PROINFO INTEGRADO

Programa Nacional de Tecnologia Educacional que promove o uso pedagógico da Informática na rede pública de Ensino Fundamental e Médio. Desenvolvido em parceria com estados e municípios, o ProInfo adquire, distribui e realiza a instalação dos computadores nas escolas e promove a capacitação de professores, técnicos, gestores e agentes educacionais. Os computadores contam com sistemas operacionais em código aberto, desenvolvidos especialmente para as escolas brasileiras e contendo várias ferramentas de produtividade.

O ProInfo Integrado é um programa de formação voltada para o uso didático-pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação no cotidiano escolar, articulado à distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas e à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais oferecidos pelo Portal do Professor, pela TV Escola e DVD Escola, pelo Domínio Público e pelo Banco Internacional de Objetos Educacionais.

### 5.10.1 Cursos ofertados

- **Introdução à Educação Digital (40h):** Curso básico para professores que não têm o domínio mínimo no manejo de computadores/*Internet*. O objetivo deste curso é possibilitar aos professores e gestores escolares a utilização de recursos tecnológicos, tais como: processadores de texto, apresentações multimídia, recursos da Web para produções de trabalhos escritos/multimídia, pesquisa e análise de informações na *Web*, comunicação e interação (*e-mail*, lista de discussão, bate-papo, *blogs*).
- **Tecnologias na Educação:** ensinando e aprendendo com as TIC (100h) visa oferecer subsídios teórico-metodológicos práticos para que os professores e gestores escolares possam:
  - compreender o potencial pedagógico de recursos das Tecnologias de Informação e Comunicação no ensino e na aprendizagem em suas escolas;
  - planejar estratégias de ensino e de aprendizagem, integrando recursos tecnológicos disponíveis e criando situações para a aprendizagem que levem os alunos à construção de conhecimento, ao trabalho colaborativo, à criatividade e resultem efetivamente num bom desempenho acadêmico;
  - utilizar as TIC nas estratégias docentes, promovendo situações de ensino que focalizem a aprendizagem dos alunos e resultem numa melhoria efetiva de seu desempenho.
- **Elaboração de Projetos (40h):** visa capacitar os professores e gestores escolares para que eles possam desenvolver projetos a serem utilizados na sala de aula junto aos alunos, integrando as tecnologias de educação existentes na escola.

- **Curso Especialização de Tecnologias em Educação (400h):** A proposta principal do curso Tecnologias em Educação é propiciar a formadores/multiplicadores dos programas ProInfo Integrado, TV Escola, Mídias na Educação, Formação pela Escola e Proinfantil e a professores efetivos da rede pública de ensino e gestores escolares especialização, atualização e aprofundamento nos princípios da integração de mídias e a reconstrução da prática político-pedagógica. Esses objetivos gerais podem ser desdobrados nos principais objetivos específicos:
  - desenvolver competências que permitam orientar, produzir, capacitar e apoiar o uso/aplicação político-pedagógica das tecnologias de informação e comunicação nos sistemas escolares das diversas unidades da Federação;
  - possibilitar a tomada de consciência para compreender as várias dimensões do uso pedagógico das novas mídias e tecnologias, favorecendo a reconstrução das práticas educativas, tendo em vista o contexto da sociedade em constante mudança e uma nova visão epistemológica envolvida nos processos de conhecimento;
  - planejar e executar ações a partir de uma ótica transformadora viabilizando a articulação entre o projeto político-pedagógico, as atividades de gestão e a prática educativa mediada por tecnologias.

#### **Quem pode participar?**

Professores e gestores das escolas públicas contempladas ou não com laboratórios de informática pelo ProInfo, técnicos e outros agentes educacionais dos sistemas de ensino responsáveis pelas escolas.

#### **5.11 PROGRAMA TELECENTROS COMUNITÁRIOS**

Programa do Ministério das Comunicações que tem como objetivo a doação de equipamentos de informática, multimídia, mobiliários e sinal de *Internet* para montagem e instalação de Telecentros Comunitários nos 5.564 municípios brasileiros. Tudo isso para possibilitar para toda a população do município o uso gratuito de computadores e o acesso à *Internet*. A utilização do Telecentro é gerida por um Conselho Gestor de Inclusão Digital que a Prefeitura do Município deve criar.

## 5.12 TELECENTROS BR

O Programa é resultado de um esforço do Governo Federal, sob orientação da Presidência da República, de coordenação do apoio aos espaços públicos e comunitários de inclusão digital.

A prestação do apoio será em conexão, computadores, bolsas de auxílio financeiro a jovens monitores e formação de monitores bolsistas e não-bolsistas que atuem nos telecentros. O objetivo é oferecer condições ao aperfeiçoamento da qualidade e à continuidade das iniciativas em curso, assim como à instalação de novos espaços.

O Programa já iniciou a preparação de 455 novos monitores em todos os estados do país utilizando a *Internet* e a previsão era de que até 2012 seriam 15 mil jovens em todas as regiões.

Ao mesmo tempo em que são capacitados, os jovens têm como missão auxiliar os usuários dos telecentros sobre o manuseio do computador, acesso, navegação e pesquisa na web. Para isso, por seis horas de atuação diária, receberão uma bolsa mensal que varia de R\$ 241,50 a R\$ 483,00, dependendo da localidade.

Um dos critérios para ser monitor, entre outros, é o candidato estar estudando ou ter concluído o Ensino Médio, assim como demonstrar interesse em trabalhos voltados à melhoria de vida nas comunidades.

## 5.13 TERRITÓRIOS DIGITAIS

O projeto faz parte do Programa Territórios da Cidadania e é coordenado pelo Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD) do MDA com a parceria entre órgãos do Governo Federal, estados, municípios, entidades públicas e sociedade civil.

Por meio da instalação de Casas Digitais em comunidades rurais, o projeto Territórios Digitais faz inclusão social a partir da inclusão digital, ampliando o exercício da cidadania a assentados da reforma agrária, agricultores, familiares, povos e comunidades tradicionais, entre outras conquistas.

## 5.14 UM COMPUTADOR POR ALUNO

Iniciativa do Governo Federal para a adoção intensiva de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas escolas por meio da distribuição de computadores portáteis aos alunos da rede pública de ensino.

O Programa Um Computador por Aluno (PROUCA) tem como objetivo ser um projeto Educacional utilizando tecnologia, inclusão digital e adensamento da cadeia produtiva comercial no Brasil.

O *One Laptop per Child Project* (OLPC) foi apresentado ao governo brasileiro no Fórum Econômico Mundial em Davos - Suíça, em janeiro de 2005. Em junho daquele ano, Nicholas Negroponte, Seymour Papert e Mary Lou Jepsen vieram ao Brasil especialmente para conversar com o presidente e expor a ideia com detalhes. O presidente não só a aceitou, como instituiu um grupo interministerial para avaliá-la e apresentar um relatório. Após reuniões com especialistas brasileiros para debates sobre a utilização pedagógica intensiva das TIC nas escolas, foi formalizada uma parceria com a FacTI (Fundação de Apoio à Capacitação em Tecnologia da Informação) – FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) para a validação da solução da Organização OLPC, proposta originalmente pelo MIT.

Em Fevereiro de 2006, a FacTI chamou mais três instituições para integrar o grupo técnico e fazer um estudo sobre a solução OLPC:

- CenPRA – Centro de Pesquisa Renato Archer;
- CERTI – Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras
- LSI – Laboratório de Sistemas Integráveis Tecnológico.

Durante o ano de 2007, foram selecionadas 5 escolas, em cinco estados, como experimentos iniciais, em São Paulo-SP, Porto Alegre-RS, Palmas-TO, Piraí-RJ e Brasília-DF.

Em Janeiro de 2010, o consórcio CCE/DIGIBRAS/METASYS foi dado como vencedor do pregão nº 107/2008 para o fornecimento de 150.000 *laptops* educacionais a aproximadamente 300 escolas públicas já selecionadas nos estados e municípios.

Cada escola recebeu os *laptops* para alunos e professores, infraestrutura para acesso à *Internet*, capacitação de gestores e professores no uso da tecnologia.

## 6 A PESQUISA E SUA METODOLOGIA

A metodologia a ser adotada na pesquisa foi definida tendo em vista a contemplação dos objetivos específicos do estudo proposto, referendados anteriormente. Para tanto, o trabalho ancorou-se na abordagem qualitativa, que é um campo da investigação que, por sua essência naturalista, permite ao pesquisador estudar e analisar os dados em seus cenários naturais. Quanto à possibilidade de explicação dessa forma de pesquisa, argumenta Demo (2008, p.1):

Esta trata de um assunto que é facilmente reconhecido como não quantitativo, embora se imagine de relevância extrema na realidade. Não há como fabricar uma taxa, um coeficiente, um índice de participação, porque não existe um metro, um quilo, um litro dela.

Realizaram-se entrevistas, durante as quais foram dadas oportunidades para que as professoras falassem sobre sua formação, principais momentos em sua atuação profissional e, se possível, sobre a imagem que têm de si. A entrevista não representa apenas um diálogo, ao contrário, é uma técnica de coleta de dados que trabalha uma discussão orientada por um objetivo. Através de um interrogatório, a entrevista permite que o sujeito discorra sobre temas específicos, o que resultará em dados que poderão ser utilizados na pesquisa. É importante que o pesquisador esteja ciente do contexto histórico e cultural no qual está inserido o pesquisado, pois não há como evitar que esses contextos interfiram no modo de articulação do pensamento; durante a entrevista, entrevistado e entrevistador estão envolvidos em suas ideologias, por isso é relevante que o pesquisador esteja ciente dessa realidade e que, de certa forma, consiga conhecer o universo do entrevistado. Sobre esse assunto, expõem Rosa e Arnoldi (2008, p.20):

A complexidade da aplicação de uma Entrevista inicia-se, portanto, na análise inicial de todo um contexto externo, em que estão inseridos, obrigatória e inevitavelmente, tanto o entrevistado quanto o tema em estudo.

Mesmo não sendo da vontade do entrevistador e do entrevistado, é certo que ocorrerão essas influências sobre os dados decorrentes da investigação científica.

É imprescindível, portanto, que o entrevistador tenha, como ponto de partida, toda a visualização desse contexto externo, cultural e histórico em que está inserido o sujeito a ser pesquisado, e, também neste momento o conteúdo da pesquisa em questão, podendo prosseguir ou iniciar a coleta de dados somente após essa averiguação, para que não se perca em caminhos transversos.

Com base nas considerações acima, as entrevistas incluirão questões a partir das quais se torne possível o (re)conhecimento do universo em que estão inseridos os sujeitos da pesquisa.

Embora a análise qualitativa tenha sido reconhecida recentemente no campo da educação, ela apresenta uma longa e profícua história. Tornou-se, dessa forma, um dos métodos de bastante interesse pelos pesquisadores na área da educação, conforme afirmam Lüdke e Marli (op.cit., p. 11), “é cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas.”

Nesta pesquisa, o foco de observação recairá sobre as práticas pedagógicas dos professores, especialmente as mediadas ou passíveis de mediação pelas NTIC.

Caberá, no planejamento e durante o trabalho, a análise das cinco características sugeridas por Robert Bogdan e Sari Biklen (2003, pp.49-50), a saber:

1ª) Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas. Ainda que alguns investigadores utilizem equipamento de vídeo ou áudio, muitos limitam-se exclusivamente a utilizar um bloco de apontamentos e um lápis. Contudo, mesmo quando se utiliza o equipamento, os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo.

2ª) A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais.

3ª) Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Como é que as pessoas negociam os significados? Como é que se começaram a utilizar certos termos ou rótulos? Como é que determinadas noções começaram a fazer parte daquilo que consideramos ser o “senso comum”? Qual a história natural da actividade ou acontecimentos que pretendemos estudar?

4ª) Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou firmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram relidos se vão agrupando.

5ª) O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas.

Em síntese, pesquisa qualitativa refere-se a todo tipo de pesquisa que leva a resultados não conseguidos por meio de procedimentos estatísticos ou de outras maneiras de quantificação. Pode fazer referência à vida das pessoas, vivências,

comportamentos e sentimentos, mas também à pesquisa organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais. Um fato relevante é o de que alguns dados podem ser quantificados, mas a maior parte da pesquisa é interpretativa.

Uma característica estimulante na análise qualitativa é o fato de que, ao longo de realização da pesquisa, alguns temas podem surgir de forma imediata, ao passo que outros vão surgindo no decorrer do processo. Estar ciente dessa característica torna-se relevante a fim de que se possa reconhecer e encerrar, quando necessário, as diversas etapas da pesquisa. Isso, inevitavelmente, requer reflexão em torno da problemática encontrada, dos possíveis erros cometidos, das escolhas estabelecidas e mesmo das dificuldades encontradas, razão pela qual este pesquisador permaneceu atento às categorias e/ou problemáticas emergentes durante o processo de coleta de dados.

Nem sempre o tema estudado será inusitado, mas a pesquisa qualitativa permite um novo olhar, um novo enfoque, pois a análise parte de uma apropriação do conhecimento, fato extremamente pessoal.

Nesse tipo de abordagem, o investigador é parte integrante da pesquisa, sendo o primeiro instrumento da investigação. Importante salientar que, ao ingressar em campo para a pesquisa, o pesquisador não está desprovido de todo o seu arcabouço cultural, além de suas experiências de vida, tanto as positivas quanto as negativas. Sendo assim, sua idade, etnia, cultura, orientação sexual, política e religião são vertentes por meio das quais ele vê a pesquisa. Eis uma das razões que reiteram a pertinência da inclusão, neste estudo, da história de vida deste pesquisador como aquele “aluno que se tornou professor em busca de uma identidade (cf. seção 2). A abordagem qualitativa, entre outras vantagens, possibilita a aproximação do investigador com o objeto investigado, o que, de um modo geral, não é possível nas pesquisas quantitativas.

## 6.1 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS

O trabalho contou com a contribuição de quatro professoras de Língua Portuguesa que atuam em instituições de Ensino Médio da cidade de Pelotas. Para isso, foram selecionadas duas professoras de escolas públicas e duas de escolas particulares. Como a pesquisa demandou algumas etapas e uma análise minuciosa dos dados encontrados, optou-se por um número menor de sujeitos alvos da

investigação. Cabe ressaltar que tal opção se deu no intuito de se atribuir qualidade à pesquisa. Da mesma forma, dividiram-se os sujeitos em dois grupos de igual número com o objetivo de se conseguir um panorama o mais fidedigno possível da realidade dos professores do ensino público e particular no que se refere à utilização de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) em sala de aula. Nessa perspectiva, descobrir se as professoras de língua materna pesquisadas eram letradas digitais, se utilizavam recursos tecnológicos em sala de aula e como utilizavam são as metas deste trabalho, que objetiva reconhecer traços constitutivos da(s) identidade(s) dessas profissionais inseridas na era da cibercultura.

## 6.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados deu-se por meio de entrevista, gravação e questionário. O questionário a ser aplicado aos sujeitos da pesquisa apresentou questões abertas, em que o sujeito responde livremente, da maneira que considerar conveniente, e o pesquisador anota tudo o que for declarado.

Durante a entrevista, foram dadas oportunidades para que os professores falassem sobre sua formação, principais momentos em sua atuação profissional e, se possível, sobre a imagem que têm de si. Diante da influência das NTIC no ensino de linguagens, torna-se relevante que o educador assuma uma nova postura, alterando o modo como se relaciona consigo, com a escola, com os conteúdos que ensina e, principalmente, com seus alunos.

Relevante torna-se destacar que o uso desse tipo de entrevista está ligado à possibilidade de se produzir uma melhor amostra da população de interesse.

Para finalizar os procedimentos da pesquisa, procedeu-se à gravação das respostas, as quais foram posteriormente transcritas para que pudessem ser analisadas pelo pesquisador.

Enfim, a partir dos dados coletados por meio da aplicação de questionário estabeleceram-se as categorias de análise da pesquisa.

## 6.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Após coleta de material, procedeu-se a análise do conteúdo proveniente das respostas dos sujeitos da pesquisa às questões das entrevistas realizadas e

transcritas. Esse tipo de análise (ROQUE, 1999) originou-se no final do século XIX, embora suas características e variadas abordagens tenham sido desenvolvidas, de forma mais acentuada, nos últimos cinquenta anos do século XX.

Ainda que a fase orientada pelo modelo positivista tenha sido de ampla produtividade, valorizando a objetividade e a quantificação, a metodologia de análise de conteúdo está atingindo novas e mais desafiadoras possibilidades na medida em que se integra na exploração qualitativa de mensagens e informações. Nesse sentido, mesmo que nem sempre denominada Análise de Conteúdo, esse tipo de interpretação aparece de forma tênue em trabalhos de caráter dialógico, fenomenológico e etnográfico, entre outros.

A análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa destinada a descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos. Tal análise, conduzindo pesquisas qualitativas ou quantitativas, auxilia na interpretação de mensagens e possibilita que se atinja a compreensão de seus significados num nível que supera o de uma leitura comum ou superficial.

Dessa forma, segundo o autor, essa metodologia de pesquisa é bem mais do que uma técnica de análise de dados, configura, isto sim, uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias que se traduz em uma busca teórica e prática com uma repercussão importante no campo da investigação social.

Como citado por Roque (1999), a modalidade de análise em questão, ao longo do tempo, oscila entre o rigor da pretensa objetividade dos números e a ampla possibilidade, constantemente questionada, da subjetividade. Apesar disso, veem-se significativamente valorizadas as abordagens qualitativas, utilizando fecundamente a indução e a intuição como maneiras de alcançar níveis profundos de compreensão dos fenômenos investigados.

A análise de conteúdo, como método de investigação, constitui procedimentos especiais para o processamento dos dados científicos. Trata-se de um útil instrumento que serve de guia frente aos problemas cada vez mais variados com que os pesquisadores se deparam.

O subsídio da análise de conteúdo pode formar-se a partir de variado material que se origina na comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos etc. No caso desta pesquisa,

o material origina-se, fundamentalmente, de verbalizações dos sujeitos informantes, uma vez provocados por questionamentos criteriosamente construídos e lançados pelo pesquisador. Contudo, os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então, serem processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo, o que se procurou contemplar no curso das análises registradas no Capítulo a seguir.

## 7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresentará a descrição das entrevistas realizadas pelo pesquisador com quatro professoras de Língua Portuguesa de escolas da cidade de Pelotas, sujeitos da investigação. Na sequência, apresenta-se, à luz do referencial teórico abordado no Capítulo 4, a análise dos dados concernentes às respostas e reflexões de tais professores.

### 7.1 DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

#### 7.1.1 Professoras de Escola Pública

As entrevistas foram desenvolvidas a partir de gravação em áudio das respostas elaboradas pelos sujeitos da pesquisa segundo os questionamentos do entrevistador. Após o término das gravações, procedeu-se à degravação dos depoimentos, material que serviu de base para a análise elaborada no item 7.2.

Questionadas sobre se considerarem ou não letradas virtuais, que dominam as ferramentas virtuais oferecidas hoje, a Professora 1 (doravante **P1**), há quinze anos no exercício do magistério estadual, afirmou não gostar muito de ler. Até pouco tempo, usava como pesquisa os livros e, por ser educadora, está tentando se atualizar, mesmo achando que os livros jamais vão perder seu espaço. Já a Professora 2 (**P2**), que exerce a docência há vinte e um anos, em escola pública, verbalizou considerar-se digitalmente letrada, uma vez que trabalha diariamente com as ferramentas tecnológicas.

No que diz respeito ao uso da tecnologia na atuação profissional, P1 e P2 apresentaram respostas positivas, ressaltando em que situações lançam mão das NTIC na prática pedagógica. P1, nesse sentido, declarou que a tecnologia é o meio mais rápido de atualização e que busca textos, exercícios cobrados em concursos, além de comparações entre o uso da linguagem padrão com a virtual. P2, por sua vez, asseverou que trabalha no laboratório de informática – diariamente – em diversos *sites*.

Quanto à importância de determinadas tecnologias, P1 respondeu que considera essencial todo tipo de tecnologia que seja motivadora ao aluno, também

afirmou que hoje eles têm acesso a tudo, fato que a faz trabalhar de acordo com o interesse do discente. P2 disse que considera importante trabalhos que utilizem a *Internet* como fonte e ferramentas como *Datashow*, *power point*, entre outras.

No que tange à importância da utilização de meios tecnológicos na sala de aula, P1 afirma que trabalha com a tecnologia de acordo com o desenvolvimento da turma, principalmente para estudos a distância, pois o aluno se sente motivado a realizá-lo. P2, por sua vez, respondeu considerar importante o fato de os recursos tecnológicos aumentarem o interesse do aluno pelas disciplinas.

A pergunta seguinte referia-se aos tipos de recursos tecnológicos utilizados pelos docentes entrevistados na sala de aula e de que maneira eles os utilizavam. P1 disse que trabalha na medida do possível e acrescentou: "..., ou seja, pouco". P2 afirmou que utiliza computadores para pesquisa e *Datashow* para apresentações e exposições de conteúdos; disse proceder da seguinte maneira: primeiro pede aos alunos para que pesquisem determinado assunto na *Internet* e, após, que apresentem os resultados, por meio do *Datashow*, para os colegas.

Quanto à indicação de algum *site* quando da solicitação de trabalhos, as duas professoras responderam que costumam deixar que os alunos decidam de que forma irão realizar a pesquisa. P1 mostrou-se um pouco indecisa quanto a essa escolha, afirmando que pode estar errada, mas que sempre pede que a pesquisa seja elaborada fora da sala de aula. Já P2 considera que, ao deixar os alunos livres, motiva-os, e que sempre os auxilia quando necessário.

No que se refere ao uso da *Internet* como fonte de pesquisa para obter novos materiais para as práticas de sala de aula, P1 respondeu que trabalha com produção textual e isso a obriga a estar sempre informada sobre o que está acontecendo no mundo. P2 disse que sempre há "coisas" novas na *Internet* que se pode usar no dia a dia.

Quanto ao trabalho com as redes sociais como ferramentas de ensino e aprendizagem, P1 afirmou que não as utiliza e que somente escuta o que os alunos falam a respeito. P2, por outro lado, afirmou utilizá-las, porque fazem parte do dia a dia dos alunos, aproveitando as situações para inseri-las no contexto de sala de aula.

Perguntadas sobre o que é necessário para que o professor utilize os recursos tecnológicos a seu favor no contexto de sala de aula, P1 respondeu que seria necessária uma mudança no sistema, pois ainda parece que os melhores

recursos são o giz e o quadro. P2 argumenta que é necessário que o professor tenha disposição, computadores com *Internet* e que queiram aprender, para conseguir maior interesse dos alunos.

P1 aponta, como maior impecilho para a utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula, a falta de tempo e a quantidade de conteúdos a serem vencidos; P2 culpa a falta de infraestrutura da escola.

Perguntou-se às professoras se o avanço tecnológico acarretou mudança metodológica na sua prática docente. Quanto a isso, as duas professoras responderam de maneira positiva. P1 afirmou que, embora seja uma professora preparada para trabalhar de forma tradicional, está sempre se aperfeiçoando e tentando inovar a cada novo ano. P2 afirmou que isso ocorre porque a tecnologia proporciona aos alunos uma melhor aprendizagem de forma mais rápida.

As duas professoras concordam que a escola contribui com um ambiente favorável para uma atuação efetiva no universo virtual, ainda que P2, em resposta anterior, tenha culpado a infraestrutura da escola como um empecilho para a utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula. Assim, P1 diz que a escola está cheia de recursos, o que acarreta mudança na didática do professor; P2 discorre que a escola disponibiliza computadores com *Internet*, laboratórios com aparelhagem necessária para uso do professor, fato que implica uma melhor aprendizagem do aluno.

Foi perguntado às professoras de que maneira ocorreu a inserção tecnológica em suas escolas e se elas foram preparadas para a inclusão das novas tecnologias em seu fazer pedagógico. Quanto a esse aspecto, P1 acenou negativamente e argumentou que o aprender tecnológico é vontade de cada um, gerada pela necessidade de evoluir. Por outro lado, P2 garantiu que foi preparada, inclusive tendo participado de um curso de três meses na cidade de Porto Alegre, no intuito de aprender a lidar com a parte pedagógica da informática na vida de professores e alunos.

Incentivadas a julgar suas atuações profissionais em relação ao uso de tecnologias em sala de aula e indagadas sobre a sensação causada por essa reflexão, P1 verbalizou que sua atuação deixa a desejar, pois sabe que precisa usar mais os recursos, mas o fato de trabalhar com 19 turmas e 10 planejamentos diferentes causa um excesso de trabalho que não permite uma prática docente diferenciada; sabe, porém, que o mundo em evolução irá obrigá-la a mudar. P2

afirma, por sua vez, que é bom ver o interesse dos alunos, porque a tecnologia faz parte do dia a dia deles e que a maioria tem computador em casa. Sendo assim, considera o uso da tecnologia gratificante, pois os discentes encontram na escola o ambiente que reproduz a vida deles para além de seus muros, fato que torna mais fácil lidar com as situações de aprendizagem.

Indagadas sobre atuarem em outras escolas, ambas afirmaram trabalhar 40h na mesma instituição de ensino. P1 completa dizendo que, mesmo não tendo a tecnologia em primeiro lugar, é atualizada e “muito querida pelos alunos”.

### **7.1.2 Professores de Escola Particular**

Questionadas sobre se considerarem letradas virtuais, P3 mostrou-se insatisfeita, uma vez que não se considera letrada da forma como deseja, mas acredita que tenha adquirido bastante conhecimento nos últimos anos. Informou, também, que deve creditar muito desse conhecimento aos alunos com os quais convive, pois se mostram solícitos sempre que a professora requer ajuda. P4, por sua vez, informou que, considerando o uso da *Internet*, pode dizer que trabalha com vídeos, redes sociais, tem contato com as ferramentas, mas que existem algumas com as quais ainda não teve contato.

Indagadas acerca da medida em que a tecnologia está presente em sua atuação profissional, P3 afirmou que não só profissionalmente, mas também no dia a dia da maioria das pessoas a tecnologia está presente. Citou que, pela manhã, é despertada pelo celular, não vai para a sala de aula sem um *tablet*; na aula, utiliza *Datashow*, pelo menos quinzenalmente. Além disso, procura utilizar a sala de informática para que os alunos realizem pesquisas, criem textos ou imagens, dependendo das habilidades que apresentem e, à noite, sempre prepara suas aulas no computador. P4 relata que, no Ensino Médio, os professores são mais objetivos e que ela trabalha mais focada, infelizmente, segundo a professora, em aulas expositivas. Cita, também, o fato de o Ensino Médio apresentar-se centrado nas provas do PAVE e do ENEM, não dando abertura para muita pesquisa. Diz que, em sua escola, utilizam o sistema de ensino UNO, o qual fornece grande bagagem de questões. P4 afirma trabalhar com *power point*, vídeos, mas acaba focando no material, e menciona o fato de que, no Fundamental, seja diferente, pois há abertura para um trabalho mais versátil.

Sobre as tecnologias consideradas essenciais à atuação de professores de línguas, considerando-se o atual contexto sócio-histórico, P3 diz que, além das tecnologia habituas, utilizadas cotidianamente, não se pode desprezar o uso do computador, pois, no intuito de se conseguir aulas mais interessantes, é imprescindível o uso da *Internet*, onde procura textos atuais, técnicas motivadoras, imagens que ilustrem textos que já possui, além de questões que podem ser utilizadas na prova. A pesquisada P4 garantiu achar que a *Internet* possibilita variadas opções de pesquisa e que o *facebook* é um lugar onde as pessoas compartilham ideias, histórias engraçadas, tirinhas ou *vídeos*. Além do *facebook*, P4 também cita o *youtube* como possível fonte de pesquisa.

Foi solicitado também que as professoras dissertassem sobre a importância da utilização de meios tecnológicos na sala de aula. Sobre isso, P3 concluiu que com o perfil de aluno que se tem hoje, acredita que principalmente no seu caso, que trabalha somente em escolas particulares, não se pode desprezar os conhecimentos dos alunos e a rapidez com que a informação chega até eles. Disse acreditar, igualmente, que o ritmo da sala de aula não pode ser lento, porque os alunos ficarão desmotivados. P4, por sua vez, afirmou vivenciar duas realidades. Uma da escola pública e outra, a qual se deteve a discorrer, da escola particular, que oferece possibilidades de trabalho com a televisão em sala de aula, quando leva o *notebook* e trabalha livremente, ou com outros equipamentos que requerem acessórios, os quais podem ser solicitados por ela. Acrescentou que, na rede particular, tal trabalho é essencial, uma vez que a tecnologia faz parte da vida do aluno e que já pediu, inclusive, que eles, quando encontrem dúvidas de vocabulário, procurem em seus celulares, pois a maioria possui acesso à *Internet* pelo aparelho móvel.

Solicitou-se que as professoras elencassem os tipos de recursos tecnológicos usados em sala de aula e a maneira como elas utilizam tais recursos. Quanto a esse questionamento, P3 disse procurar diversificar no que se refere à utilização de recursos, no intuito de tornar o ensino da língua mais interessante. Dessa forma, procura utilizar as mais variadas ferramentas como o computador para pesquisar ou solicitar produções textuais, ou mesmo para criar imagens as quais ilustrem textos produzidos ou não pelos alunos. Afirmou fazer uso do *Datashow* para resumir conteúdos e citou um trabalho que desenvolveu em sala de aula: a criação de um *e-mail* para que as turmas trocassem ideias, "focassem", discutissem a matéria. O *e-mail*, segundo ela, serve para que se discuta o uso da língua em suas

diversas formas, como o uso do *Internetês*, além da diferença entre linguagem escrita e linguagem oral. Já P4 argumentou que, como falara antes, o trabalho no Ensino Médio é mais objetivo e mais expositivo, embora não seja o ideal. Disse que, no próprio sistema utilizado pela escola, há um *site* de questões com o qual o professor pode trabalhar. Apesar disso, devido ao tempo limitado de aula por semana, apenas duas aulas, não consegue trabalhar com o sistema em sala de aula.

Foi questionado às professoras se, ao solicitarem alguma pesquisa, elas costumam indicar algum *site* e, em caso afirmativo, qual. P3 afirmou que não costuma trabalhar com nenhum *site* em especial, mas que, algumas vezes, lança dúvidas quanto ao uso culto da língua, momento no qual os alunos recorrem aos *sites* especializados em tirar dúvidas de português. P4 voltou a afirmar que, como já mencionara, o Ensino Médio não se abre muito para pesquisa, mas que, no Fundamental, tal trabalho era possível. Citou o direcionamento que é dado aos alunos do Ensino Fundamental, durante a solicitação de um determinado trabalho, no intuito de que eles não se sintam perdidos.

A reflexão seguinte era sobre o hábito de as professoras pesquisarem na *Internet* para obterem novos materiais para trabalhar em aula. Solicitou-se que, em caso negativo, as pesquisadas informassem o motivo. Nessa perspectiva, P3 afirmou que sim, pois não conseguia imaginar sua vida sem a *Internet*. P4 seguiu o mesmo caminho, respondendo que sempre, porque antigamente os professores sempre buscavam receber livros didáticos novos ou revistas para que encontrassem materiais para o trabalho. Segundo ela, a realidade mudou, pois hoje se coloca uma palavra-chave e o *Google* apresenta várias possibilidades de aulas prontas ou textos interessantes.

Quanto ao trabalho com as redes sociais como ferramenta de ensino e aprendizagem, P3 afirmou já ter trabalhado com o *facebook*, sendo que a ideia era que os alunos analisassem a utilização do uso de nossa língua por meio de postagens e elaborassem um relatório que deveria ser apresentado e discutido em sala de aula. P4, por outro lado, argumentou que não, pois não desenvolve pesquisa em sala de aula. Como entrave, cita a falta de tempo para planejar um trabalho maior; além disso, abordou o fato de o aluno se motivar para o trabalho a partir da promessa de uma nota e, caso fosse solicitado um trabalho simplesmente para o enriquecimento da aprendizagem, apenas os mais dedicados fariam. Por isso,

salientou que esse tipo de trabalho, quando não se apregoa uma nota, nem sempre traz resultados positivos.

As professoras também foram indagadas sobre o que é necessário para que o professor utilize os recursos tecnológicos a seu favor no contexto de sala de aula. A esse respeito, P3 ponderou considerar imprescindível que o professor domine, mesmo minimamente, as ferramentas que estão ao dispor dos alunos, porque, se não souber reconhecê-las, não poderá nem mesmo pedir ajuda a eles. P4 considera que o professor, para trabalhar a seu favor com os recursos tecnológicos, precisa aprender primeiro a utilizá-los, ter um planejamento de sua aula, realizar pesquisas, saber qual o objetivo, uma vez que, segunda ela, não adianta colocar um vídeo e ele ser um fim, porque ele precisa ser um meio para se chegar à construção do aprendizado, não ser o objetivo da aula.

No que se refere aos empecilhos à utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula, P3 acredita que, no seu caso, seja o tempo, pois possui carga horária bastante alta e trabalha em mais de um lugar. P4, igualmente, queixa-se da falta de tempo para o professor planejar suas aulas, citando novamente a alta carga horária do profissional. Citou, também, o conteúdo que precisa ser desenvolvido, que se sobrepõe à possibilidade de trabalho com tecnologia, o que se pode questionar (observação do pesquisador).

Questionadas sobre as mudanças metodológicas acarretadas pelo avanço tecnológico em suas práticas docentes, as duas professoras acenaram positivamente. P3 afirmou que não há dúvida, obrigando-a a correr em busca do conhecimento, pois a escola exigia que ela utilizasse os recursos tecnológicos, mas nem sempre dava suporte para tal, fato que a obrigou a buscar conhecimento na área. Além disso, sublinhou ter incorporado esse conhecimento a sua prática pedagógica. P4 foi incisiva, alegando que, com certeza, houve mudanças, afirmando que, quando iniciou, se queria trabalhar um texto, precisava procurar em um livro e, posteriormente, digitá-lo, além de procurar ideias com os colegas.

O seguinte questionamento refletia se a escola contribuiria com um ambiente favorável para uma atuação efetiva no universo virtual e o que isso acarretaria. Nesse sentido, P3 asseverou que, embora trabalhe na rede particular, julga que nem todas as escolas estejam preparadas e abertas para o avanço tecnológico. Acrescentou ainda encontrar preconceito quanto à inserção de alguns trabalhos em sala de aula, principalmente no que se refere ao uso do *notebook* e do celular, pois,

segundo ela, ainda se acredita que o aluno irá se dispersar. "Alguns ainda não entendem que toda essa tecnologia tornou os alunos mais dinâmicos, multitarefas", declarou a professora. P4, por sua vez, argumentou que "a escola quer essa mudança, tanto que, no último ano, iriam trabalhar com *ipod* em sala de aula, os alunos terão o *ipod* e nós teremos todo o material didático no *ipod* e, com esse material, a gente pode inserir outros materiais para trabalhar". Então, estariam os alunos totalmente focados na tecnologia, o objetivo seria que o estudante tivesse mais vontade de estar na sala de aula, que ele se sentisse mais sujeito, construindo o seu conhecimento e melhorando realmente a questão da aprendizagem.

Dando prosseguimento, perguntou-se às professoras como ocorreu a inclusão tecnológica em suas escolas e se elas foram preparadas para a inserção das NTIC em seu fazer pedagógico. P3 alegou não ter sido preparada pela escola, embora sempre isso seja cobrado. Acredita que ainda se espera que o professor procure a atualização, cabendo à escola apenas a função de oferecer equipamentos. P4 verbalizou que "todos nós somos um pouco autodidatas, temos de ser, até porque nós não somos nativos virtuais". A professora explicou já ter certo domínio quando começou a utilizar as NTIC em contexto escolar. Por iniciativa própria, procurou instrumentalizar-se, embora reconheça que, muitas vezes, o aluno saiba muito mais de tecnologia do que ela. Na sua escola, só havia o laboratório de informática, que era considerado "o auge da tecnologia". Após, a instituição criou salas específicas para as áreas do conhecimento. Conforme a docente, tal procedimento foi, até certo ponto, bem-sucedido, todavia resolveram incrementar, inserindo televisores e incentivando o uso de *notebook* em sala de aula.

Quanto ao julgamento que possui sobre a sua atuação profissional em relação ao uso de tecnologias em sala de aula, P3 confessou ainda sentir-se "engatinhando" frente a todas as possibilidades que o universo tecnológico oferece. Mesmo que não queira, ainda pensa que, se tivesse mais tempo livre, poderia construir mais conhecimentos acerca desses recursos. Isso, às vezes, deixa-a bastante frustrada, saber que seu trabalho poderia ser melhor. Ressalta que, às vezes, cede à pressão das instituições, que "sempre afirmam que a culpa é do professor". P4 relatou sentir-se angustiada, porque considera que pode sempre fazer mais, reconhecendo que precisa equacionar a ideia de trabalhar "com o que dá e o que se pode". Acrescentou que poderia trabalhar muito mais com a tecnologia em sala de aula. A professora acredita, porém, que simplesmente colocar uma aula

expositiva em uma tela acaba criando uma rotina. Com base nisso, ela procura medidas que minimizem a rotina, tais como levar um vídeo engraçado ou uma reflexão às turmas. Por fim, salientou que, no início do ano letivo, trabalha mais com as NTIC e, ao longo do curso, vai abandonando-as um pouco "para não demandar muito tempo para terminar a matéria".

Para finalizar, foi indagado às professoras sobre a atuação em outras escolas e se aplicaria metodologias diferentes para cada contexto. Ambas as professoras entrevistadas responderam afirmativamente, sendo que P3 afirmou trabalhar em mais uma escola, além de ministrar aulas particulares, o que a ocupa bastante. Quanto à metodologia, sente que, "quando se sai de uma escola para outra a metodologia muda", pois algumas oferecem mais equipamentos, outras menos; a cobrança quanto ao uso das tecnologias também muda, uma vez que algumas instituições são mais contundentes, exigindo o uso; outras apenas estabelecem expectativas. P4 relatou que fora aprovada em um concurso do Estado, sofrendo um choque de realidade, já imaginava que seria assim, considerando a infraestrutura precária que a escola pública oferece. Todavia, a docente afirmou ter-se surpreendido, uma vez que a referida escola, apesar de pequena, é bem organizada. Admite procurar fazer o melhor dentro do contexto, observando que recém estariam fazendo o laboratório de física ou de química; estando o de informática desativado em função do recebimento de novos computadores, os quais ainda necessitavam ser devidamente alocados. Fechando a sua fala, P4 complementa: "É diferente, outra estrutura, mas, apesar do choque, gostei bastante do material humano, alunos bem sedentos por aprender um pouco mais".

## 7.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS

No intuito de otimizar a análise das respostas estabelecidas pelas professoras entrevistadas, foram instituídas algumas categorias/unidades de análise, as quais emergiram dos próprios dados coletados, são elas:

- Do domínio de ferramentas digitais e sua influência no fazer docente;
- da amplitude do uso das possibilidades ofertadas pelo ciberespaço no cotidiano dos professores;
- dos traços constitutivos da identidade dos docentes investigados;

- da relevância do uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação no contexto de sala de aula, na perspectiva dos docentes investigados;
- das mudanças metodológicas dos sujeitos da pesquisa motivadas pelo avanço tecnológico;
- dos tipos de recursos tecnológicos/digitais apontados pelas informantes como essenciais e/ou mais utilizados em sala de aula e as condições necessárias para sua instauração;
- das dificuldades encontradas pelas professoras observadas para o efetivo uso das NTIC no contexto escolar;
- da formação/capacitação das profissionais da educação para a implementação de práticas pedagógicas mediadas pelas NTIC.

Quanto ao domínio de ferramentas digitais e sua influência no fazer docente, um interessante aspecto pode ser mencionado: o fato de todas as professoras pesquisadas estabelecerem respostas que denunciam, em certa medida, estarem conectadas ao discurso contemporâneo, que lhes forja uma identidade atrelada aos benefícios tecnológicos da atualidade, pois frente à influência das tecnologias, particularmente no que tange ao trabalho com linguagens, torna-se importante que o educador assuma nova postura, alterando o modo como se relaciona consigo, com a escola, com os conteúdos que ensina e, principalmente, com seus alunos, porquanto, segundo Moran (2012), um dos importantes desafios para o professor é colaborar para uma informação significativa, selecionar as informações realmente importantes e torná-las parte do referencial do aluno. Além disso, é relevante pensar-se sobre o letramento digital no contexto atual, assim, conforme Xavier (2011), o letramento digital prevê a realização de leitura e escrita diferentes das maneiras tradicionais de letramento e alfabetização. Para o autor, ser letrado digital implica assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos, tanto verbais como não-verbais. Nesse sentido, cabe salientar que letramento digital não se restringe à habilidade de digitar, cabe que se conheça um bom número de ferramentas oferecidas pelo computador e pela rede para que se possa designar alguém um letrado virtual. Quanto às professoras pesquisadas, P1 mostra-se mais atrelada às perspectivas da educação formal, uma vez que a professora menciona o fato de ser preparada para trabalhar de forma tradicional e mostrar-se, a partir de suas respostas, confortável no que se refere a sua postura em sala de aula. P3

mostra-se um pouco inconformada com a medida do seu saber tecnológico, fato que incita reflexões sobre o discurso que coloca o professor numa posição de culpado, como se ele fosse o único responsável pelo insucesso do ensino. O posicionamento da professora também corrobora a ideia que posiciona o jovem como alguém que está bastante inteirado com o ciberespaço, uma vez que a docente atribui parte de seu conhecimento à ajuda dos alunos. P4, a seu turno, acredita possuir domínio sobre diversas ferramentas tecnológicas, citando seu fazer docente como forma de validar seu discurso. Quanto ao fato de serem letradas virtuais, pode-se perceber que, embora um pouco inseguras, de certa maneira, as professoras estabelecem um discurso concatenado com o que seja letramento virtual que, na perspectiva de Magda Soares (2002), é considerado certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferentemente do estado ou condição dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

No que concerne à amplitude do uso das possibilidades ofertadas pelo ciberespaço no cotidiano dos professores, mais uma vez, os sujeitos alvos da pesquisa, em menor medida P4, demonstraram uma visão positiva sobre o uso das ferramentas tecnológicas em sala de aula, ainda que, em alguns momentos da entrevista, tenham demonstrado que, devido à pesada carga horária e ao fato de trabalharem mais de um turno, não possam utilizar as NTIC de forma efetiva em sala de aula, o que evidencia certo paradoxo, se comparadas às diversas respostas estabelecidas pelas professoras. Dessa maneira, P1 declarou que tecnologia é o meio mais rápido de atualização e que utiliza o computador na busca por exercícios ou textos. P2, por sua vez, declarou que trabalha no laboratório de informática rotineiramente. Convém destacar que, pelas respostas das entrevistadas, o universo de pesquisa centra-se no uso do computador, sendo que em pouquíssimos momentos as professoras mencionaram a utilização de qualquer outro recurso no universo ofertado pelas TIC e NTIC. P3 destacou que não só profissionalmente, mas também no dia a dia da maioria das pessoas, a tecnologia está presente. Nesse sentido, cita que é despertada, todo dia, pelo celular, não vai para a aula sem um *tablet*, na aula, utiliza Datashow, além de fazer uso da sala de informática para que seus alunos façam pesquisa, criem textos ou imagens, levando em consideração as habilidades apresentadas pelos discentes. P4, por outro lado, afirma que, pelo fato de o Ensino Médio ser mais voltado para provas como ENEM ou PAVE, não há

oportunidade para que se trabalhe com as NTIC em sala de aula. Argumenta que, embora trabalhe com o *power point*, vídeos, seu foco permanece no material e conteúdo a ser vencido. Nesse aspecto, cabe salientar que o professor, quando faz uso das tecnologias, deve apropriar-se delas; tal apropriação acarreta identificação e reconhecimento de suas propriedades pedagógicas, bem como deve favorecer a aprendizagem, pois, conforme avalia Demo (2009), a contribuição das ferramentas da web só é válida na medida em que promove a verdadeira aprendizagem. Segundo João Thomaz Pereira (2011), "a formação de um cidadão preparado para a contemporaneidade é um grande desafio para o educador". Afirma o autor, ainda, que numa época em que inclusão digital e sociedade da informação são termos cada vez mais utilizados, o ensino não pode desviar-se dos avanços que se impõem no dia a dia das pessoas.

Quando se observam os traços constitutivos da identidade das docentes investigadas, no que concerne à perspectiva de que o projeto atual continha a promessa de descortinar o indivíduo, para além da identidade que herdara, no entanto, somente capturaram-se, por meio de seus depoimentos, indícios deléveis de transformações, posto ser essa uma tarefa individual e de responsabilidade do indivíduo (BAUMAN, 1998). Nesse sentido, pode-se mencionar como relevante o fato de as professoras pesquisadas confirmarem, mesmo pela contraposição entre discurso e prática pedagógica, as teorias sobre identidade. Corroboram para essa observação as concepções de Bauman (2001, 2005, 2010-11) sobre a formação identitária, principalmente no que se relaciona com a ideia de identidades multifacetadas, pois se percebe que as professoras encontram-se divididas entre um discurso vigente (o professor precisa utilizar as NTIC em sala de aula) e uma realidade que dificulta essa prática pedagógica.

No que tange à relevância do uso das NTIC no contexto de sala de aula, as professoras, tanto as das escolas públicas quanto as das particulares, demonstram uma visão positiva sobre o assunto. Elas afirmam que o uso da *Internet* é elemento motivador do aluno. Nesse sentido, salienta-se que a utilização das NTIC em sala de aula – ainda que não seja garantia de aprendizagem – é um recurso relevante e cada vez mais necessário para o desenvolvimento da autonomia, motivação e dinamicidade durante a aprendizagem, como nas palavras de Demo (2009), o qual preceitua que o desafio formativo é a razão de todo o processo educativo, tratando-se de conclamar o aluno para o processo de aprendizagem, instigar habilidades de

aprendizagem autônoma, de construção do conhecimento. Dando prosseguimento, P2 menciona outras ferramentas que não apenas o computador, fato bastante estimulante, uma vez que, em função do grande avanço tecnológico, o uso das NTIC não deve ficar restrito ao computador, pois tal atitude remete a uma visão reducionista das ferramentas tecnológicas de que se dispõe na contemporaneidade. P4, ainda que não utilize cotidianamente, menciona a possibilidade do uso do *facebook* e do *youtube* em contexto de sala de aula como importantes elementos propiciadores de pesquisa e busca de materiais. P4 demonstra, assim, que está conectada com o discurso contemporâneo, embora tenha afirmado que trabalha, normalmente, com aula que privilegia o conteúdo e a exposição. Nesse sentido, torna-se possível citar a ideia defendida pela pesquisadora Maria Elisabeth Bianconcini de Almeida, a qual afirma que o modelo tradicional, apesar de todo o avanço tecnológico, não será abandonado, uma vez que o professor detém um conhecimento científico, sendo normal que ele o exponha em aula.

No que concerne às mudanças metodológicas dos sujeitos da pesquisa, motivadas pelo avanço tecnológico, mais uma vez as docentes demonstram convergência em relação ao papel atribuído ao professor hoje, ou seja, usar efetivamente a tecnologia como elemento fomentador nos alunos da disposição para aprender. Torna-se relevante a análise da importância de uma formação continuada que propicie aos professores contato com as linguagens utilizadas no ambiente virtual. Nessa perspectiva, pode-se citar o estudo desenvolvido por Ilda Basso (2009), para quem “as tendências do mundo globalizado demandam um repensar não só sobre os currículos, mas principalmente sobre as novas maneiras de ensinar e aprender”. Os sujeitos entrevistados afirmam, quanto a essa categoria, que o avanço tecnológico tem provocado mudanças em seu fazer pedagógico. Nesse sentido, importante o fato de P1 mencionar que está sempre se aperfeiçoando, porque se mostrou concatenada com a ideia de que o professor necessita de capacitação continuada; P3, por sua vez, explanou sobre a necessidade de buscar conhecimento, uma vez que a escola exige o uso de recursos tecnológicos, mas nem sempre dá suporte ao docente para que desempenhe um bom trabalho nessa área. Não cabe – num contexto de plena globalização, em que tudo muda muito rápido e a capacidade de memorização mostra-se inferior à velocidade das mudanças – a vinculação da imagem do docente com o estado de acomodação. Embora se esteja próximo de uma efetiva transformação, impulsionada pelo inegável

avanço tecnológico observável nas últimas décadas, o ensino não se encontra desvinculado dos conteúdos que outrora eram trabalhados. No entanto, é imprescindível destacar que, embora ainda ocorra a necessidade de vencer conteúdos, “dar a matéria”, verdade é que muitos educadores deixam de perceber que o computador, por exemplo, não é um entrave para a execução do programa, antes pode ser um significativo aliado, mesmo que o objetivo seja a elaboração de uma aula conteudista. Assim, conforme estabelece Coscarelli (2011), o computador pode ser usado para ajudar os aprendizes a memorizarem regras, datas, dados, bem como para apresentar, de forma instigante e divertida, vários conteúdos que o docente ou a escola acredite que os alunos necessitam saber ou reconstruir, em uma nova perspectiva. De certa forma, percebe-se que as docentes mostram-se alinhadas com os argumentos de Hall (2006, p.12), quando o autor afirma que “o sujeito está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas”.

No que tange ao uso de recursos tecnológicos/digitais apontados pelas informantes como essenciais e/ou mais utilizados em sala de aula, o computador ainda aparece como o dispositivo mais corrente, segundo o depoimento das docentes entrevistadas. Ainda hoje, com toda a eclosão tecnológica vivenciada: *tablet*, *notebook*, *lpad*, celular (que, cada vez mais, incorpora diversas ferramentas), o laboratório de informática continua sendo percebido como marca do avanço tecnológico de uma escola. As professoras investigadas não se mostram, pois, distantes desse discurso, mencionando o uso do computador como forma efetiva da aplicação da tecnologia em suas práticas pedagógicas. Além de buscarem recurso na *Internet*, as informantes mencionam lançar mão do projetor multimídia com alguma frequência, o que denuncia o uso ainda limitado das NTIC. Contudo, P3 relatou um interessante trabalho que desenvolveu em sala de aula, o qual consistiu na criação de um e-mail para que as turmas trocassem ideias, discutissem a “matéria”. A professora usou o trabalho também para discutir o uso da língua em suas variadas formas. Quanto ao tema em questão, corrobora para que se defenda a necessidade do uso de outras ferramentas ofertadas pelas NTIC o pronunciamento da professora da PUC-SP, Maria Elisabeth Bianconcini de Almeida, que, em entrevista para a revista Nova Escola em 08/02/2011, defende que a ideia dessa ferramenta como único meio de acesso às TIC é ultrapassada e cita o uso do celular, pelas possibilidades ofertadas e também pelo fácil acesso que apresenta,

como um instrumento que propicia um motivador trabalho em sala de aula. Segundo a pesquisadora, tal dispositivo móvel, cada vez mais sofisticado, oferece inúmeras possibilidades didáticas, como trabalho com fotos, filmagens, mensagens ou pesquisas na *Internet*. Almeida também salienta, de forma pertinente, que a proibição do uso desses aparelhos pela escola incentiva o seu uso de forma dissimulada.

As docentes também foram questionadas a respeito das dificuldades encontradas no efetivo uso das NTIC no contexto de sala de aula e mencionaram como fatores preponderantes a alta carga horária e a quantidade de conteúdos que necessitam ser trabalhados ao longo do ano. Nesse sentido, é inegável a baixa remuneração recebida pelos educadores, situação que os faz necessariamente trabalharem em mais de um turno, bem como o fato de o docente tornar-se rotineiramente prisioneiro do conteúdo programático que precisa ser vencido. Além disso, P2 aponta a falta de infraestrutura como elemento que obsta a efetiva aplicação das NTIC em sala de aula, o que demonstra, novamente, a associação entre o uso do computador e a tecnologia. Parece, dessa maneira, que as professoras, apesar dos percalços, sentem-se coagidas a procederem de determinada forma, ou seja, encontram-se inseridas em um contexto que as obriga a desenvolver determinado trabalho, conjectura que encontra respaldo nas palavras de Giddens (2002, p.79) quando afirma que “nas condições de alta modernidade, não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo – não temos escolha senão escolher”.

Quanto à formação/capacitação dos profissionais da educação para a implementação de práticas pedagógicas mediadas pelas NTIC, tema relevante quando se percebe que a maioria das escolas, ainda que nem sempre possibilitem o letramento digital aos professores, exigem tal aperfeiçoamento, que precisa ser contínuo, uma vez que a tecnologia muda constante e rapidamente. Assim, atualmente, diversas instituições de ensino objetivam a inserção da tecnologia na sala de aula. O que a maior parte delas faz, no entanto, é colocar os alunos em contato com a *Internet* em laboratórios (MORAN, 2010). As professoras de escolas públicas, quanto a isso, mostram-se um pouco confusas, talvez impulsionadas pelo cuidado em não criticar a escola, ora mencionam que a instituição de ensino oferece um ambiente propício ao uso das NTIC em sala de aula, ora afirmam não receber formação para enfrentarem o desafio tecnológico: trabalhar tecnologia com um

público que, em sua maioria, domina-a de forma efetiva. Além disso, referem-se à falta de infraestrutura como elemento que dificulta a inclusão digital no contexto escolar. Isso demonstra o quanto o meio externo interfere e fragmenta as identidades (BAUMANN, 2005) em meio a tantas ideias que são apresentadas hodiernamente sobre as referências identitárias necessárias aos docentes. As professoras de escolas particulares creditaram a si o crescimento quanto ao seu possível entrosamento com o universo tecnológico. Assim, P3 é imperativa afirmando não ter sido preparada pela escola e menciona que isso é sempre cobrado pelo aluno. P4 menciona que “todos somos um pouco autodidatas”, precisamos ser e cita que todos somos nativos virtuais.

## 8 CONCLUSÃO

Ao concluir-se a pesquisa, resta a sensação de que ainda se tem muito o que melhorar no que tange à relação entre ensino de língua materna e as TIC e NTIC. De um modo geral, percebe-se que os professores, ainda que inseridos no universo digital, não se sentem totalmente confortáveis quando querem ou precisam utilizar-se dessas ferramentas no cotidiano de sala de aula. Além disso, nota-se a necessidade de que se reserve, no início de cada ano letivo, um espaço para que as Tecnologias de Informação e Comunicação sejam inseridas no trabalho docente, sem que obste o desenvolvimento do conteúdo que, sabe-se, é esperado que se trabalhe ao longo do ano. Não é interessante que o uso das TIC e NTIC continue a confrontar-se com o ensino do conteúdo programático; urge que uma trégua se estabeleça, pois é importante que se abra, no ambiente escolar, um espaço para se trabalhar esse universo tão íntimo para a maioria dos alunos. Não é aceitável que se menospreze a realidade do aluno e da comunidade em que a escola está inserida, uma vez que, já há algum tempo, na maioria das comunidades – como comprovam os diversos programas de estímulo ao uso do computador estabelecidos pelo governo federal e demonstrados ao longo do trabalho –, possuem acesso aos meios eletrônicos e rotineiramente acessam a *Internet*.

São inegáveis os benefícios que uma efetiva inclusão traria aos discentes, uma vez que os muros escolares não devem funcionar como um elemento de segregação, o universo do aluno não precisa e não pode ficar fora da realidade escolar. A escola necessita ser um ambiente natural para o aluno, o qual não deve sentir-se engessado ou distante de suas atividades, que, comumente, considera mais interessante do que o trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula.

No entanto, tão injusto quanto desprezar a realidade e a individualidade do aluno é desprezar ou estabelecer pouca significância para a realidade dos professores. Nesse sentido, relevante é a formação continuada dos docentes, não aquela que irá promover governos ou que servirá de paliativo para mascarar a realidade da educação. Não serão somente cursos rápidos de informática ou palestras sobre o assunto que irão qualificar de maneira real e imediata os profissionais da educação. Da mesma forma, as TIC e NTIC não deveriam servir apenas como mais uma arma no arsenal utilizado no duelo em busca por alunos entre as escolas particulares: lousas digitais, laboratórios de informática,

computadores de última geração serão apenas ferramentas que – no ritmo em que a tecnologia evolui – serão brevemente apenas um arrazoado de aparelhos obsoletos. Deve-se investir, percebe-se pelas respostas estabelecidas pelas professoras alvos da pesquisa, no conteúdo humano, na qualificação dos profissionais, na preparação do aluno para ser responsável e autônomo nesse novo contexto que se descortina. A formação docente é primordial e exige daqueles que o formam, não só ferramentas para que o professor construa conhecimentos sobre computador, mas também o ajudem a entender como e por que incorporar o computador à sua prática pedagógica no intuito de que ele possa superar obstáculos e atingir os objetivos propostos, pois, conforme Nóvoa, (2002, p.23), “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Cabe destacar, nesse aspecto, que o mero uso das NTIC não será garantia de um ensino eficiente e de qualidade, pois, se manipuladas de maneira ineficiente ou desqualificada, serão mera perda de tempo, tal qual uma aula que desenvolva um conteúdo em que não se demonstre para o aluno a utilidade prática daquela aprendizagem: para que serve aquele assunto, qual sua utilidade no dia a dia do educando, como esse conteúdo pode ser entendido ao invés de ser meramente decorado, informação normalmente de curta duração e que objetiva apenas uma recompensa: boa nota na prova.

A aula de Língua Portuguesa é, muitas vezes, um espaço de expressão em que não se dá oportunidade para que o aluno se expresse de sua maneira, não como os mecanismos pedagógicos ditam que deve ser. Por que são obrigados a lerem um livro impresso em papel se há livros digitais? Por que necessitam escrever uma redação na folha elaborada pelo professor se podem enviar um *e-mail*? Por que são obrigados a lerem um determinado autor se preferem outro? Perguntas que talvez não encontrem, nesse mutável universo da educação, uma única e definitiva resposta, mas que poderiam servir para inquietar os educadores, os diretores de escolas e, quem sabe, a comunidade e o governo. É importante que os modelos tradicionais sejam repensados pela coletividade, caso contrário todo o processo de inclusão digital nos bancos escolares não passará de mera discussão. Quanto a isso, Moran (2000, p.63) assevera que “ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino,

que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial”.

## **9 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da pesquisa aqui apresentada, almeja-se apresentar subsídios teórico-práticos que poderão, em alguma medida, servir de referência para educadores e professores, não apenas de Língua Portuguesa, no que concerne a questões que envolvam a identidade docente na era da cibercultura e sua relação com o fazer pedagógico. Enseja-se, sobretudo, que os resultados obtidos nesta investigação possam ser analisados e discutidos não apenas entre os pesquisadores integrantes do GP-Linguagens Verbais, Visuais e Tecnologia, mas difundidos, através da produção de artigos científicos e participação em congressos nas áreas de Educação e Linguística. Outrossim, fica a certeza de que esse diálogo não está encerrado, ao contrário, está só começando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rozane da Silveira; PEREIRA, Josias; RADIN, Marley Maria Tedesco. II Congresso Internacional TIC e Educação. **O uso das tecnologias de informação e comunicação pela terceira idade**. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2012
- ANASTASIOU, L.G.C. ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univalle, 2003.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**: Imagens e auto-imagens. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.
- Basso, Ilda. **Formação continuada de professores**: competências e uso da linguagem digital. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Orientador: Sérgio Ferreira do Amaral. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. B295f.
- BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Capitalismo Parasitário**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: Um Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto, Portugal: Editora Porto, 2003.
- BURNS, A. **Collaborative Action Research English Language Teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- CAIADO, Roberta Varginha Ramos; MORAIS, Artur Gomes. **Práticas de ensino de língua portuguesa com as TDIC. ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p.578-594, set./dez. 2013. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/5568>>. Acesso em: 21 dez. 2013.
- CARVALHO, M. **Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa – Implicações na Formação do Professor**. 2004. 229f. Dissertação – Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade de Taubaté, São Paulo, 2004.
- CHOTI, D.M.M. **Paradigma inovador da formação para docência na sociedade em rede: o ambiente virtual de aprendizagem como recurso pedagógico**. Dissertação Mestrado em Educação. Orientador Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marilda Aparecida Behrens. 2012. 136f. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2012.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

DECRETOS – PORTAL DA LEGISLAÇÃO. Disponível em: <www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-1/decretos1>. Acesso em: 05/03/2013.

DEMO, P. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Avaliação Qualitativa**. 9.ed. Campinas: Autores Associados, 2008 – (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GÔNGORA Francisco Carlos. **Tendências Pedagógicas na Prática Escolar**. São Paulo: Edições Loyola. 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JAPIASSÚ, HILTON; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

KENSKI. V.M. **Educação e tecnologias: o novo rumo da informação**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 34. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÜDKE, Menda; ANDRÉ, E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José (Org.) **Práticas Identitárias: Língua e Discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006.

MASETTO, Marcos Tarcisio. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. São Paulo, Summus, 2003. 195p.

MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 17. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010.

MOCELLIM, Alan. **A questão da identidade em Giddens e Bauman**. Disponível em: <[www.emtese.ufsc.br/2008/vol5\\_1art1.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/2008/vol5_1art1.pdf)>. Acesso em: 20 março 2012.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 19. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

\_\_\_\_\_. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 17. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13.ed. Campinas: Papirus, 2007.

NETO, C.L.P. **O Papel da Internet no Processo de Construção do Conhecimento**. Uma perspectiva crítica sobre a relação dos alunos do 3º Ciclo com a Internet. Dissertação Mestrado em Ciências da Comunicação – Comunicação, Cidadania e Educação. 168f. Universidade do Minho, Portugal, 2006.

NÓVOA, Antonio. (coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 2002.

PACIEVITCH, Thais. Tecnologia da Informação e Comunicação. Infoescola. Disponível em: [www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/](http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/). Acesso em: 13 jul. 2013

PEREIRA, João Thomaz. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PROGRAMAS DE INCENTIVO À INSERÇÃO DIGITAL DO GOVERNO FEDERAL. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/acesso-a-bibliotecas-publicas-na-rede>>. Acessado em: 05 mar 2013.

PORTAL EDUCACIONAL. Entrevista com o professor José Manuel Moran. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0025.asp>>. Acesso em 24/10/2013.

PORVIR. **Educação**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/e-possivel-fazer-educacao-de-qualidade-sem-escola-diz-educador,ccec132363e7d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>> Acesso em: 20/08/2013.

REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE. Volume 01 / n. 01 ago.-dez. 2009: Artigos. ISSN 2176-4360. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/3/1>>. Acessos em: 15/07/2003.

RIBEIRO, José Otacílio. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: COSCCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 04 março 2013.

SECRETARIA DE ENSINO MÉDIO. **Parâmetros curriculares nacionais Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acesso em: 04 março 2013.

SIED. Simpósio Internacional de Educação a Distância. **Letramento digital como requisito para a inclusão digital e o exercício da cidadania** Viviane Raposo Pimenta; Leonardo Moreira Pereira. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Trabalhos/228-998-1-ED.pdf>> Acesso em: 15/07/2013.

SILVA, A.A.T. **Ensinar e Aprender com as Tecnologias**. Um estudo sobre as atitudes, formação, condições de equipamento e utilização nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do Concelho de Cabeceiras de Basto. Dissertação (Mestrado em Formação Psicológica de Professores). Orientação do Professor Doutor Bento Duarte da Silva. 2004. 249f. Universidade do Minho. Portugal, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é afinal, estudos sociais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. Vol. 23, N. 81, Dez. 2002, p. 143-162.

VALENTE, José Armando (Org). **Formação de educadores para o uso da informática na escola**. Campinas: Nied, 2003.

Tecnologia. Revista Nova Escola. **A tecnologia precisa estar presente na sala de aula**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/tecnologia-a-na-escola-618016.shtml>> Acesso em: 19/08/2013.

XAVIER, A. C. S. **Letramento digital e ensino**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>> Acesso em: 01 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Hipertexto e tecnologias na educação. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Antonio-Carlos-Xavier.pdf>> Acesso em: 04 març. 2013.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



### INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia

### CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

**Prezada Diretora,**

A pesquisa, intitulada **Tecnologia e identidade docente: o professor de língua materna na era da cibercultura**, será desenvolvida por meio de entrevista a professores de língua portuguesa desta instituição de ensino.

As informações registradas serão fornecidas para subsidiar a participação voluntária neste estudo, o qual visa traçar a identidade do professor de língua materna na contemporaneidade.

Em qualquer etapa do estudo, a senhora terá acesso ao pesquisador, cujos dados seguem ao final desta, para esclarecimento de eventuais dúvidas.

As informações coletadas serão, posteriormente, analisadas, sendo garantido o sigilo absoluto e resguardando-se os nomes dos participantes, assim como a identificação do local de coleta dos dados. A divulgação do trabalho será feita por meio de artigos, comunicações em congressos e eventos científicos.

Todos os participantes serão esclarecidos da finalidade da pesquisa e autorizarão, por escrito (cf. Anexo), sua participação. No caso específico de alunos menores de idade, os pais assinarão o consentimento de participação.

Todas as fases da pesquisa serão cuidadosamente analisadas, cumprindo os protocolos éticos previstos para a participação de pessoas em pesquisas na área das Ciências Humanas.

Pretende-se que este trabalho traga contribuições importantes e abra novas

perspectivas de estudos de outras temáticas derivadas das discussões e questões que vierem a ser identificadas por meio desta pesquisa.

Sem mais, antecipam-se sinceros agradecimentos por seu apoio e compreensão, certo de sua colaboração para o desenvolvimento da pesquisa científica em sua instituição.

Pelotas, novembro de 2012.

Julio Mario da Silveira Marchand

## APÊNDICE 2

### CARTA DE AUTORIZAÇÃO



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
SUL-RIO-GRANDENSE  
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia**

## ANEXO

### CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, diretora da  
Escola \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, autorizo o pesquisador Júlio Mário da Silveira Marchand a desenvolver, nesta  
instituição, o projeto de pesquisa intitulado: **“Tecnologia e identidade docente: o  
professor de língua materna na era da cibercultura”**.

---

Pelotas, novembro de 2012

### APÊNDICE 3

#### TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO



#### INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia

#### TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu \_\_\_\_\_,  
CPF \_\_\_\_\_, CI \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e participar da pesquisa referente ao projeto intitulado: **Tecnologia e identidade docente: o professor de língua materna na era da cibercultura** desenvolvido por Júlio Mário da Silveira Marchand. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula de Araújo Cunha, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é traçar, por meio de uma pesquisa qualitativa, a identidade do professor de língua portuguesa na contemporaneidade.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Minha colaboração se fará de forma anônima, sendo minha identidade preservada. Dessa forma, o acesso e a análise dos dados coletados dar-se-á apenas pelo (a) pesquisador e seu orientador. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada

deste Termo de LIVRE Consentimento, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Pelotas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012

Assinatura do (a) participante:

Assinatura da pesquisadora:

Assinatura da orientadora:

## APÊNDICE 4

### QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA



## INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia

**Júlio Mário da Silveira Marchand (pesquisador)**  
**Ana Paula de Araújo Cunha (orientadora)**

**Pesquisa:** Tecnologia e identidade docente: o professor de língua materna na era da cibercultura

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Professor:** \_\_\_\_\_

**Tempo de atuação docente:** \_\_\_\_\_

---

### QUESTÕES NORTEADORAS da Entrevista

1. Você se considera um letrado virtual, ou seja, considera que domina as ferramentas virtuais oferecidas hoje?
2. Em que medida a tecnologia está presente em sua atuação profissional? Descreva situações ou atividades.

3. Que tecnologias, na sua opinião, são essenciais à atuação de professores de línguas, considerando-se o atual contexto sócio-histórico?
4. Para você, qual a importância da utilização de meios tecnológicos na sala de aula?
5. Que tipos de recursos tecnológicos você usa na sala de aula? De que maneira você utiliza esses recursos?
6. Ao solicitar alguma pesquisa a seus alunos, costuma indicar algum *site*? Qual(is)?
7. Você costuma pesquisar na *Internet* para obter novos materiais para trabalhar em aula? Caso não, qual(is) o(s) motivo(s)?
8. Você costuma trabalhar com as redes sociais (*Facebook*, *Twitter*) ferramentas de ensino e aprendizagem? Caso utilize, exemplifique.
9. O que é necessário para que o professor utilize os recursos tecnológicos a seu favor no contexto de sala de aula? Por quê?
10. Quais são os empecilhos no que se refere à utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula?
11. O avanço tecnológico acarretou mudança metodológica na sua prática docente? Explique.
12. A escola contribui com um ambiente favorável para uma atuação efetiva no universo virtual? O que isso acarreta?
13. Como ocorreu a inserção tecnológica em sua escola? Você foi preparado para a inserção de novas tecnologias no seu fazer pedagógico?
14. Como você julga a sua atuação profissional em relação ao uso de tecnologias em sala de aula? Que sensação isso lhe causa? Explique.

15. Você atua em outras escolas? Quantas? Caso trabalhe em outras escolas, a metodologia aplicada é a mesma? Por quê?

## **ANEXOS**

**ANEXO 1****DECRETO Nº 6.948, DE 25 DE AGOSTO DE 2009.****Presidência da República**  
**Casa Civil**  
**Subchefia para Assuntos Jurídicos****DECRETO Nº 6.948, DE 25 DE AGOSTO DE 2009.**

Institui o Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital - CGPID, e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea "a", da Constituição, e tendo em vista o disposto nos arts. 28 a 30 da Lei nº 11.196, de 21 de novembro de 2005,

**DECRETA:**

Art. 1º Fica instituído, no âmbito da Presidência da República, o Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital - CGPID.

Art. 2º Ao CGPID compete:

I - estabelecer as diretrizes gerais de gestão e aplicação dos recursos financeiros destinados ao Programa de Inclusão Digital, de que trata a [Lei nº 11.196, de 21 de novembro de 2005](#), e projetos que o integram;

II - aprovar o plano anual de trabalho do Programa de Inclusão Digital e avaliar seus resultados periodicamente;

III - acompanhar e monitorar a implementação e desempenho dos projetos no âmbito do Programa de Inclusão Digital;

IV - articular-se com os demais comitês gestores e grupos de trabalho interministeriais criados no âmbito do Governo Federal, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios com objetivos específicos vinculados a programas e projetos de inclusão digital;

V - elaborar estudos e propostas relativos a projetos relacionados no Programa de Inclusão Digital e destinados a subsidiar as decisões no âmbito da Presidência da República, relativas a projetos e programas de inclusão digital;

VI - prestar assistência e assessoramento aos órgãos da Presidência da República em temas relacionados a programas e projetos de inclusão digital e seu acompanhamento; e

VII - elaborar o seu regimento interno.

Art. 3º O Comitê Gestor será composto por um representante, titular e suplente, de cada um dos seguintes órgãos:

- ~~I - Casa Civil da Presidência da República, que o presidirá;~~
- ~~II - Gabinete Pessoal do Presidente da República;~~
- ~~III - Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República;~~
- ~~IV - Ministério das Comunicações;~~
- ~~V - Ministério da Ciência e Tecnologia;~~
- ~~VI - Ministério da Educação;~~
- ~~VII - Ministério da Cultura; e~~
- ~~VIII - Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.~~

I - Casa Civil da Presidência da República, que o presidirá; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

II - Gabinete Pessoal do Presidente da República; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

III - Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

IV - Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

V - Ministério das Comunicações; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

VI - Ministério da Ciência e Tecnologia; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

VII - Ministério da Educação; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

VIII - Ministério da Cultura; [\(Redação dada pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

IX - Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

X - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

XI - Ministério da Saúde; e [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

XII - Ministério da Fazenda. [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

§ 1º Os membros do CGPID serão indicados pelos titulares dos órgãos representados e designados pelo Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

§ 2º A Secretaria-Executiva do CGPID será exercida pelo Gabinete Pessoal do Presidente da República.

§ 3º A Secretaria-Executiva do CGPID poderá convidar representantes de outros órgãos ou entidades, públicas ou privadas, para participar das reuniões do colegiado, sem direito a voto.

Art. 4º Compete à Secretaria-Executiva do CGPID:

I - supervisionar e coordenar as atividades do CGPID, em articulação com seu Presidente;

II - prestar, com a colaboração dos demais órgãos que o integram, o apoio técnico ao desempenho das atribuições do CGPID;

III - preparar as reuniões do CGPID;

IV - acompanhar a implementação das deliberações e diretrizes fixadas pelo CGPID;

V - elaborar minutas de relatórios de desempenho do Programa de Inclusão Digital e projetos vinculados, a serem apreciados e aprovados pelo CGPID;

VI - encaminhar à Casa Civil da Presidência da República pedido fundamentado para que seja requisitado servidor ou empregado público de qualquer órgão da administração pública federal, na forma do disposto no [art. 2º da Lei nº 9.007, de 17 de março de 1995](#), e nos [arts. 26 a 28 do Decreto nº 5.135, de 7 de julho de 2004](#); e

VII - exercer outras atividades que lhe sejam atribuídas pelo CGPID.

Parágrafo único. O CGPID terá uma assessoria técnica permanente, vinculada à Secretaria-Executiva. [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

Art. 5º A Secretaria de Administração da Casa Civil da Presidência da República prestará o apoio administrativo aos trabalhos do CGPID e de sua Secretaria-Executiva.

Art. 5º-A. O CGPID deliberará mediante resoluções, por maioria simples, cabendo ao seu presidente o voto de qualidade. [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

Art. 5º-B. Serão grupos temáticos do CGPID, sem prejuízo de outros que venham a ser fixados no regimento interno: [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

I - Grupo Temático de Infraestrutura e Serviços de Telecomunicações, coordenado pelo Ministério das Comunicações; [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

II - Grupo Temático de Aplicações, coordenado pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão; [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

III - Grupo Temático de Conteúdo, coordenado conjuntamente pelos Ministérios da Cultura e da Educação; e [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

IV - Grupo Temático de Política Industrial, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, coordenado conjuntamente pelos Ministérios do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e da Ciência e Tecnologia. [\(Incluído pelo Decreto nº 7.175, de 2010\)](#)

Art. 6º O CGPID elaborará seu regimento interno no prazo de trinta dias, contados da publicação deste Decreto, a ser aprovado pela Ministra de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.

Art. 7º A participação no CGPID será considerada serviço de natureza relevante e não enseja qualquer tipo de remuneração.

Art. 8º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de Agosto de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Dilma Roussef

Este texto não substitui o publicado no DOU de 26.8.2009

**ANEXO 2**

**DECRETO Nº 6.424, DE 4 DE ABRIL DE 2008.**



**Presidência da República**

**Casa Civil**

**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**DECRETO Nº 6.424, DE 4 DE ABRIL DE 2008.**

Altera e acresce dispositivos ao Anexo do Decreto nº 4.769, de 27 de junho de 2003, que aprova o Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Telefônico Fixo Comutado prestado no Regime Público - PGMU.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 9.472, de 16 de junho de 1997,

**DECRETA:**

Art. 1º O Capítulo IV do Anexo ao Decreto nº 4.769, de 27 de junho de 2003, passa a denominar-se “DAS METAS DE IMPLEMENTAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA DE REDE DE SUPORTE DO STFC PARA CONEXÃO EM BANDA LARGA”.

Art. 2º O Capítulo V do Anexo ao Decreto nº 4.769, de 2003, passa a denominar-se “DAS METAS DE POSTOS DE SERVIÇO EM ZONA RURAL”.

Art. 3º Os arts. 3º, 13, 16 e 17 do Anexo ao Decreto nº 4.769, de 2003, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 3º .....

.....

XII - Unidade de Atendimento de Cooperativa - UAC é aquela que atende efetivamente os associados de uma cooperativa, desenvolvendo atividades específicas, tais como unidades de armazenagem, embalagem, frigorificação, crédito e infra-estrutura, entre outras;

.....

**XIV - Backhaul** é a infra-estrutura de rede de suporte do STFC para conexão em banda larga, interligando as redes de acesso ao **backbone** da operadora.

.....” (NR)

**Art. 13.** A concessionária deverá instalar **backhaul** nas sedes dos municípios e localidades ainda não atendidos, em suas respectivas áreas geográficas de concessão, observadas as seguintes disposições:

I - quarenta por cento das sedes dos municípios, até 31 de dezembro de 2008;

II - oitenta por cento das sedes dos municípios, até 31 de dezembro 2009; e

III - cem por cento das sedes dos municípios, até 31 de dezembro 2010.

§ 1º As despesas e as receitas resultantes da implementação do disposto assim como o eventual saldo dos recursos, serão apurados até 31 de julho em forma a ser estabelecida por regulamento da ANATEL.

§ 2º Verificado, nos termos do disposto no § 1º, eventual saldo positivo, este será utilizado na ampliação do **backhaul**, o que se dará pelo atendimento a localidades a que se refere o **caput** ou, em já estando todas as localidades atendidas, pelo aumento das capacidades mínimas de transmissão, na forma de regulamento a ser estabelecido pela ANATEL.

§ 3º Os critérios de atendimento às novas localidades, conforme o disposto no § 2º, serão definidos em regulamento da ANATEL.

§ 4º À concessionária que já houver atendido ao disposto no **caput** e seus incisos na data da publicação deste Decreto será aplicado o disposto no § 2º.

§ 5º A concessionária tem por obrigação disponibilizar o acesso à infra-estrutura de que trata o **caput**, nos termos da regulamentação aplicável, atendendo, preferencialmente, a implementação de políticas públicas para as telecomunicações.

§ 6º Fica excluída da obrigação constante deste artigo a concessionária na modalidade longa distância nacional e internacional.” (NR)

**Art. 16.** A partir de 1º de junho de 2008, as concessionárias de STFC deverão ativar um PST para atender a cada UAC localizada em zona rural, mediante solicitação do representante legal da cooperativa, no prazo máximo de cento e vinte dias.

§ 1º A responsabilidade pelo cumprimento do disposto neste artigo, para UAC situada à distância geodésica igual ou inferior a trinta quilômetros de localidade, atendida com STFC com acessos individuais, é da concessionária do serviço na modalidade Local.

§ 2º A responsabilidade pelo cumprimento do disposto neste artigo, para UAC situada à distância geodésica superior a trinta quilômetros de localidade, atendida com STFC com acessos individuais, será da concessionária do serviço nas modalidades Longa Distância exclusivamente nacional.” (NR)

“[Art. 17.](#) Cada PST de UAC deve dispor de, pelo menos, um TUP, um TAP e facilidades que permitam o envio e recebimento de textos, imagens e gráficos, em modo fac-símile, bem como deve estar acessível ao público em geral sete dias por semana, no mínimo oito horas por dia, buscando-se adequação do horário de funcionamento à realidade local.” (NR)

Art. 4º O Anexo ao Decreto nº 4.769, de 2003, passa a vigorar acrescido dos seguintes arts. 2ºA e 13A:

“[Art. 2º-A.](#) Na contratação de serviços e na aquisição de equipamentos e vinculados à execução das obrigações estabelecidas neste Plano, será dada preferência a bens e serviços oferecidos por empresas situadas no País, aqueles com tecnologia nacional, nos termos da regulamentação vigente”

“[Art. 13-A.](#) A capacidade mínima de transmissão do **backhaul**, para atendimento aos municípios, deverá considerar a população do respectivo município, observando as seguintes disposições:

I - em municípios de até 20.000 habitantes, capacidade mínima de 8 Mbps nas respectivas sedes;

II - em municípios entre 20.001 e 40.000 habitantes, capacidade mínima de 16 Mbps nas respectivas sedes;

III - em municípios entre 40.001 e 60.000 habitantes, capacidade mínima de 32 Mbps nas respectivas sedes; e

IV - em municípios com mais de 60.000 habitantes, capacidade mínima de 64 Mbps nas respectivas sedes.

§ 1º As capacidades mínimas de transmissão a que se refere o **caput** deverão considerar o enlace de maior capacidade e não poderão ser compartilhadas com outros municípios.

§ 2º Os municípios que só puderem ser atendidos via satélite poderão ter a capacidade mínima de transmissão, a que se referem os incisos do **caput** deste artigo, reduzida para 2 Mbps, 4 Mbps, 8 Mbps e 16 Mbps, respectivamente.

§ 3º Os municípios referidos no § 2º, quando puderem ser atendidos por infraestrutura diversa da satelital, deverão observar as capacidades mínimas estabelecidas nos incisos do **caput** deste artigo.

§ 4º Para atendimento às localidades não contempladas nos incisos I a IV do **caput**, a capacidade mínima de transmissão deverá considerar a população da respectiva localidade, observando as seguintes disposições:

I - em localidades com até 5.000 habitantes, capacidade mínima de 2 Mbps; e

II - em localidades com mais de 5.000 habitantes, capacidade mínima de 4 Mbps.

§ 5º As capacidades mínimas de transmissão a que se refere o § 4º deverão considerar o enlace de maior capacidade e não poderão ser compartilhadas com outras localidades.” (NR)

Art. 5º Compete à ANATEL estabelecer, mediante regulamento, parâmetros para a aferição do cumprimento das metas previstas no PGMU.

Art. 6º Os regulamentos de competência da ANATEL deverão ser por ela editados no prazo de cento e vinte dias, a contar da publicação deste Decreto.

Art. 7º Ficam revogados os [arts. 14 e 15 do Anexo ao Decreto nº 4. de junho de 2003.](#)

Art. 8º Este Decreto entre em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 4 de abril de 2008; 187ª da Independência e 120ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Helio Costa*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 7.4.2008

**ANEXO 3****DECRETO Nº 7.175, DE 12 DE MAIO DE 2010.****Presidência da República****Casa Civil****Subchefia para Assuntos Jurídicos****DECRETO Nº 7.175, DE 12 DE MAIO DE 2010.**

Institui o Programa Nacional de Banda Larga - PNBL; dispõe sobre remanejamento de cargos em comissão; altera o Anexo II ao Decreto nº 6.188, de 17 de agosto de 2007; altera e acresce dispositivos ao Decreto nº 6.948, de 25 de agosto de 2009; e dá outras providências.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, incisos IV e VI, alínea "a", da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 3º, inciso VII, da Lei nº 5.792, de 11 de julho de 1972, e na Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997,

**DECRETA:**

Art. 1º Fica instituído o Programa Nacional de Banda Larga - PNBL com o objetivo de fomentar e difundir o uso e o fornecimento de bens e serviços de tecnologias de informação e comunicação, de modo a:

I - massificar o acesso a serviços de conexão à *Internet* em banda larga;

II - acelerar o desenvolvimento econômico e social;

III - promover a inclusão digital;

IV - reduzir as desigualdades social e regional;

V - promover a geração de emprego e renda;

VI - ampliar os serviços de Governo Eletrônico e facilitar aos cidadãos o uso dos serviços do Estado;

VII - promover a capacitação da população para o uso das tecnologias de informação; e

VIII - aumentar a autonomia tecnológica e a competitividade brasileiras.

Art. 2º O PNBL será implementado por meio das ações fixadas pelo Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital - CGPID, instituído pelo [Decreto nº 6.948, de 25 de agosto de 2009](#).

Art. 3º Compete ao CGPID, além das atribuições previstas no [art. 2º do Decreto nº 6.948, de 2009](#), a gestão e o acompanhamento do PNBL, cabendo-lhe:

I - definir as ações, metas e prioridades do PNBL;

II - promover e fomentar parcerias entre entidades públicas e privadas para o alcance dos objetivos previstos no art. 1º;

III - fixar a definição técnica de acesso em banda larga, para os fins d

IV - acompanhar e avaliar as ações de implementação do PNBL; e

V - publicar relatório anual das ações, metas e resultados do PNBL.

Art. 4º Para a consecução dos objetivos previstos no art. 1º, nos termos do [inciso VII do art. 3º da Lei nº 5.792, de 11 de julho de 1972](#), caberá à Telecomunicações Brasileiras S.A. - TELEBRÁS:

I - implementar a rede privativa de comunicação da administração pública federal;

II - prestar apoio e suporte a políticas públicas de conexão à *Internet* em banda larga para universidades, centros de pesquisa, escolas, hospitais, postos de atendimento, telecentros comunitários e outros pontos de interesse público;

III - prover infraestrutura e redes de suporte a serviços de telecomunicações prestados por empresas privadas, Estados, Distrito Federal, Municípios e entidades sem fins lucrativos; e

IV - prestar serviço de conexão à *Internet* em banda larga para usuários finais, apenas e tão somente em localidades onde inexista oferta adequada daqueles serviços.

§ 1º A TELEBRÁS exercerá suas atividades de acordo com a legislação e a regulamentação em vigor, sujeitando-se às obrigações, deveres e condicionamentos aplicáveis.

§ 2º Os sistemas de tecnologia de informação e comunicação destinados às atividades previstas nos incisos I e II do **caput** são considerados estratégicos para fins de contratação de bens e serviços relacionados a sua implantação, manutenção e aperfeiçoamento.

§ 3º A implementação da rede privativa de comunicação da administração pública federal de que trata o inciso I do **caput** consistirá na provisão de serviços, infraestrutura e redes de suporte à comunicação e transmissão de dados, na forma da legislação em vigor.

§ 4º O CGPID definirá as localidades onde inexista a oferta adequada de serviços de conexão à *Internet* em banda larga a que se refere o inciso IV do **caput**.

Art. 5º No cumprimento dos objetivos do PNBL, fica a TELEBRÁS autorizada a usar, fruir, operar e manter a infraestrutura e as redes de suporte de serviços de telecomunicações de propriedade ou posse da administração pública federal.

Parágrafo único. Quando se tratar de ente da administração federal indireta, inclusive empresa pública ou sociedade de economia mista controlada pela União, o uso da infraestrutura de que trata o **caput** dependerá de celebração de contrato de cessão de uso entre a TELEBRÁS e a entidade cedente.

Art. 6º A Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL, de acordo com as competências estabelecidas pela [Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997](#), implementará e executará a regulação de serviços de telecomunicações e da infraestrutura de rede de suporte de conexão à *Internet* em banda larga, orientada pelas seguintes diretrizes:

I - promoção da concorrência e da livre iniciativa;

II - estímulo a negócios inovadores que desenvolvam o uso de serviços convergentes;

III - adoção de procedimentos céleres para a resolução de conflitos;

IV - obrigatoriedade do compartilhamento de infraestrutura;

V - gestão de infraestrutura pública e de bens públicos, inclusive de radiofrequência, de forma a reduzir os custos do serviço de conexão à *Internet* em banda larga; e

VI - ampliação da oferta de serviços de conexão à *Internet* em banda larga na instalação da infraestrutura de telecomunicações.

Parágrafo único. Na execução das medidas referidas neste artigo, a ANATEL deverá observar as políticas estabelecidas pelo Ministério das Comunicações.

Art. 7º Ficam remanejados da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão para o Gabinete Pessoal do Presidente da República, a fim de atender às necessidades da Secretaria-Executiva do CGPID, dez cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS, sendo cinco DAS 102.4, um DAS 102.3 e quatro DAS 102.2.

~~Parágrafo único. O [Anexo II ao Decreto nº 6.188, de 17 de agosto de 2007](#), passa a vigorar na forma do [Anexo a este Decreto. \(Revogado pelo Decreto nº 7.462, de 2011\)](#)~~

Art. 8º Os arts. 3º e 4º do [Decreto nº 6.948, de 2009](#), passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 3º.....”

- I - Casa Civil da Presidência da República, que o presidirá;
- II - Gabinete Pessoal do Presidente da República;
- III - Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República;
- IV - Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República;
- V - Ministério das Comunicações;
- VI - Ministério da Ciência e Tecnologia;
- VII - Ministério da Educação;
- VIII - Ministério da Cultura;
- IX - Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão;
- X - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior;
- XI - Ministério da Saúde; e
- XII - Ministério da Fazenda.

.....” (NR)

“Art. 4º .....

Parágrafo único. O CGPID terá uma assessoria técnica permanente, vinculada à Secretaria-Executiva.” (NR)

Art. 9º O Decreto no 6.948, de 2009, passa a vigorar acrescido dos seguintes dispositivos:

“Art. 5º-A. O CGPID deliberará mediante resoluções, por maioria simples, cabendo ao seu presidente o voto de qualidade.

Art. 5º-B. Serão grupos temáticos do CGPID, sem prejuízo de outros que venham a ser fixados no regimento interno:

- I - Grupo Temático de Infraestrutura e Serviços de Telecomunicações, coordenado pelo Ministério das Comunicações;
- II - Grupo Temático de Aplicações, coordenado pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão;
- III - Grupo Temático de Conteúdo, coordenado conjuntamente pelos Ministérios da Cultura e da Educação; e
- IV - Grupo Temático de Política Industrial, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, coordenado conjuntamente pelos Ministérios do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e da Ciência e Tecnologia.” (NR)

Art. 10. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 11. Fica revogado o art. 8º do Anexo ao Decreto nº 2.546, de 14 de abril de 1998.

Brasília, 12 de maio de 2010; 189<sup>o</sup> da Independência e 122<sup>o</sup> da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Paulo Bernardo Silva*

*Jose Artur Filardi Leite*

*Erenice Guerra*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 13.5.2010

## ANEXO 4

### ENTREVISTA COM A PESQUISADORA ESISÂNGELA FERNANDES

#### TECNOLOGIA

**A tecnologia precisa estar presente na sala de aula**

**Pesquisadora da PUC-SP alerta que o currículo escolar não pode continuar dissociado das novas possibilidades tecnológicas**

**08/02/2011**

**11:18**

Texto **Elisângela Fernandes**



**"A tecnologia precisa estar à mão para a produção de conhecimento dos alunos à medida que surja a necessidade", diz a professora Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida**

Em um mundo cada vez mais globalizado, utilizar as **novas tecnologias** de forma integrada ao **projeto pedagógico** é uma maneira de se aproximar da geração que está nos bancos escolares. A opinião é de Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, coordenadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Defensora do uso das **Tecnologias de Informação e Comunicação** (TIC) em sala de aula, Beth Almeida faz uma ressalva: a tecnologia não é um enfeite e o

professor precisa compreender em quais situações ela efetivamente ajuda no **aprendizado** dos alunos. "Sempre pergunto aos que usam a tecnologia em alguma atividade: qual foi a **contribuição**? O que não poderia ser feito sem a tecnologia? Se ele não consegue identificar claramente, significa que não houve um ganho efetivo", explica.

Nesta entrevista para NOVA ESCOLA, a especialista no uso de novas tecnologias em Educação, formação docente e gestão falou sobre os problemas na formação inicial e continuada dos professores para o uso de TICs e de como integrá-las ao cotidiano escolar.

O que é Webcurrículo?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** É o currículo que se desenvolve por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, especialmente mediado pela *Internet*. Uma forma de trabalhá-lo é informatizar o ensino ao colocar o material didático na rede. Mas o webcurrículo vai além disso: ele implica a incorporação das principais características desse meio digital no desenvolvimento do currículo. Isto é, implica apropriar-se dessas tecnologias em prol da interação, do trabalho colaborativo e do protagonismo entre todas as pessoas para o desenvolvimento do currículo. É uma integração entre o que está no documento prescrito e previsto com uma intencionalidade de propiciar o aprendizado de conhecimentos científicos com base naquilo que o estudante já traz de sua experiência. O webcurrículo está a favor do projeto pedagógico. Não se trata mais do uso eventual da tecnologia, mas de uma forma integrada com as atividades em sala de aula.

O uso das TIC facilita o interesse dos alunos pelos conteúdos?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** É o currículo que se desenvolve por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, especialmente mediado pela *Internet*. Uma forma de trabalhá-lo é informatizar o ensino ao colocar o material didático na rede. Mas o webcurrículo vai além disso: ele implica a incorporação das principais características desse meio digital no desenvolvimento do currículo. Isto é, implica apropriar-se dessas tecnologias em prol da interação, do trabalho colaborativo e do protagonismo entre todas as pessoas para o desenvolvimento do currículo. É uma integração entre o que está no documento prescrito e previsto com uma intencionalidade de propiciar o aprendizado de conhecimentos científicos com

base naquilo que o estudante já traz de sua experiência. O webcurrículo está a favor do projeto pedagógico. Não se trata mais do uso eventual da tecnologia, mas de uma forma integrada com as atividades em sala de aula.

Como integrar efetivamente essas tecnologias ao currículo escolar e ao projeto pedagógico?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** A primeira coisa é ter a tecnologia disponível. É por isso que não se observam resultados tão favoráveis quando há apenas um laboratório para toda a escola. A tecnologia tem de estar na sala de aula, à mão no momento da necessidade. Pode ser um pequeno laboratório na sala ou um computador por aluno. Não estou falando exclusivamente de computador, mas de diversas tecnologias digitais.

A ideia do computador como o único acesso às TIC é ultrapassada?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Sem dúvida! Não que o laboratório não deva existir. Ele precisa estar na escola, mas passa a ser ressignificado. O laboratório é para uma atividade mais sofisticada, que exige recursos de uma reconfiguração, digamos, mais pesada e atualizada. Essa tecnologia precisa estar à mão para a produção de conhecimento dos alunos à medida que surja a necessidade.

Isso pressupõe um alto investimento, incompatível com a infraestrutura de muitas escolas.

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** O percentual de alunos em escolas muito precárias é pequeno. Em termos de política pública, não há solução única. É preciso buscar ações diferenciadas. Há que superar esses desafios quase simultaneamente e trabalhar em duas frentes: recuperar atrasos, alguns bem antigos, e inserir essa nova geração na sociedade digital.

Os telefones celulares já são amplamente acessíveis e oferecem muitas possibilidades didáticas – o trabalho com fotos, filmagens, mensagens e mesmo com a Internet –, mas a maioria das escolas prefere proibi-los. Não é uma atitude retrógrada?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Vetar o uso não adianta nada porque o aluno vai levar e utilizar ali, embaixo da carteira. É preciso criar estratégias para que os celulares sejam incorporados, pois oferecem vários recursos e não custam nada à escola. A proibição só incentiva o uso escondido e a desatenção na dinâmica da aula. Geralmente os estudantes, inclusive de escolas públicas, têm celular e o levam a todos os lugares. Ele é o instrumento mais usado pela população brasileira. Basta olhar as estatísticas. O que o webcurrículo prevê é o uso integrado da tecnologia. Os alunos, com seu celular, podem fazer o registro daquilo que encontram numa pesquisa de campo. Podem trabalhar textos e fotos e preparar pequenos documentários em vídeo. Isso precisa estar integrado ao conteúdo.

E como enfrentar as questões éticas e desenvolver e desenvolver uma postura crítica em relação a essas mídias?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Da mesma forma que nos preocupamos com essas questões em todos os campos. A tecnologia não é uma exceção, até porque ela potencializa o trabalho com diversas mídias, com imagens e textos. Ela facilita a cópia, o plágio. Mas não que isso não existisse antes. O bom é que, assim como simplifica a fraude, também facilita a detecção. E o que nos cabe como educadores? Cabe ajudar o aluno a entender o que é ético para que ele possa se pautar por uma conduta adequada aos dias de hoje, mas baseado em princípios que sempre existiram. A única novidade é o meio.

Temos bons exemplos de currículos que já incorporaram a tecnologia?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Já temos várias iniciativas importantes no país, mas é preciso ter em mente que os resultados, em Educação, não vêm em um curto prazo. Os currículos estão se alterando hoje e a diferença será sentida daqui a algum tempo. Mas a hora da mudança é agora.

As pesquisas conseguem demonstrar o impacto do uso das tecnologias no aprendizado dos alunos?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** É preciso trabalhar com a perspectiva de análise macro, pois ela é importantíssima para ter a ideia do que acontece no todo. Entretanto, é necessário fazer estudos de casos específicos porque assim é possível identificar as inovações, aquilo que aparece de mudança, o que há de diferente.

Para detectar os fatores que levaram à aprendizagem, é preciso acompanhar o aluno por algum tempo. Às vezes, ele demonstra um rendimento muito bom, mas isso é anterior e não necessariamente está relacionado ao uso das TIC. É difícil pegar essas situações. Os exames nacionais e internacionais não são feitos para identificar esses aprendizados. Nós vivemos uma situação paradoxal. Os sistemas de ensino estão preocupados em desenvolver os alunos para que eles tenham autonomia para atuar em uma sociedade em constante mudança. Mas o ritmo das escolas é o oposto disso.

O que é preciso para que a tecnologia seja integrada ao currículo?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** O currículo da sala de aula não é apenas o prescrito. Ele se desenvolve do que emerge das experiências de alunos e professores, do diálogo entre eles. Nesse sentido, o uso das TICs pode auxiliar muito porque, quando é desenvolvido um currículo mediatizado, é feito o registro dos processos e com essa base é possível identificar qual foi o avanço do aluno, quais as suas dificuldades e como intervir para ajudá-lo. Isso é pouco aproveitado ainda.

Uma recente pesquisa da Fundação Victor Civita (FVC) mostrou que 72% dos entrevistados não se sentem seguros em utilizar computadores na escola. A graduação não forma o professor para lidar com a tecnologia?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Não, a formação inicial não está dando conta disso. Temos vários estudos em que o professor reconhece que a tecnologia é importante e ele quer utilizá-la. Mas não é apenas porque tem pouco domínio que não a emprega. Para integrar as tecnologias, é preciso deter tanto o domínio instrumental como o conteúdo que deve ser trabalhado, as próprias concepções de currículo e as estratégias de aprendizagem. Tudo isso precisa ser integrado numa formação que alguns especialistas já chamam de "nova pedagogia".

Isso explica por que a pesquisa da FVC mostrou que 18% das escolas que têm laboratório de informática não usa o recurso com os alunos?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Provavelmente isso ocorre porque um único laboratório é muito pouco para dar conta da quantidade de alunos. Isso desestimula os professores, que, no máximo, conseguem levar a turma duas vezes

por semana. Aí não se cria uma cultura de mudança e de integração da tecnologia com o currículo por total falta de tempo.

Há algum trabalho de formação para as TIC sendo feito hoje no país?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Tem havido muitos programas públicos de formação continuada, entretanto há uma rotatividade enorme dos professores e isso se perde. Precisamos investir na ampliação do acesso às tecnologias e, principalmente, nessa formação.

O que devem contemplar os cursos de formação de professores? Especialistas dizem que eles devem tratar de atividades ligadas aos conteúdos...

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Não se pode separar forma de conteúdo. É preciso integrar o conteúdo à tecnologia, às estratégias de aprendizagem e às de ensino. Tudo isso precisa ser relacionado e analisado pelo professor. Mas é preciso cuidar da gestão desses programas de formação e principalmente da mediação pedagógica que ocorre nessa formação. Tanto as universidades públicas como as privadas precisam trabalhar com a realidade da sala de aula e estar comprometidas com a reflexão sobre a prática.

É possível para a escola acompanhar o ritmo de avanço das tecnologias?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** Não é necessário que isso ocorra. O importante é que o professor tenha oportunidade de reconhecer as potencialidades pedagógicas das TIC e aí assim incorporá-las à sua prática. Nem todas as tecnologias que surgirem terão potencial. Outras inicialmente podem não ter, mas depois o quadro muda. Primeiro, é preciso utilizar para si próprio para depois pensar sobre a prática pedagógica e as contribuições que as TIC podem trazer aos processos de aprendizagem. Daí a importância dos programas de formação.

O ensino a distância é uma tendência ou apenas uma alternativa?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** A Educação a distância não significa outra Educação. Educação a distância é Educação mediatizada por tecnologia. Quanto será presencial ou a distância, são as situações que vão dizer. Essa oposição entre uma e outra vai se perder. É possível ter Educação de qualidade a

distância e sem qualidade na forma presencial, ou vice-versa. Não é a modalidade que garante a qualidade.

A ideia de um professor diante de um quadro falando para 30 alunos sentados, ouvindo e anotando em seu caderno tem futuro?

**Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:** É uma coisa relativizada e não será abandonada. O professor detém um conhecimento científico maior e é absolutamente normal que ele exponha uma aula. Só que isso não pode ser um monólogo nem imperar o tempo inteiro. É fundamental que diferentes dinâmicas ocorram em sala de acordo com o projeto pedagógico.

## ANEXO 5

### ENTREVISTA COM O EDUCADOR TIÃO ROCHA

Uma perspectiva bastante inovadora apresenta o pesquisador Tião Rocha, para quem a escola aprisiona e uma educação de qualidade não precisa de salas ou muros, conforme entrevista que segue, disponível em <<http://noticias.terra.com.br/educacao/e-possivel-fazer-educacao-de-qualidade-sem-escola-diz-educador,ccec132363e7d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html/>>

18 de Março de 2013•13h03

#### **É possível fazer educação de qualidade sem escola, diz educador**

Para Tião Rocha, modelo escolar “aprisiona” e dá sinais de falência

A escola do futuro não existirá. Ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem. Esta é a expectativa de Tião Rocha, educador, antropólogo e uma das principais referências em ensino de folclore e cultura popular. Para ele, educação se faz com bons educadores e o modelo escolar arcaico “aprisiona” e há décadas dá sinais de falência. “Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender”, defende.

#### **Fundador da Embraer aponta falhas na formação de profissionais inovadores**

E é isso que o educador tem feito nos últimos 30 anos, desde que teve “um clarão” e deixou o emprego de professor na Ufop (Universidade Federal de Ouro Preto) para fundar o **Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento**, organização não-governamental sem fins lucrativos, criada em 1984, em Belo Horizonte (MG). Na cidade de Curvelo, no sertão mineiro e capital da literatura de Guimarães Rosa

(autoproclamada pelo escritor), Tião iniciou um projeto pedagógico baseado no uso da cultura local como matéria-prima do ensino e na proposta de que a educação acontece em qualquer lugar. E foi debaixo de um pé de manga que a pedagogia da roda começou. Em círculo, as crianças discutem, avaliam e decidem a atividade do dia.

Sua proposta de uma educação mais livre já atingiu mais de 500 educadores e 20.000 crianças. O projeto é reconhecido internacionalmente e foi levado a Moçambique e Guiné Bissau. “Nós comprovamos que é possível sim fazer educação de boa qualidade sem escola, em qualquer lugar. E aprendemos também que só podemos fazer boa educação, se tivermos bons educadores. Bons educadores são aqueles que geram processos permanentes de aprendizado e não repassadores de conteúdo”, afirma.

Autor premiado de propostas pedagógicas e livros didáticos sobre o uso do folclore e da cultura popular no ensino básico. Em 2007, Tião recebeu o prêmio Empreendedor Social, do jornal *Folha de S.Paulo* e da **Fundação Schwab**. Confira a entrevista concedida ao **Porvir** por telefone:

### **As escolas e os professores estão valorizando mais cultura popular?**

**Tião Rocha** - A percepção das observações que eu tenho é no caminho oposto. Não vejo como prática ampla. Alguns professores, algumas escolas, por iniciativa muito pessoal, dão importância para a cultura popular, mas isso não acontece como parte integrante de um sistema educacional. Sinto que ela está sendo cada vez mais substituída e, de certa forma, denegrida em função de outro conceito que é a *Internet*, as novas mídias, a tecnologia. Há uma supervalorização dessa modernidade em detrimento das tradições. Quando os meninos vão para a escola, de onde eles vêm, o que eles aprenderam, a herança que eles trazem têm importância zero. A escola está interessada em formar tecnicistas.

### **Qual é a importância de valorizar a cultura popular?**

**Rocha** - A grande questão é a ideia de as pessoas se sentirem parte integrante do território. Sentir que pertencem a algum lugar e que esse lugar está ligado e eles. Eles não estão soltos. A cultura popular e tradições trazem a identidade das pessoas para transformar indivíduos em pessoas. Esse afastamento das pessoas, da sua realidade, do seu mundo, do seu universo de tradições familiares e culturais é um

problema sério de falta de fixação do indivíduo com sua identidade. Ele vira massa de manobra.

**Recentemente o Rio de Janeiro inaugurou o Gente, uma escola municipal sem salas de aula, séries e carteiras ordenadas em fila. O espaço físico da escola está mudando? Como o senhor vê esse processo?**

**Rocha** - Acho que estamos caminhando, mas de forma muito lenta e atrasada, porque esta não é uma questão é nova, é bem antiga. Está muito arraigado no âmbito da sociedade, das nossas elites políticas, dos nossos dirigentes, que educação e escolarização são a mesma coisa. Há 30 anos eu me perguntava se era possível fazer educação sem escola ou debaixo de um pé de manga. Comprovamos que é possível sim fazer educação de boa qualidade sem escola, em qualquer lugar. O MEC continua produzindo cartilhas, distribuindo livros didáticos e os professores vão continuar a dar a mesma aula de sempre. As escolas vão continuar com seis aulas de matemática e nenhuma de cidadania, solidariedade ou artes. E continuarão com aulas de 50 minutos, como se todo mundo aprendesse em 50 minutos – essa imbecilidade continua presente em 2013.

**Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.**

**Tião Rocha** *antropólogo e educador*

**O que precisa ser feito?**

**Rocha** - Precisamos escancarar isso. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender. Não podemos ter um modelo como a escola, que deixa a maioria para trás, aproveita o mínimo e vai “informando” gente que não é crítica, que não pensa, que não age, que não é bom cidadão. Eu gostaria que um dia abolissem a escola. Será que nós sabemos o que colocar no lugar? Se tivermos boas referências, vamos fazer isso que está sendo feito nesse exemplo que você deu (da escola municipal do Rio de Janeiro). Não teremos escolas, teremos um galpão, um

espaço de aprendizagem. Um dia vamos acabar com o MEC também. Não precisa ter Ministério da Educação, precisa ter Ministério do Conhecimento.

**Nesse futuro que o senhor imagina, como seriam os espaços que sucederiam às escolas?**

**Rocha** - As escolas têm grades, têm currículo. É uma cadeia, uma prisão. Em vez de ela ser um espaço gerador de conhecimento, ela aprisiona conteúdos e determina que tipos de conteúdo os meninos precisam aprender – uma visão absolutamente equivocada. E para que os meninos precisam aprender isso? “Ah, é porque eles precisam vencer na vida”. Vencer na vida é o quê? É ganhar dinheiro, virar classe média alta? Se é pra ser feliz, eles tinham que ter mais música, mais poesia, mais solidariedade, e menos matemática, menos química. Eu defendo que todas as escolas, do pré-escolar ao pós-doutorado da USP, deveriam ter a mesma base curricular, a **Carta da Terra**. Todos deveriam estudar tudo baseado nesse documento, que pra mim foi o maior consenso que a humanidade já produziu. Um pacto com 16 artigos, de 185 países. Mais de 5.000 instituições passaram anos discutindo para chegar nisso. E ela está aí como letra morta, mais um papel.

**Vai demorar 50 anos para chegar um *tablet* na zona rural, e a zona urbana estará 50 anos na frente em termos de tecnologia, ou seja, nós estamos fazendo desigualdade de acesso às tecnologias de informação e comunicação.**

**Tião Rocha**

**Como o senhor avalia as tecnologias e inovações que estão chegando às salas de aula? Como usá-las de forma positiva para valorizar a cultura popular?**

**Rocha** - Acho que, de maneira geral, as tecnologias são meios e portanto estão a serviço e têm que atender uma causa. Há um avanço tão amplo nas tecnologias de informação e comunicação, os chamados TIC. Temos tanto TIC, tanto TIC, que hoje as pessoas estão tendo tique nervoso. É TIC demais. E para mim esses TIC só fazem sentido quando se transformam num “TAC”. Para cada Tecnologia de Informação e Comunicação, deveria haver uma Tecnologia de Aprendizado e Convivência. A grande questão é como transformar isso em um instrumento de aproximar e produzir solidariedade e compreensão nas pessoas. Vai demorar 50

anos para chegar um *tablet* na zona rural, e a zona urbana estará 50 anos na frente em termos de tecnologia, ou seja, nós estamos fazendo desigualdade de acesso às tecnologias de informação e comunicação.

## ANEXO 6

### RESPOSTAS DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

#### Professora 1 (P1)

**Tempo de atuação: 15 anos**

**Escola Pública**

Respostas:

- 1) Não, gosto muito de ler, até pouco tempo atrás usava como pesquisa os livros, mas é claro que, como professora, estou tentando me atualizar, mesmo achando que os livros jamais vão perder seu espaço.
- 2) Sendo a tecnologia o meio mais rápido de atualização, eu busco textos, exercícios cobrados em concursos e também comparações linguísticas do português padrão para a linguagem virtual.
- 3) Todo tipo de tecnologia que seja motivadora ao aluno, e hoje em dia eles têm acesso a tudo, trabalho de acordo com o que o aluno se interessa. A atuação do professor vai ser positiva.
- 4) Eu trabalho com a tecnologia de acordo com o desenvolver da turma, principalmente para estudos a distancia, pois o aluno se sente motivado a realizá-lo.
- 5) Em sala de aula trabalho na medida do possível, ou seja, pouco.
- 6) Não, deixo que eles procurem sozinhos, posso até estar errada, mas faço sempre a distância.
- 7) Trabalho com produção textual e isso me obriga a estar sempre informada sobre o que esta acontecendo no mundo.
- 8) Não, só escuto o que os alunos falam a respeito.

- 9) Mudança do sistema onde ainda parece que os melhores recursos são o giz e quadro.
- 10) O principal, a falta de tempo, sendo que são muitos conteúdos a serem vencidos.
- 11) Sim, embora seja uma professora preparada para trabalhar na forma tradicional, estou sempre me aperfeiçoando e a cada ano tentando inovar.
- 12) Sim, a escola está cheia de recursos. Com o tempo, todos nós vamos modificando nossa didática.
- 13) Não, o aprender tecnológico é vontade de cada um, sabemos que no mundo que vivemos precisamos evoluir.
- 14) A desejar, eu sei que devo usar mais os recursos, mas atualmente trabalho com 19 turmas, 10 planejamentos diferentes, o excesso acaba não me deixando fazer algo diferente, mas eu sei também que o mundo em evolução vai me obrigar a mudar.
- 15) Trabalho 40 h na mesma escola, procuro diversificar na medida do possível, mesmo não tendo a tecnologia em primeiro lugar em minhas aulas, eu sou atualizada e muito querida pelos alunos.

**Professora 2 (P2)**  
**Tempo de atuação: 21 anos**  
**Escola Pública**

Respostas:

- 1) Sim, já que trabalho diariamente com essas ferramentas.
- 2) Eu trabalho no laboratório de informática com os alunos diariamente em diversos *sites*.
- 3) A *Internet*, o uso da tecnologia na apresentação de trabalhos, data show, power point, entre outros.
- 4) Para aumentar o interesse do aluno pelas disciplinas.
- 5) Computadores data show para a apresentação de trabalhos dos próprios alunos, primeiro eles pesquisam na *Internet* depois eles apresentam para os outros.
- 6) Não, a pesquisa é livre, de forma a motivá-los a pesquisar, auxiliando quando necessário.
- 7) Sim, já que sempre há coisas novas na *Internet* que se pode usar no dia a dia.
- 8) Sim, porque isso faz parte do dia a dia dos alunos, aproveitamos as situações para inserir no contexto de sala de aula.
- 9) É necessário que ele tenha disposição, computadores com *Internet* e que queiram aprender, para ter um maior interesse dos alunos.
- 10) A falta de infraestrutura.
- 11) Com certeza, porque através da tecnologia veio a evolução, proporcionando aos alunos, de forma mais rápida, uma melhor aprendizagem.
- 12) A escola contribui bastante, ela disponibiliza computadores com *Internet*, um laboratório enfim aparelhagem necessária para uso do professor, acarretando uma melhor aprendizagem do aluno.

- 13) Sim, faz muito tempo, primeiro com máquinas mais antigas, agora com máquinas modernas e eu fiz um curso em POA de 3 meses para lidar com a parte pedagógica da informática na vida de professores e alunos.
- 14) É bom ver a parte que os alunos se interessam muito, porque faz parte do dia a dia deles, a maioria tem computador em casa e se for apresentado algo que não tenha tanto interesse não vai chamar atenção. Isso é gratificante porque eles encontrando na escola o ambiente que reproduz a vida deles fica mais fácil lidar com as situações de aprendizagem.
- 15) Não, atuo apenas em uma escola, manhã e tarde.

**Professor 3 (P3)**  
**Tempo de atuação: 23 anos**  
**Escola Particular**

Respostas:

1- Não como eu queria, mas acredito que tenho adquirido bastante conhecimento nos últimos anos, mesmo porque os alunos com os quais convivo a maior parte do tempo apresentam bastante conhecimento sobre as novas tecnologias. São bastante solícitos quando peço ajuda ou alguma instrução.

2- Acredito que não só profissionalmente, mas também no dia a dia da maioria das pessoas a tecnologia esteja presente. Pela manhã, sou despertada pelo celular, não vou para a sala de aula sem um *tablet*; na aula, utilizo *Datashow*, pelo menos que quinze em quinze dias, procuro utilizar a sala de informática para que os alunos realizem pesquisas, criem textos ou imagens, dependendo de suas habilidades. À noite, sempre preparo minhas aulas no computador.

3- Além das tecnologia habituais, utilizadas cotidianamente, não podemos desprezar o uso do computador, pois, no intuito de conseguirmos aulas mais interessantes, é imprescindível o uso da *Internet*, onde procuro textos atuais, técnicas motivadoras, imagens que ilustrem textos que já possuo, questões que podem ser utilizadas na prova.

4- Com o perfil de aluno que se tem hoje, acredito que principalmente no meu caso, que trabalho somente em escolas particulares, não podemos desprezar o conhecimento de nossos alunos e a rapidez com que a informação chega até eles. Acredito que o ritmo da sala de aula não pode ser lento, porque os alunos ficarão desmotivados.

5- Eu procuro diversificar quanto à utilização de recursos, justamente para tentar tornar o ensino da língua mais interessante. Assim, procuro usar os mais variadas recursos como, por exemplo, computador para pesquisas ou produções textuais, ou mesmo para criar imagens que ilustrem textos produzidos ou não pelos alunos. Utilizo *Datashow* para resumir conteúdos. Já criamos um *e-mail* para que as turmas trocassem ideias, fofocassem, discutissem a matéria. O *e-mail* serve para que

discutamos o uso da língua em suas diversificadas formas: uso do *Internetês*, linguagem escrita, linguagem oral.

6- Não costumo trabalhar com nenhum *site* em especial, mas algumas vezes lanço dúvidas quanto ao uso culto da língua e normalmente eles recorrem aos *site* especializados em tirar dúvidas de Língua Portuguesa.

7- Sim, habitualmente, não consigo imaginar a minha vida sem a *Internet*.

8- Já elaborei trabalho com o *facebook*, a ideia era que os alunos anos analisassem a utilização do uso de nossa língua por meio das postagens e elaborassem um relatório que seria apresentado e discutido em sala de aula.

9- Considero imprescindível que o professor domine, mesmo que minimamente, as ferramentas que estão ao dispor dos alunos, porque se não souber reconhecê-las não poderá nem mesmo pedir ajuda a eles.

10- Acredito que no meu caso seja o tempo, pois possuo carga horária bastante alta por turma e trabalho em mais de um lugar, fato comum quando se faz referência a professores, acredito não ser nenhuma novidade.

11- Sem dúvida, primeiramente obrigou-me a correr em busca do conhecimento, pois a escola exigia que eu utilizasse os recursos tecnológicos, mas nem sempre dava suporte para tal, fato que me obrigou a ir atrás de conhecimento nesta área. Além disso, precisei incorporar esse conhecimento a minha prática pedagógico.

12- Embora trabalhe na rede particular, acredito que nem todas as escolas estejam preparadas e abertas para o avanço tecnológico. Ainda encontro preconceito quanto à inserção de alguns trabalhos em sala de aula, principalmente no que se refere ao uso do *notebook* e do celular, pois ainda se acredita que o aluno irá se dispersar. Alguns ainda não entendem que toda essa tecnologia tornou os alunos mais dinâmicos, multitarefas.

13- Eu não fui preparada pela escola, embora sempre isso seja cobrado do aluno. Acredito que ainda se espere que o professor procure a atualização, que à escola só caiba a função de oferecer equipamentos.

14- Ainda me sinto engatinhando frente a todas as possibilidades que o universo tecnológico oferece. Mesmo que não queira ainda penso que se tivesse mais tempo livre, poderia construir mais conhecimento acerca desses recursos. Isso, às vezes me deixa bastante frustrada, saber que meu trabalho poderia ser melhor. Não sei, mas acho que às vezes cedo à pressão das instituições que sempre afirmam que a culpa é do professor.

15- Sim, atuo em mais uma escola e também trabalho com aulas particulares, o que me ocupa bastante tempo. Quanto à metodologia, sinto que quando se sai de uma escola para outra a metodologia muda, algumas oferecem mais equipamentos, outras menos, a cobrança quanto ao uso das tecnologias também muda, pois algumas escolas são mais contundentes, exigindo o uso, outras apenas estabelecem expectativas.

**Professor 4 (P4)**  
**Tempo de atuação: 10 anos**  
**Rede particular e pública**

1- Olha, considerando o uso da *Internet*, eu posso dizer que trabalho com vídeos, redes sociais, tenho contato com todas as ferramentas, mas tem algumas que estão no mercado e que eu não tive contato.

2- Dependeria, como o foco da pesquisa foi Ensino Médio, o que acontece, a gente é mais objetivo na sala de aula, então eu trabalhava mais focada em aulas expositivas, infelizmente, porque eles não fazem trabalhos no Ensino Médio. Como é muito focado em PAVE e ENEM, não dá abertura para muita pesquisa, a gente trabalha com o sistema X, que é um sistema que já traz muita bagagem de questões e acaba sendo mais conteudista a aula. Então eu trabalhava com power point, alguns vídeos, mas acabava focando muito no material. No Fundamental já é diferente, já dá mais abertura para fazer outro trabalho.

3- Olha, eu acho que a *Internet* nos possibilita um leque de opções de pesquisa, o próprio *facebook* é um lugar onde a gente pode ver tanta coisa, onde as pessoas compartilham ideias, coisas engraçadas, algumas tirinhas ou vídeos. E que é um trabalho bem interessante até de se pensar em fazer, que não foi feito, mas que é interessante até de se comentar em sala de aula, de se falar a respeito. Outra situação, o *youtube* é uma fonte de pesquisa, além de outros materiais teóricos que são importantes.

4- Eu tenho duas realidades diferentes, eu tenho a realidade de uma escola particular que te dá toda uma possibilidade de trabalho, nós temos a televisão na sala de aula, onde geralmente a gente leve o *notebook* e trabalha com o que quer, como outras coisas que tem acessórios que a gente pode pedir. Na rede particular é essencial, porque faz parte da vida do aluno, até já pedi, se eles não sabem uma palavra, como muitos têm *Internet* no próprio celular, que procurem. Então, assim, qualquer dúvida, claro que ela não deveria ser usada para outras coisas, como muitas vezes os alunos fazem, mas ela também pode ser utilizada de forma benéfica pelos alunos em sala de aula.

5- Como eu falei antes, no caso do Ensino médio, a gente acaba sendo mais objetivo e mais expositivo, não é o ideal, mas acaba assim. Eles têm no próprio sistema X um *site* de questões que eles podem trabalhar, mas como também é um tempo limitado de dois períodos por semana e a demanda é grande, então não conseguia trabalhar com esse *site*. Mas então, como eu falei, quando trabalhava em sala de aula, eram aulas já com o resumo da matéria e a explicação ao longo do período.

6- Eu já tinha falado que no Ensino Médio não se abre muito para pesquisa, mas no Fundamental sim, quando a gente direciona um trabalho geralmente já dá alguns *site* para eles terem uma ideia, por exemplo, até a leitura de alguns textos já se dá uma base para eles procurarem, senão eles ficam muito perdidos.

7- Sempre, porque antigamente a gente estava sempre buscando receber livros didáticos novos e procurar esses materiais nos livros ou também em revistas que falassem sobre os assuntos relacionados à sala de aula. Mas hoje não, hoje a gente coloca uma palavra-chave e o *Google* apresenta várias possibilidades de aulas prontas ou textos interessantes. Geralmente, até para uma prova ser interessante é legal pesquisar em vários *sites*, é uma fonte interessante.

8- Não, eu até acho que, em algumas entrevistas, eles acabaram colocando isso, mas, como eu falei, como a gente não trabalha essa questão da pesquisa, acaba sendo meio direcionado. Infelizmente, aí entra a questão da falta de tempo de planejar um trabalho maior e outra questão que eu acho relevante é que o aluno se motiva a fazer um trabalho, mas geralmente em função de uma nota. Se tu deres um trabalho simplesmente para o enriquecimento na aprendizagem, uma construção na aprendizagem, poucos vão fazer, apenas aqueles que estudam mais, às vezes, é um trabalho que não vale à pena quando não se tem uma nota para ser avaliado.

9- Eu acho que o professor, para trabalhar a seu favor com os recursos tecnológicos, é importante que ele aprenda primeiro a usá-los e que ele pesquise primeiro tudo o que ele quer, que tenha um planejamento da sua aula, qual é a finalidade, qual é o objetivo, porque na verdade não adianta colocar um vídeo e ele ser um fim; na verdade, ele tem que ser um meio para se chegar à construção do aprendizado, não ele ser o objetivo da aula.

10- A falta, às vezes, de tempo do professor no planejamento, visto que o professor, muitas vezes, tem uma carga horária grande. Outra questão é o conteúdo que ele tem de dar, que às vezes não permite esse tempo todo de trabalho com recursos de se fazer uma pesquisa ou algo diferente.

11- Com certeza, quando eu iniciei, eu queria ver um texto, então eu buscava em vários livros e aí eu tinha de digitar todo um texto e ficava buscando ideias com outros colegas, o que também é interessante até hoje, mas com uma tecnologia, tu vê até vídeoaulas, metodologias diferentes e outras práticas que tu podes aplicar na aula.

12- A escola quer essa mudança, tanto que, este ano, nós vamos trabalhar com *ipod* em sala de aula, os alunos terão o *ipod* e nós teremos todo o material didático no *ipod* e, com esse material, a gente pode inserir outros materiais para trabalhar. Então, estaremos totalmente focados na tecnologia, o objetivo é que o aluno tenha mais vontade de estar na sala de aula que ele se sinta mais sujeito, contruindo o seu conhecimento e que melhore realmente a questão da aprendizagem.

13- Todos nós somos um pouco autodidatas, temos de ser, até porque nós não somos nativos virtuais, eu já tinha uma formação quando isso ocorreu, então a gente corre atrás, claro que eu sei que, muitas vezes, o meu aluno sabe muito mais de alguma tecnologia que eu. Na minha escola, a princípio, só tinha o laboratório de informática, que era o auge da tecnologia. Depois, resolveu-se fazer salas das áreas. Deu certo, até certo ponto, mas resolveram mudar. Depois, em cada sala de aula, resolveram colocar os televisores e aí nós começamos a trabalhar com o nosso *notebook*, enfim, e levando o nosso material para a sala de aula.

14- Na verdade, essa é uma questão que, às vezes, nos angustia porque a gente sempre acha que pode fazer mais, e aí, mais uma vez, a gente busca melhorar, mas tenta trabalhar com o que dá e o que se pode. Claro que eu poderia trabalhar muito mais com a tecnologia em sala de aula, mas também simplesmente colocar uma aula expositiva em uma tela, acaba criando uma rotina, ou traz um vídeo engraçado ou uma reflexão. Eu acredito que, no início do ano letivo, eu trabalho mais e, ao longo do tempo, eu vou deixando um pouco mais de lado, até para não demandar muito tempo para terminar a matéria.

15- Sim, em mais de uma, passei em um concurso do Estado. Tive um choque de realidade, já imaginei que seria isso em relação à própria infraestrutura que a escola oferece. Até me surpreendi, porque a escola, apesar de pequena, é bem organizada e se tenta fazer o melhor, tem o datashow, claro que é uma demanda maior, tem que marcar horário para conseguir; recém estão fazendo o laboratório de física ou de química, o laboratório de informática estava desativado em função de eles terem recebido novos computadores, acredito que, no próximo ano, já esteja tudo bem. É diferente, outra estrutura, mas, apesar do choque, gostei bastante do material humano, alunos bem sedentos por aprender um pouco mais.